

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

INQUÉRITO AGRÍCOLA

E

FLORESTAL

CONCELHO

DE

ALCÁCER DO SAL

1951

INSTITUTO DE GESTÃO E ESTRUTURAÇÃO FUNDIÁRIA

BIBLIOTECA

N.º 2847 Ref.º P

Folha n.º

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

INQUÉRITO AGRÍCOLA E FLORESTAL

A O

CONCELHO DE ALCÁCER DO SAL

Realizado por:

António Félix da Cruz - engº. agrónomo

R. Gimenez Quinta - engº. silvicultor

DGDRural D.S. Planeamento
DDTI

Monografia n.º 18891 Vol. 212

Data de Entrada 26/6/06

COTA

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE: DILEMMA AGRÍCOLA

INTRODUÇÃO

I - CARACTERIZAÇÃO GERAL

A - <u>Cultura</u>	14
B - <u>Características hidrográficas</u>	24
a) - <u>Geografia</u>	24
b) - <u>Ecologia e agroecologia</u>	25
c) - <u>Zonas agrícolas</u>	10
C - <u>Clima</u>	21
D - <u>Águas</u>	24
a) - <u>Reservas de água</u>	24
b) - <u>Outras reservas aquíferas</u>	29
E - <u>Profiis</u>	31
F - <u>Nível de centralização</u>	32
G - <u>Arque</u>	33
H - <u>PROBLEMA AGRÍCOLA</u>	
A - <u>Culturas e técnicas culturais</u>	51
a) - <u>Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância e sua relativa e finalidade</u>	51
b) - <u>Afolhamentos e rotações tipo</u>	63
c) - <u>Edenice cultural</u>	66

	Págs.
I - MATRÍCIA CANTITATIVA	71
a)-Patentes	71
b)-Lisões	76
c)-Diferença	76
C - Medicina e Alimentação	76
D - Indústria e Preços	77
E - Indústria Agrícola	81
a)-Óleofolia	81
b)-Vinhocultura	84
c)-Indústrias derivadas da Fruta	85
d)-Indústrias derivadas dos produtos hortícolas	85
e)-Agricultura	86
f)-Capricultura	89
g)-Indústrias agrícolas de plantas flutuantes	90
h)-Outras indústrias agrícolas	90
i)-Indústria do sal	91
F - Quantidades e Valores	92
a)-Generalidades	92
b)-Quantidades unitárias da economia	97
c)-Produções brutas e produções unitárias médias	98
d)-Equivalência das medidas monetárias	105
III - PROPRIEDADE E CONSUMO	
A - Produtos que o conselho consome e não produz	106
B - Produtos locais em quantidade insuficiente	106

C - Produções em excesso	108
D - Produtos e serviços importados desfavoráveis à Indústria agrícola	114
IV - Comércio dos produtos agrícolas	
A - Industrialização	115
B - Mercados de destino e sua concorrência	119
C - Acção dos organismos associativos	121
V - TRABALHO AGRÍCOLA	
A - Salários	122
B - Aplicações da legislação trabalhista	123
C - Crises do trabalho	126
VI - A PROPRIEDADE E A INDUSTRIA	
A - Direito da propriedade	126
B - Valores venais rústicos	129
C - Polos de exploração	130
VII - CONSTRUÇÕES RURAIS	
A - Telhas	141
B - Nitreiras	141
C - Alojamentos de estradas	142
SEGUNDA PARTE: IMPACTO FLORAL	
I - IMPORTÂNCIA FLORAL DO CONSELHO	

A - Importância e situação dos matores florestais.....	144
B - Importância e situação das comunidades dispersas da constituição do volume de árvores muito produtiva....	150
C - Importância econômico-social da silvicultura.....	150
 II - A IMPORTÂNCIA E A ATIVIDADE FLORESTAL	
A - conceito regional da extensão da exploração florestal.....	160
B - Fatores culturais e sociais.....	165
C - Exploração.....	169
 III - ARQUITAGEM E MATERIAIS-STRUTURAIS E VAZIOS	
A - Arquitagem cultural.....	201
B - Incisões.....	203
C - Vazios.....	206
 IV - ESTUDO DE TÉCNICAS ANOTACIONES-COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA	
V - AQUECIMENTO DIVERSOS	
 : SEÇÃO DA PARTE DO PROCESSO DO VÍDEO	
I - ÁGUAS.....	198
II - OLEOGLIFAS	199
III - ARQUITAGEM.....	200

BY SEAN MCKEEHAN

THE QUALITY AROMATHERAPY

INTRODUÇÃO

O concelho de Alcácer do Sal fica situado no Baixo Alentejo, 50 Km. ao sul de Setúbal, pela estrada nacional nº. 5 e dista da cidade de Beja 85 Km., pelo Torrão e Ferreira do Alentejo. Pertence à arquidiocese de Évora, distrito administrativo de Setúbal e à Relação de Lisboa.

É concelho administrativo rural de 2^a. ordem, fiscal e comarca de 3^{as}. classes. A comarca abrange também Grândola, sede de julgado municipal.

A sua área é de 145.480 ha., sendo, em extensão, o primeiro concelho do distrito e o segundo do país (o primeiro é Odemira).

Tem 4 freguesias - Santa Maria do Castelo, São Tiago, Santa Susana e Torrão - e 165 lugares; a maior parte dos núcleos populacionais tem reduzida importância, não passando em muitos casos de assentos de Lavoura.

Não existem, praticamente, fogos dispersos, como sucede onde a propriedade se encontra bastante dividida; a população ou vive nos montes das grandes herdades ou, então, nas principais povoações, como Alcácer, Torrão, Santa Susana e Santa Catarina de Sítimos.

Quadro 1

Núcleos populacionais do concelho de Alcochete do Sul

Segmentos	Sítio núcleos populacionais	Núcleos nucleos populacionais
Santa Maria do Centelo	65	a) Núcleo da Montevil: Batalha, Braga, Bafundo, Cachorro, Carraventura, Carregadeira do Baixo, Carregadeira do Cimo, Casas Novas, Coimbra, São Bento, Figueiral, Forna de Cima, Vila do Ca- to, Montalvo, Monte Nove do Sul, Montevil, Pa- ta, Pousando, Ferreiral, Torre e Torricha. b) Núcleo de Palma: Abul, Azeiras de Palma, Bar- paio, Casa do Querido, Cocheira Nova, Monte Br- avo-Plus, Pinheiro, Pangorrifon, Pochadas, Po- to Novo, Monte da Jedra, Palma, Pedi, Pinhal- ro, Quinta do Gavidor, Vale de São e Vale do Cato. c) Núcleo do Vale da Ribeira: Botanagem, Força e Vale do Rio. d) Núcleo de São Martinho: Almo da Ribeira, Mar- cão, Benfica, São Vito, Ondearcos, São Gólio do Baixo, Jenouira, Monte do Sobral - acho, Bandalho, Serra dos Chérigos, Serra dos Montes, Serra de Nabal, Murriaba, Barrancos dos Correios e Volta. e) Núcleo de Santa Maria: Alcochete (Sítio Parla), Algarvios, Azeiteiro, Brvideira, Estação, Ro- ras de Albergaria, Serra Velha, Sinho da Sô- lum, Sombreira e Sorgaia.
São Tiago	48	f) Núcleo de São Tiago: Alcochete (Sítio Tiago), Fox, Lascaria, Quinta de Aires, Centena e Vale do Co. g) Núcleo de Santa Catarina do Almado: Alfaz- eira do Mato, Alfazrinho Velho, Arcobriga, Berro- sinha, Cervelhos, Castelo de Arão, Cacha, Ch- ichinha, Mortres, Monte Arreis, Monte Ciceda, Monte dos Cervelhos, Monte Carvalhoso, Monte Penique, Monte do P. Bres, Monte de Pombos, Ourus, Santa Catarina, Prazerias das Freitas, Torre, Vale de Aros, Vale de Matangas, Valog- go e Várzea da Ordem.
Santa Susana	25	h) Núcleo do Vale do Quino: Albergaria, Almado- ro, Alfazrinho do Ver, Andins, Apadrelho de Va- le do Quino, Arapovo, Arão, Arroio, Cachoga- ra, Ferninho, Loureira, Macieira, Monte do Pio- to Novo, Pardos, Bandalho, Sobral, Vale do Quino e Vale do Lobo.
Ponta do Sul	12	i) Núcleo de Santa Susana: Beirinho, Berlongui- nho, Cacrinho, Casa Branca, Coles, Corto de carro, Ponte da Couce, Lascaria, Monte Frei- mial, Minha da Jangada, Poco, Poco do Alter, Santa Susana, Vale do Figueira do Baixo e Va- le do Figueira do Cimo.
Torreão	57	j) Núcleo do São Bento do Sul: Algalé, Vale do Cafo, Bonapontal, Casa Branca, Crujideira Nova, Herdade das Freitas, Iurcham, Pentes, Far- tuchão, Portinho, Porto do Rei, Quinta do Me, Quinta do P. Rodrigo, Rio de Molheiros, Fe- lana, Vale do Baixo, Gancheros, São Bento, S. Domingosinhos, São Bento do Sul, Vale do Lachique, Vale de Ribeira, Várzea Redonda, Iurasinhas. k) Núcleo de Torreão: Covelo, Herdade do Mont- eiro Negro, Herdade da Penna, Herdade de Gob- rões do Baixo, Monte do Cutelho, Monte da Serra, Rosas Sereira do São Bento, São Bento ro, Sobredos do Pinheiro, Torreão, Vale Bon, Vale do Edicor, e Vale do Paraíso do Baixo.

O concelho é limitado, no norte, pelo estuário do Sado e pelo concelho da Palmela; a nascante, pelos de Anteior-o-Novo, Vila da Alentejo, Alvito e Ferreira, e ao sul e poente pelo de Grândola.

Trata-se de concelho de características muito especiais, pois encontra-se situado na zona de transição entre o Baixo Alentejo dos barros, das terras galacas e do enxofre, e a região do que é conhecida por estremadura, nos que, aqui, apresenta alguns aspectos próprios do Ribatejo. Assim, as freguesias de Turquel e Santa Ana, excluído na principal a parte que constitui a antiga freguesia de São Lourenço do Sado, são nitidamente alentejanas, mas alentejanas do Baixo Alentejo, estando muito mais próximas em seus usos e costumes, bem como do ponto de vista agro-florstral, das suas vizinhas de Ferreira do Alentejo ou do Alvito, do que de Santa Maria do Castelo ou de São Tiago, onde apesar de tudo se lhe lembra pertencer Alentejo ao Baixo Alentejo.

A vila fica na margem direita do rio Sado, estendendo - -se por quase dois quilómetros; é encimada pelas ruínas do seu histórico castelo, à altitude de 31 metros. A esquerda a vila vêem - -se oliveiras e vinhedos, aqui e ali deixando sobrepujar algum pinheiro bravo ou, então, o copado pinheiro manzo, que tem, no concelho, e no País, o seu principal solar - a Mata de Telverde, da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquacultas.

Do castelo disfruta-se magnífico panorama, podendo ver - -se o

Sendo um grande artesão do seu porquê, podendo admirar-se o gran-
de egr que forma a bocanha da vila e que vem sair junto à po-
ta metálica que o dirige para o que faz a ligação por estrada com o
concelho de Ourém. Junto ao rio, tanto no norte da vila como
na esquerda, allata-se grande número, onde se cultivam exten-
sões de arroz e em que os pastagens abundantes, permitem a exis-
tência do gado bravo, o que impõe à vila um ónus bastante si-
bito; até, para que a vila seja perfeita, não faltam os co-
coches, que fazem das ruas do centro e das torres das Igrejas
de Santa Maria e de São Tiago, seus solares pretilheiros.

— * —

Segundo nos dizem os cronistas Aldebar do Sul é terra anti-
quissima, parece que fundada pelos romanos, que lhe deram o nome de
Lida Urba Augustana. Por objectos encontrados e por cultivo vi-
ctílico arqueológico a Fafeira sempre deve ter sido fundada uns
8.000 anos antes da era cristã. Mas, além de porreiro antigo, foi
também porreiro de maior importância no tempo não só dos romanos
como dos godes e, por último, dos árabes. Trinta anos an-
tes da nossa era, Bagdá, rei muç, Constantino e pequena e porre-
iro, que o imperador Augusto mandou修建car, seu desenvolvi-
mento foi de tal ordem que o mesmo Imperador lhe conferiu a catego-
ria de município romano.

A nova cidade foi sempre progredindo e no ano 500 da
C.C. era sede de bispedo que tinha à sua frente o bispo S. Jamil

rio. Todavia a prosperidade não foi de longa duração, pois a invasão dos povos do norte, após a queda do Império romano, acabou por arruiná-la.

Em 715 foi tomada pelos mouros, que ficaram assim de posse da chave estratégica do Alentejo. Anos volvidos o rei de Oviedo, D. Fruela I, reconquistou a cidade, que sete anos mais tarde, em 760, foi novamente conquistada pelos mouros, agora comandados por Abd-el-Raman, ficando sob o domínio serraceno por 400 anos.

Era então Alcácer capital de uma província que se estendia até Mértola, onde a agricultura teve largo desenvolvimento e atingiu, mesmo, adiantada técnica para a época.

O rio Sado ocupou lugar de relevo, visto ser o porto do Alentejo

.....

Os anos passaram e depois dos mouros serem derrotados em várias localidades, entre as quais se destacavam Lisboa e Santarém, recolheram-se à província d'Al-Kasser, que estava muito bem defendida. D. Afonso Henriques reconhecendo a importância estratégica do castelo começou a assediá-lo e a fazer incursões às suas cercanias, muito ricas em pastagens, gados e pinhais e onde se recolhia mel em abundância, que constituía grande riqueza. Na incursão de 24 de Junho de 1158 o primeiro rei de Portugal, depois de porfiado combate, conquistou o castelo, que trinta e dois anos

não tardou passar novamente às mãos dos infiéis, assim ficando por mais e cinco anos. Reconquistado D. Afonso XI, e dia 6 de outubro de 1319, para não mais sair da posse dos portugueses. Após a tomada do castelo o rei português fundiu a freguesia de Santa Maria do Castelo, sendo mais tarde criada a de São Tiago, cujo templo foi construído com maiores formalidades por D. João V - com a participação do Estado, como hoje se diria.

Este ano depois da conquista definitiva de Alcácer de las hostes muçulmanos, o rei D. Sancho II fez à Ordem Militar de Santiago e comando de pororão, "com o novo e velho tempo", isto é, com todos os bens que e rendimentos marítimos e terrestres até actual,

Roi Alácer durante algum tempo e sede da jurisdição portuguesa da Ordem que, posteriormente, passou a mórtola e mais tarde a Palmeira.

A seguir à conquista do castelo nos berrechos D. Afonso II encetou foral a Alácer, confirmado em 1316 por D. Manuel I que, segundo dizem, recebeu a notícia da morte de D. João II em Alácer, tendo aqui sido eleito rei.

Alácer conserva a sua grande importância até meados do século passado, servido à altura que ocupava na cunha do Porto, não de muito trânsito e naveável até Porto d'El , 15 Km. a montante da vila. Era o Porto d'El Rei, no Pocinho do Sul e Vale do Galo, que se fezia o tráfego entre Lisboa e o Alentejo.

de produtos operulários, bem como cortiços e carvão, vinham a outras partes ou era da vez procurar esconderne para Lisboa, o que dava à vila todo o aspecto de metrópole comunal. Nas suas ruas estreitas e tortuosas o movimento de carros era escravo, tão grande que chegava a dificultar o trânsito de peões.

Foi a construção das primeiras linhas ferreas, por volta de 1850, que veio tirar à vila a sua condição de importância de que desfrutava.

Teve filhos ilustres, como Pedro Nunes, o grande matemático do século XVI; o poeta e prosador Bernardim Ribeiro, nascido também na mesma época; São Rodrigues de Vasconcelos, o heróico mestre da Ordem Militar de Santiago, em dos mais valiosos padrinhos do Mosteiro de Alcobaça; assim António Calvão, nado do terrível e ilustre calzar das Magras Incis, croga e babrona, que deixou trabalhos de valor⁽¹⁾; Iabo, puro apóstolo nos referentes aos valiosos de maior projecção.

Do seu passado glorioso ainda hoje restam padrões nos seus monumentos que o tempo tem poupar e os homens acentuado. Entre outros, temos as ruínas do histórico castelo, de que restam algumas paredes, bastante estragadas; a Igreja de Santa Maria, fundada na transição dos séculos XII para XIII e onde se pode admirar o portal lateral da arquitetura, com capitais de

(1) - Como por exemplo os "Comentários aos Profetas Requerer".

decoração vegetal, o trabalho em talha dourada que reveste o púlpito, a capela do Santíssimo com pódico Renascença, feito em ferro forjado, abobada estrelada e um lindo altar de azulejos polícromos e, ainda, alguns quadros quinhentistas; a Igreja do convento de São Francisco, iniciada construir em 1584, por D. Fernândo Martins de Redorres e sua mulher D. Violante Henriques, que tem um interessante pódico Renascença; a capela da Misericórdia, edificada por D. Gil Selma no primeiro terço do século XVI, que possui um pátio e uma escada torrelosa e azulejos no ladrilhos do século XVI, e ainda a paroquial de São Tiago, vasto templo de uma só nave, digno de ser visitado.

Existe um pequeno Museu Arqueológico instalado na antiga Igreja do Espírito Santo, onde, segundo noua a tradição, D. Manuel I desposou em 1501 a sua segunda mulher, a infanta D. Maria. O museu armazena quase exclusivamente objectos do tempo dos romanos, como tumbas septiformes, sarcófagos, cilindros, ofícios, capitais, um grande dolium, cabanas de enterramento, etc. Também lhe doa another um plinto de villa denominado por Henrique Boulin em 1790.

O concelho de Almeida perdeu durante o século passado grande parte da sua importância comercial e social; e consegue -

ção das linhas férreas do Sul e do Norte abrirem novos caminhos aos produtos e artigos que até então só podiam utilizar a via fluvial e os caisiros e armazéns existentes na vila, na Pos e no Pego do Rio Sul, foram fechando e ficando ao abandono, só como tempo que nos temos abandonados do burgo o tráfego diminuiu e o comércio deixava de ocupar lugar de relevo. Ficou, então, como último reduto do passado da grandeza e sua agricultura que, sempre fiel a si própria, velo aguentando o concelho até aos nossos dias em modesta solidão. Nas Aldeias, sempre apoiada na terra e nos seus cursos de água, revive hoje um pouco do seu passado certo e abundante, mercê de uma cultura rica, só possível onde a água abunda. Referimo-nos ao excesso que, nos últimos anos, nomeadamente nos dois últimos, tivemos enorme incremento, devido à construção das barragens do Vale de Oejo e do Pego do Altar e ao bom prego por que a Levantada tem vendido e apreciado cereal.

Já hoje se cultiva arroz em alguns milhares de hectares de ricos aluviões, estando previsto que no futuro tal número será ainda muito maior.

Não é concelho industrial; no entanto, não podemos olhar de relance as suas salinas pelo lugar de salão que ocupam na economia do concelho.

No sub-solo, na freguesia de Santa Quiteria, encontram-se carvões de pedra de boa qualidade, mas parece que em pequena quantidade.

— II —

O Selo municipal é no dia 1º de Maio. As cores do concelho são: "De ouro, com um manto de negro revestido da verde, sustendo um castelo de vermelho, aberto e iluminado do campo; em si torre central cercada pelo escudo náutico das quinas d'el Portugal, acompanhado o castelo por duas cruzes de Santiago do vermelho. Em contra-chefe, seis fúneis entrelaçados de prata e de ouro, nos quais está rolando uma serpente de ouro revestida d'negro, aparelhada de ouro e voadora e enfundada de prata. Coroa mural de prata de quatro torres. Lado à esco com os dizeres: "Vila de Aldeões do Sul" de negro".

— III —

No distrito, são Aldeões e Gafanhola os dois concelhos com menor densidade de população: em Aldeões não chega a haver 15 pessoas por hectare de superfície, o que é babilionico, em relação a outros concelhos do mesmo distrito.

Em 1960 era de 11.405 habitantes (11.040 naqueles 10.000 censos) distribuídos por 9.704 fogos. Conforme ao recenseamento o número de verdes era superior ao de famílias em mais de um milhar. As famílias eram 4.301 e os prédios 6.405. Assim, segundo o que se consta, da população total cabem 1er 4.900 habitantes (5.000

varões e 1.817 fêmeas), o que dá uma percentagem de analfabetos superior a 75%, verdadeira vergonha para um país civilizado, mas que serve para nos mostrar com clara evidência o baixo nível de vida da maioria da população. Declararam seguir a religião católica 14.159 habitantes o que deve estar errado em, pelo menos, 50%...

Quadro II
Elementos do Censo de 1950⁽¹⁾

Freguesias	Fogos	Habitantes
Santa Maria	1.881	8.453
São Tiago	1.756	6.469
Santa Susana	432	1.500
Torrão	1.741	6.245
Total	5.810	22.667

Veja-se, em seguida, as alterações sofridas pela população e pelos fogos nos últimos três recenseamentos.

(1) - Ainda não corrigidos.

Quadro III

Anos	% de habitan- tes	Nº. de fa- gos
1930	17.410	4.029
1940	21.485	5.780
1950	20.467	5.810

Verifica-se, em face do quadro III, que nos últimos 20 anos a população sofreu aumento de mais de 5.000 habitantes e criou-se 2.000 novos fogos; estes resultados levaram, contudo, distribuição irregular durante as duas décadas. Assim, enquanto na primeira os casamentos verificados, tanto na população como nos fogos, foram estabelecidos (4.029 e 1.700), na segunda, zero. Isto é, não houve casamentos.

I - CARACTERÍSTICAS GERAISA - Situação

Foi já descrita na Introdução.

B - Características Físicasa) - Topografia

Poderemos considerar o concelho dividido em três zonas:

1) - a que fica junto às margens do Rio, ribeira de Santa Catarina e outros cursos de água, constituída por várzeas e luviosas, doces ou salgadas, de fertilidade muito variável, cuja altitude é praticamente da vale; abrange cerca de 10% da área total do concelho.

2) - a que é constituída pelas bermudas, terrasas que milhares de anos se vêem às riscas, de boa fertilidade e onde a cultura cereálica vai bem; altitude da encosta, ocupando um área equivalente a cerca de 10% do concelho. (Nas encostas - casas nas bermudas que ordenam a várzea de Santa Catarina, principalmente na margem direita; tratam-se de encostas relativamente suaves cujas altitudes poucas vezes irão além de 50 metros).

3) - a que está situada na periferia das anteriormente descritas e é constituída por uma série de elevações entre as

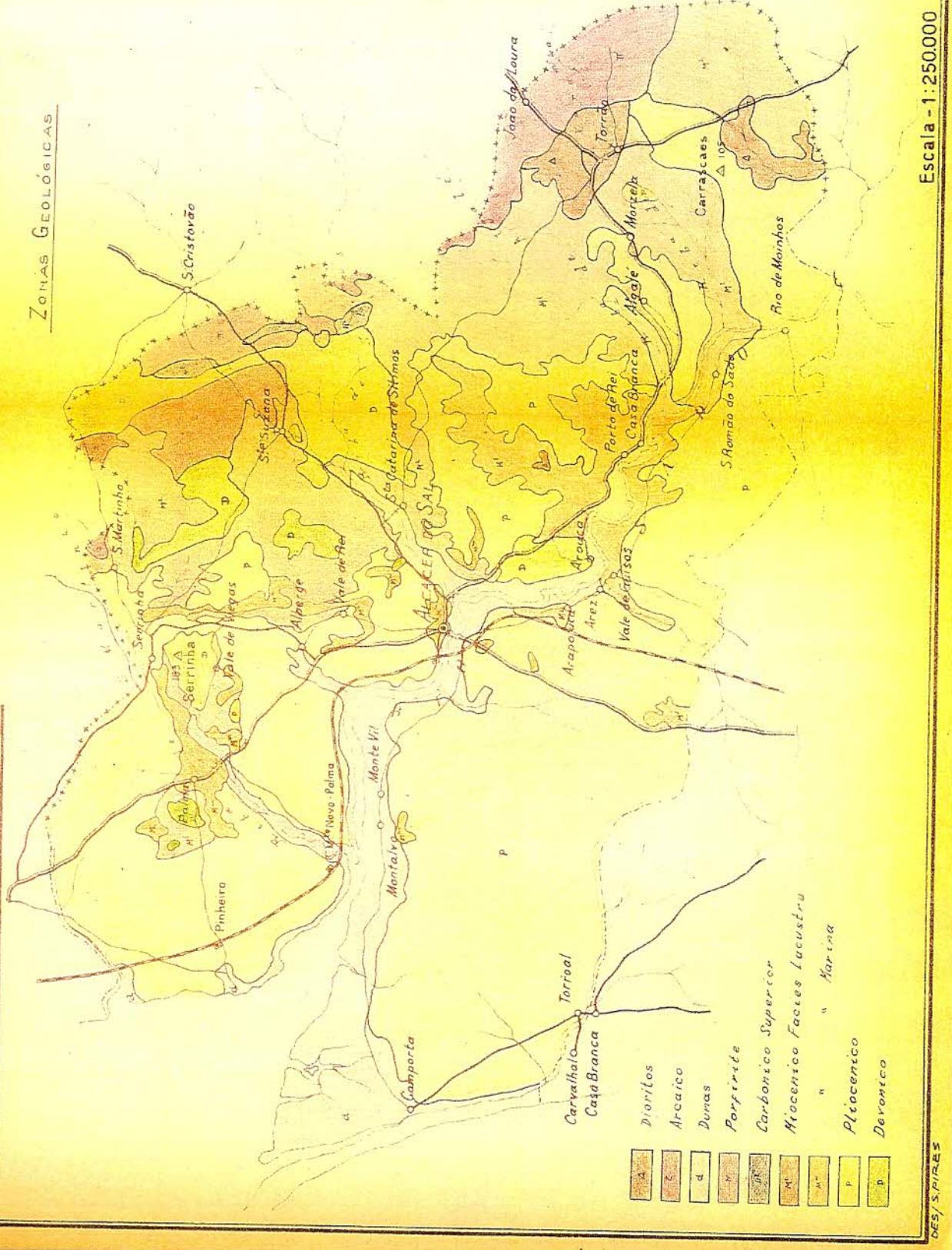
que se destacam a Cerdadeira (149 m.), Cerro do Queljinho (119 m.), Almeia (148 m.), Colos (128 m.), Gócio (133 m.), Zênciga (101 m.), Velo da Água (116 m.), Serra da Conceição (135 m.), Serra dos Clérigos (125 m.), Garrinha (106 m.), Serra de Malma (116 m.) e Carvalhao (111 m.). Este conjunto de elevações estende-se depois para os lados do Torrão onde vence encontram a Atalaia (170 m.), a Pena (140 m.) e o Ponto da Loura (200 m.), a maior altitude do concelho. A altitude destas massas, que abrange cerca de 80% da área do concelho, é de plano alto ou terras localizando-se nela quase todo a charneca.

b) - Geologia e hidrologia

Encontram-se pequenos afloramentos do devónico no norte de Aldeão, verdedeiras ilheias no norte do terciário; de carbonílico temos os afloramentos do Molho da Ordem, em número de três, orientados apertadamente na direcção do N-E-S-O que são mais ao sul, e que tem uma largura variável entre 450 e 700 metros por um comprimento de 3.500, está em contacto por E com os pôrfiros do Alentejo, por W com os xistos do devónico, por N, S e E é coberto pelo miocénico lacustre; o afloramento seguinte, e que desto é separado pelo devónico mencionado, está quase completamente envolvido pelos pôrfiros, com exceção de uma pequena parte a SW em que contacta com o devónico; finalmente, o último, pega, do lado de S, com os pôrfiros e de W, com o carbonílico.

CONCELHO DE ALCACER DO SAL

Zonas Geológicas



chamada compreendida entre o arvoredo esquerda do Rio, a estrada Aldeias-Granjinha e o Litoral.

Do quaternário, há levados no Rio e pelas suas affluentes. No vale do Rio é frequente formar-se turfa porque a corrente do rio é fraca e não pode transportar sedimentos. Né também turfa doutras origens.

No Torno, aparece uma pequena unha de dentista nas margens do Rio.

— II —

Os terrenos de rímeis são tão todos a acção humana - que não há, como os que se expandem desde a barragem do Pulo do Lobo até perto da confluencia da ribeira de Santa Catalina com o Rio, formados por sucessivas movimentações de um material muito equilibrado de antigos vinhos de roçado das matas e dos granitos. São terras fúndas, de excelente composição física, prontas para se cultivarem para todas as culturas. Isto é, terrenos que além de azedos, os quais a os terrenos apresentam boa fertilidade.

Só por exemplo em certas vizinhanças, situadas a Junqueira de Aldeias, encontraram serrarias de grande tenacidade, difíceis de trabalhar, calcadas ainda por cima, onde apesar a cultura do arroz é actualmente viável.

os terrenos que se originam às rímeis, em especial os da

mosinados de burradas, como os que oriam a ribeira do Santo Onze, na nascente da ribeira, este solo as vezes exigentes e de sub-solo calcáreo, muito propícios para as culturas cereáceas e de leguminosas.

A charneca ocupando a maior parte da área do concelho, é constituída por terras muito pobres, formadas por areia granítica, onde afloresce, por veces, pequenas formações argilosas, nulas produtivas. O sub-solo, os plantões nascem e brevo e a vinha não tem boas saestas barreiras, onde a cultura cereácea está absolutamente contraindicada.

Os berros aparecem na massa granítica do Tombo, ocupando apreciavelmente sól da área da freguesia.⁽¹⁾ São terras certeira, muito apropriadas para a cultura da oliveira e para as ervas nela exigentes. Os restantes sól da freguesia são formados por solos mistos, seja os nascem artificiais, concretando os elementos finos se encontram em menor ou maior quantidade. A calcareira vai aquí bastante bem, ocupando maior área do que o sobreiro.

a) - Massas agrícolas

Sem preconcção de grande rigor podemos distinguir três zonas agrícolas: a das planícies e terras que marginam o

(1) - Excluímos desta massa apropriação a antiga freguesia de São Roque do Pato, que foi anexada ao Tombo pela última reforma do Código Administrativo.

Dedo e suas afluentes, no lado norte a ribeira de Santa Catarina e o Xeruau, e das áreas do estuário do Iguape e a zona deserta.

A primeira constitui o chamado Vale do Dedo e pode ser dividir-se em 6 sub-seções:

1) - a do curso inferior do Dedo, onde domina a exploração artesanal especializada, e outro tipo é possível devido ao clorato de sódio, formada por terras ou arenas ou turfares, constituindo os sapais salgados, onde existem algumas salinas, usas na exploração e outras abandonadas e que começam a ser ainda voltadas na cultura do arroz;

2) - a do nálio Dedo, de Aldeias à Casa Branca, onde já não param os sapais e, salgados valos, se fazem a cultura da couve da espiga, entre os outros horto-agricultos;

3) - da Casa Branca à confluência do Xeruau com o Dedo, em que os sapais desapareceram por completo e os terrenos são todos de boa qualidade;

4) - das várzeas da ribeira de Santa Catarina, que na confluência do Dedo apresenta alguma vegetação com elevadas percentagens de clorato de sódio; neste, é medida que se continua para canteiros, compondo a vegetação anteriormente usados finos, que tornam os solos fáceis de trabalhar e aptos para todas as culturas e à qual se somam a terra roxa (terraneo de grande profundidade,

em que os materiais mais grosseiros abundam, sendo solos pouco próprios para a cultura do arroz devido às suas enormes exigências de água);

5) - a das barradas, terrenos de encosta suave, que se encontram principalmente a montante de Alcácer, de origem miocénica, constituindo uma zona de transição entre as várzeas aluvionares e o pliocénico, dando boas searas e possuindo belos sobreiros;

6) - a dos xistos, na margem direita do Sado, perto da Casa Branca que, ocupando a situação das barradas, lhe é nítidamente inferior, pois os seus solos são de pior qualidade.

A segunda zona é constituída pela mancha pliocénica, ocupa milhares de hectares e compõe-se de areias grosseiras, pouco produtivas, em muitos casos apenas cobertas de matos, mas cujo revestimento florestal é possível, como é evidente nos locais em que se tem tentado. As essências mais aconselháveis devem ser os pinheiros manso e bravo e o sobreiro.

A terceira zona, que denominamos alentejana, abrange a maior parte das freguesias do Torrão⁽¹⁾ e Santa Susana e divide-se em duas sub-zonas:

(1) - Excluímos a parte que constitui a antiga freguesia de S. Romão do Sado.

- 1) - a dos barros
- 2) - a das terras galegas.

A primeira, é continuação dos barros dioríticos de Ferreira do Alentejo e oferece óptimas condições de vegetação para a oliveira, que dá produções muito apreciáveis; é também boa terra de pão e de leguminosas arvenses; a segunda, em que os xistos predominam, apresenta características bastante semelhantes à de todas as terras galegas do distrito de Beja, havendo já grandes manchas de azinho, que predomina acentuadamente em relação ao sobro.

C - Clima

Da consulta dos registos do Posto Meteorológico de Alcácer do Sal, conclui-se que as características meteorológicas da região devem aproximar-se das seguintes:

Temperatura -	$15^{\circ}54$
Chuva -	609,07 mm.
Evaporação -	1.466,92 mm.

Vê-se, pois, que as chuvas têm valor relativamente fraco, mas já superior em quase 100 mm. aos vizinhos concelhos do distrito de Beja e que a evaporação é muito menos forte do que naqueles, o que não admira se atendermos à elevada percentagem de humidade existente na atmosfera, dadas as grandes massas de

de água que o concelho possui e a proximidade do mar.

Os meses de temperaturas mais baixas são os de Janeiro, Fevereiro e Março, mas muito raramente se tem registado alguma temperatura negativa; os maiores quedas são os de Julho e Agosto. As temperaturas de Setembro não são altas do que as do Junho, e que tem bastante influência na exploração da terra em seguidos intervalos.

O que melhor caracteriza a temperatura no período são as grandes amplitude térmicas, quer anuais, quer diárias.

No que respeita a chuvas podemos dizer que a irregularidade das quais pluviométrica é grande e não se verifica apenas ao longo dos meses, mas também de ano para ano. Impressionante tão grande importância para a agricultura, condição de certa notoriedade os usos e os bons usos agrícolas, principalmente nas zonas das mistas, onde os cultivos pragmáticos de equilíbrio. Assim, é factor vital para bom uso agrícola neste zona que em Abril caia alguma chuva, pelo de contrário a produção fica imensamente comprometida.

As principais águas costumam vir na segunda quinzena de Setembro e as maiores da maior queda pluviométrica são, de modo geral, as de Fevereiro, Março e Abril; em Julho e Agosto por vezes não chove, algumas vezes.

A evaporação é nenhuma em Julho e Agosto e mínima em Março.

Os ventos dominantes são os do quadrante NW, que sopram com maior intensidade, principalmente na primavera e no outono.

Têm grande importância para a agricultura dois ventos: um que sopra de N a E e outro quase do S denominados indistintamente sóis; o primeiro, por ser mais quente, causa maiores prejuízos. De geral, aparecem durante o mês de Maio, prejudicam de bastante a granação dos cereais pragas das sequeiros.

Os nevoeiros são frequentes junto dos cursos de água, em geral de parte da manhã, desaparecendo algures tempo antes do meio dia solar.

O granizo acompanha as trovoadas de Maio e Junho, causando algumas batedeiras que bastante prejudicam os cereais, os vinhedos e os oliveiros.

Das geada apenas são prejudiciais as mais tardias, pois as do Inverno são benéficas porque provocam melhor enraizamento dos cereais; as nubes em que nela se sentem não são de Janeiro, Fevereiro e Março.

Quadro IV
Dados meteorológicos do Posto Ecológico-Agrícola de Alcácer do Sal
1932-1938

Indicadores	Meses												Médias
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Junho	Julho	Agosto	Set.	Out.	Nov.	Déz.	
Chuva (T.m.)	70,48	53,22	123,44	54,17	32,90	13,08	0,40	1,18	14,60	35,70	61,06	126,78	50,75
(p.d.)	8,14	6,00	12,10	7,57	5,28	1,57	0,28	0,14	2,42	5,28	9,00	9,30	5,59
Temperatura (M.m)	14,05	15,67	17,27	20,01	22,48	26,55	30,04	28,78	27,65	22,74	18,45	19,81	21,76
(F.m)	4,75	4,10		6,54	10,15	12,98	14,60	13,10	13,94	10,50	8,01	7,90	9,71
(H.)	8,98	9,50	6,98	14,38	16,62	19,17	22,54	22,74	20,57	16,72	12,56	10,70	13,54
Evaporação	56,01	55,35	12,21	129,52	126,21	162,27	233,57	219,94	165,00	143,50	72,48	42,36	130,71

D - Aguas

a) - Cursos de água

O principal é o rio Sado que nasce a SW de Ourique e vai desaguar no Atlântico, a W de Setúbal, percorrendo 175 quilómetros e sendo navegável em 70, até Porto d'El Rei, quase 20 quilómetros a montante de Alcácer, já na freguesia do Torrão. A superfície da bacia hidrográfica é de 7.628 quilómetros quadrados e os seus principais afluentes são, na margem direita, os ribeiros do Roxo, da Figueira, de Odivelas, rio Xarrama e ribeiros de Alcáçovas, de S. Martinho e Marateca, e na margem esquerda, as ribeiras de Campilhas, de Alvalade, Corona e rio Arcão.

A influência das marés no Sado chega a Porto d'El Rei, o seu último porto, onde vão barcos de 65 a 75 toneladas; até Alcácer e Foz (Sítimos) é navegável por barcos de 300 a 400 toneladas, mas os maiores que normalmente demandam os citados portos não costumam deslocar mais de 150 a 200 toneladas. Antigamente o tráfego fluvial era intenso, ao contrário de hoje.

Além do Sado os principais cursos de água no concelho são os seus afluentes, ribeiras de Santa Catarina, de S. Martinho, Vale de Reis e Algale e o rio Xarrama. Se excluirmos o primeiro e o troço final da ribeira de Santa Catarina, nenhum dos outros é navegável.

O principal aproveitamento dos cursos de água é a re-

em, que por ação de barragens, que por bondeiros.

No ribeiro de Santa Catarina existe a barragem do Rio do Alter, cuja albufaria atinge os 20 milhões de metros cúbicos de água e, no Jenauá, do Vale do Caio com a capacidade de 60 milhões de metros cúbicos. Provê-se que as duas barragens fornecem 9.500 hectares, divididos por uso próprio. Consideram a associação há pelo menos 9, provavelmente, não mais que 10, que 5.500 hectares.

Os quadros V, VI e VII contêm elementos relacionados com as obras construídas pela Junta Autônoma da Bacia do Rio Alter.

quadro V

Barragens do Rio do Alter e Vale do Caio: desenvolvimento da rede distribuidora de águas

Nº. de ordem	Denominação dos canais diret - tulares e substitutos	Comprimento (km)
1	Canal I	1.200
2	Canal G. P. M.	44.000
3	Canal de Santa Catarina	14.510
4	Canal de S. Amaro	7.410
5	Canal e distribuidor da Comporta	55.010
6	Distribuidor do Vale de Matanças	5.000
7	Distribuidor do Vale do Rio	4.370
8	Distribuidor da Tijuca	2.755
9	Distribuidor do Moncorvo	2.025
10	Distribuidor do Valea	6.150
	Total	137.000

Quadro VI

Barragens de Pego do Altar e Vale de Gaio:
 resumo dos elementos da Carta Agrícola das culturas
 primaveril-estivais realizadas na área beneficiada⁽¹⁾

1950

Culturas	Áreas (ha.)
Arroz	2.526,390
Milho	45,050
Horta	8,760
Batata	1,300
Feijão frade	1,000
Batata doce	0,313
Repolho	0,260
Luzerna	1,850
Marinhas	991,000
Total	3.575,923

(1) - Elementos fornecidos pela D.G.S. Hidráulicos.

Quadro VII

Fazenda Ipanema para água em 1933

Nº de ordem	Completura dos canais, distri- butores e condutores	Proveniente da água	Total da água
1	Canal G. P.M.	Pago do Alter	92,00
2	Canal do Sítio Outeiro	Pago do Alter	215,75
3	Distribuidor de Vale do Matengas	Pago do Alter	37,55
4	Distribuidor de Vale do Galo	Pago do Alter	70,50
5	Distribuidor da Turva	Pago do Alter	60,00
6	Distribuidor do Encourvo	Pago do Alter	75,00
7	Distribuidor de Palha	Pago do Alter	205,00
8	Condutor geral do Vale do Galo	Vale do Galo	690,75
9	Canal de S. Roche	Vale do Galo	114,50
10	Canal da Comprida	Pago do Alter e Vale do Galo	375,50
11	Distribuidor da Comprida	Pago do Alter e Vale do Galo	107,50
Total			2.203,00

Também se troca água de algumas ribeiras para rios e canais, rios e canais. Antes da construção das barragens do Ipo e do Vale do Galo era de frequentes contatos o náutico de balsas negocia com água bruxada.

O preço de custo da elevação de m.e. de água bombada é de \$04 a \$05⁽¹⁾, pelo que a água necessária para regar 1 hectare de arrozal importa de 1.200\$00 a 1.500\$00, visto um hectare de arroz precisar para se criar de 26.000 a 36.000 metros cúbicos de água.

De modo geral, os cursos de água precisam melhoramentos : correção de margens, não há nenhum que não necessite e a correção tem especial interesse no Xarrana.

Os barrancos estão muito assoreados sendo conveniente proceder-se à sua limpeza.

Apesar da boa utilização que já têm, ainda nos parece possível aproveitar melhor os cursos de água, regando mais alguns milhares de hectares. A área por eles beneficiada é muitíssimo maior do que a regada com água de outras origens. Sem exagero podemos avaliar a primeira em 95 % da área total. Num trabalho de Pre-ordenamento, realizado para o Plano de Fomento Agrário pelos Eng°s. Agr°s. Maldonado, Baptista e Eng°. Silv. Cois, estes técnicos consideraram as possibilidades de regar mais 9.925 hectares, além dos já previstos pelas obras do Vale do Gaio e Pego do Altar. Parte desta área seria regada com água proveniente de uma série de barragens a construir em ribeiros e outros locais apropriados.

(1) - Contas feitas pelo Eng. Agr. Boaventura Claro

Quadro VIII (1)

Várzeas e re- gor- as.	Terrenos adjacentes a várzeas com possibilidades de regar de pé na.	Regadias com água elevada na.
2.920	918	5.057

O concelho de Aldeias tem pois, enormes possibilidades de armazenar água para beneficiar milhares de hectares de terreno, conforme se pode verificar pelo que acabamos de expôr. Fazia apenas estudar a parte económica do problema de tão grande envergadura.

b) - Outros recursos aquíferos

O vale do Sado e quase toda a sua vasta bacia possuem grandes quantidades de águas subterrâneas. "A bacia do Sado é coberta pelos depósitos perenáveis do pliocénico, repousando sobre os terrenos antigos impermeáveis; as águas assim retidas formam um extenso teatro subterrâneo, que na virtude da evaporação superficial, vai subindo com o auxílio da capilaridade, ou rebentos quei e ecold quando os acidentes do terreno lhe permitem, fornecendo poucos ou circundando algumas várzeas".

Há numerosas nascentes no concelho, a maior parte localizadas no pliocénico. As poças não são muitas e existem, também algumas poças artesianas, como as das herdade da Loura e Berlaujo.

(1) - Números extraídos do Pré-ordenamento de concelho de Alcácer do Sal.

Além das nascentes, dos poços e das poças artesianas, ainda existem fontes e numerosas albufeiras, construídas por particulares. Que sejam, existem albufeiras nas bordas de Vila-bom, Vila da Aspa, Murta, Casa Nova, Cachopos, Batalha, Minho da Ordem, Monture, Arapouca, Burrosinho, Palha, Ribeirinho, Pinhal e Torço. Em algumas destas propriedades há mais de uma albufeira. A sua água é quase toda destinada à cultura do arroz, embora hoje o facto se dê em menor escala por várias lavouras já estarem a ser regadas pelas barragens de Pego do Altar e de Vale de Gaio.

Ainda que poucos, há uns dezessete de hectares de arrozal regados com água de nascentes; neste caso é o de Minho da Ordem e dos Alvarvios.

Geralmente a água dos poços e das fontes é utilizada no campo humano e dos animais; a dos presos (albufeiras) é usada — tanto na rega dos viveiros de arroz e das hortas e para bebodouro do gado.

Os sistemas predominantes de elevação são: a bombagem, das ribeiras e albufeiras (bombas accionadas por tractores, motores Diesel, locomóveis, etc.), as cagetas, a corda e caldeiro, na roldana e, por vezes, as noras e as moto-bombas, quando se trata de poços.

Nas hortas, quando o nível da água é inferior ao do terreno, a elevação faz-se a cabango.

E - Erosão

Existe um pouco por todo o concelho, mas é sobretudo na zona dos xistos que se torna mais visível, devido, em parte, à constituição dos solos e à maneira como são trabalhados e aproveitados.

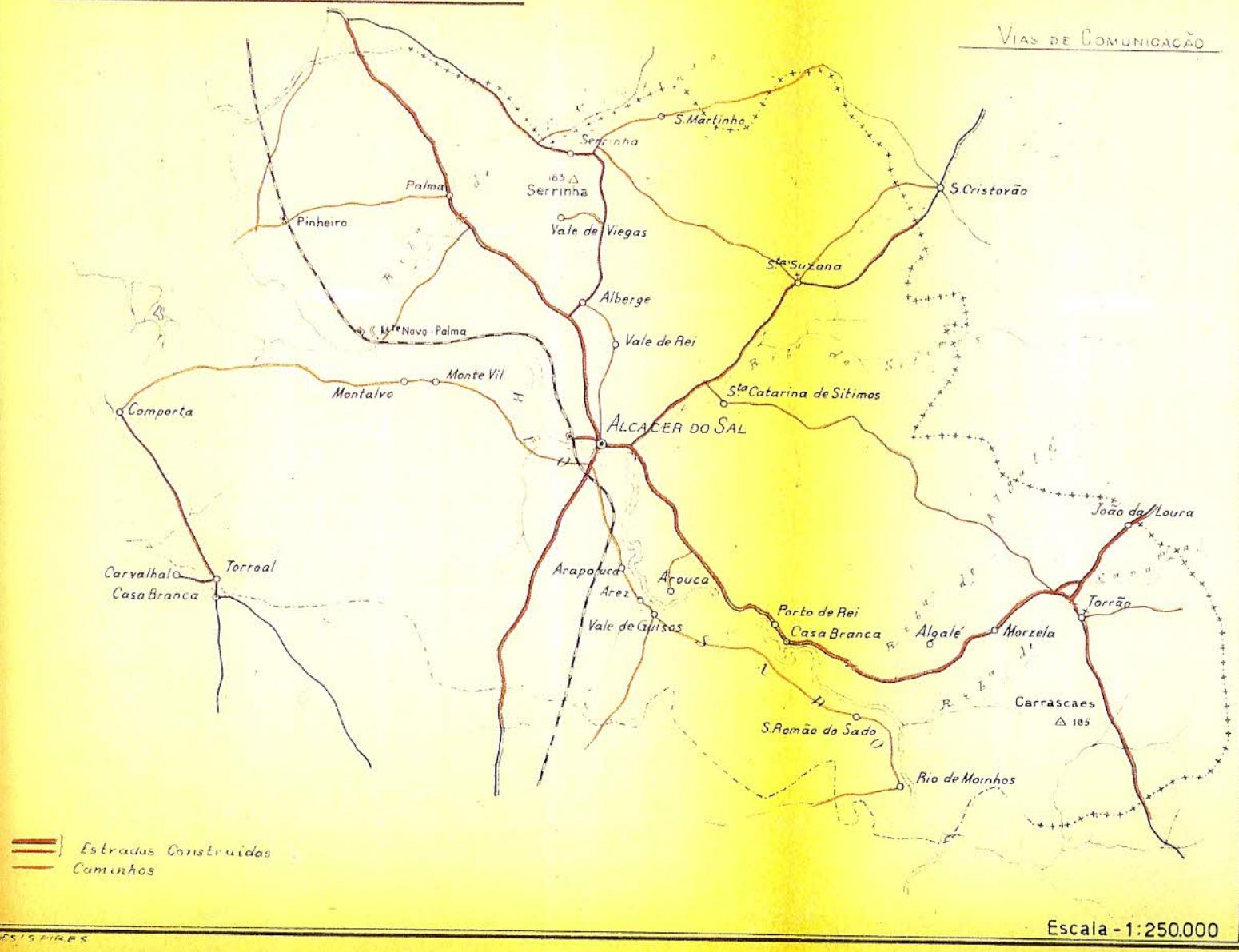
As lavouras em certas encostas declivosas e a acção das chuvas, por vezes caindo com grande intensidade e em épocas do ano em que a vegetação espontânea ainda não pôde exercer o seu papel protector, provoca o arrastamento das terras em grande escala, deixando marcados sulcos, tanto maiores quanto mais revolvida é a terra, testemunhando, assim, como são perniciosas certas lavouras sobretudo repetidas e feitas sem os devidos cuidados.

Seria de aconselhar que nas zonas do concelho mais sujeitas à erosão se procurasse atenuar os seus efeitos usando de certas precauções mais instantes, onde já se nota a erosão ravinada. Entre outras teríamos o condicionamento da área de cultura de praganosos; execução de cultura em faixas, segundo as curvas de nível, empregando conjuntamente faixas protectoras de mato; e o revestimento dos terrenos considerados menos próprios para a cultura cerealífera, com essências florestais apropriadas.

O condicionamento da cultura cerealífera deve encarar a sua eliminação total e definitiva apenas numa encosta mais declivosa e na parte cimeira dos cerros (a partir de dois terços da

CONCELHO DE ALCACER DO SAL

VIAS DE COMUNICAÇÃO



ESTRADAS CONSTRUIIDAS
CAMINHOS

encosta), onde se torna necessário se crie uma couraça vegetal que evite o desaparecimento da terra e atenuar os efeitos das chuvas. Nas outras encostas, de relêvo mais suave, ainda que se proceda à sua arborização não deve deixar de continuar a fazer-se a cultura cerealífera, tomado na devida conta as considerações feitas o que reduziria em parte a área cultivada, mas traria benefícios incalculáveis à economia nacional.

F - Vias de comunicação

As vias de comunicação existentes no concelho são:

- 1 - o caminho de ferro
- 2 - as estradas nacionais
- 3 - as estradas e os caminhos municipais e vicinais
- 4 - a via fluvial

— X —

1 - A linha do Vale do Sado serve o concelho pelas estações seguintes: Pinheiro, Monte Novo-Palma, Alcácer do Sal e Vale de Guizo.

O caminho de ferro atravessa, pois, o concelho no sentido norte-sul, mais ou menos na parte central.

A estação de Alcácer dista do Barreiro 78 Km. e de Lisboa (via fluvial), 88 Km.

8 - No concelho passam os seguintes estrados nacionais: o n°. 5 (Chevres-Faro), que atravessa a vila de Torrão, servindo apenas uma zona muito reducta da parte norte do concelho; o n°. 5 (Logrém-Porroira), que passa por Rainha, Alcacer, Porto d'El-Rei e Torrão; o n°. 180 (Alcacer-Tortelhe), ligando Alcacer a Ortigueira; o n°. 853 (Comporta-Vilafranca e Roto), de que este é apenas construído o troço de Alcacer a Santa Susana, que não excede salientemente 13 Km.; e a n°. 361 (Comporta-Sant'Iago de Cacela), que apenas se encontra transitável entre Cacela Branca e Sant'Iago de Cacela.

O número total de quilómetros de estradas nacionais existentes no concelho soma por 100, o que é pouco para um concelho de tão grande área.

9 - Proporcionante existem os seguintes estrados municipais:

- quilómetro 55,400 da estrada nacional n°. 361 à ribeira da Ribeira Catarina: 1.112 m. em cascadas;
- Aceiro à estação do Caminho de Ferro de Alcacer: 1.117 m. em cascadas;
- estrada nacional n°. 180 no special de Vale do Guincho, passando por Arcos: 1.800 m. em cascadas;
- Torrão e Vila Nova de Barcais, em cascadas, com 7.680 m. dentro do concelho.

Todos falam classificadas 7 estradas municipais, da maior importância, mas que não existem ainda ou de que estão con-

tráficos e prazos paquidálicos quase estacionários:

- estrada municipal nº. 1 (Aloçõez a S. Roque, por Vale do Guizo), com um troço a partir da E.N. nº. 120, até porto da Barra de da Lencaria, que foi construída pelo proprietário da barreira, cuja extensão é de 1.400 m., sendo 1.000 em madeira e 400 em calçada à portuguesa;
- estrada municipal nº. 2 (Várzea da Ribeira, por S. Roque ou Ilheus do concelho), por ferrovi;
- estrada municipal nº. 3 (Barreiro-Suana ou Torrão), por ferrovi;
- estrada municipal nº. 4 (Santa Susana e S. Cristovão), por ferrovi;
- estrada municipal nº. 5 (Barrosoita, por Macieira e Porto Alegre), por ferrovi;
- estrada municipal nº. 6 (Perimes-Jalo e Casobras), por ferrovi;
- estrada municipal nº. 7 (Palau, por Norte Novo ou Pinhalzinho), por ferrovi.

Pelo que fico dito e, melhor ainda, pela consulta de um mapa, o concelho encontra-se num serviço de rodoviário, mesmo embora em linha de conta com os concelhos vizinhos bastante numerosos, que por este não é fácil circularem outros meios de transporte que não estes os caminhos e os corredores de trânsito, dividido à arada. No in-

verno ainda é possível uma certa penetração, mas no estio, nem muitas vezes os "jeeps" conseguem andar mais de poucas centenas de metros sem se prenderem.

As estradas nacionais, com excepção das nºs. 253 e 261, têm pavimentos betuminosos, o que não impede que começem a estar danificadas, nomeadamente a nº. 5, entre Alcácer e a sede do distrito.

Na estrada nº. 253, o troço Comporta-Alcácer que falta construir, cerca de 26 quilómetros, faz muita falta, pois mantém o lugar da Comporta, de grande riqueza agrícola, completamente isolado da sede do concelho; para ir à Comporta utilizando estrada, tem de se passar por Grândola, fazendo um percurso superior a 50 Km., de que apenas 22 Km. estão em bom estado. Os restantes encontram-se muito deteriorados e na sua parte final intransitáveis, o que obriga a quem se dirija à Comporta (encontra-se lá instalada a Guarda Fiscal) a utilizar um caminho particular, que se encontra fechado, pertença da Companhia estrangeira proprietária das Herdades da Comporta e da Carrasqueira.

As estradas municipais já classificadas, mas inexistentes, fazem muita falta, pelo menos em grande parte. A nº. 2 iria servir propriedades beneficiadas pela barragem do Vale de Gaio; a nº. 3, porque o seu traçado foi feito numa região que se encontra completamente desprovida de vias de comunicação; a nº. 4, porque reduziria a distância entre Alcácer e Montemor o Novo e a nº. 5 por

servir propriedades beneficiadas com águas das barragens, as regadas, ainda que árida seja, porto, importante resultado.

Os pavimentos dos caminhos municipais começam a estar os bancados e, se não são reparados, dentro em pouco ficas intranquilas.

Por isso se coloca uma ponte na ribeira da Ribeira das Laranjeiras, junto à paragem do mesmo nome. Infeliz é o que seia há alguma tempo, pelo que o lugar ficou com complicação com o caminho municipal que parte da estrada nacional n.º 203.

A construção de uma estrada ligando a vila de Guadalupe à Grândola é uma das aspirações da população Cacapista, que tem afinidade com o concelho vizinho, com o qual mantém contacto intercâmbio comercial.

4 - O rio Sado é uma das principais vias de comunicação do concelho, pelo é naveável em porto de 70 fm., desde a foz, ou Setúbal, até Porto de Moli-Sel, quase 80 fm. e contento de Alcácer do Sal, até aquele porto vão barcos de 65 a 75 toneladas, e até Alcácer e Penafiel (infeliz) de 200 a 300 e mesmo de 400 toneladas.

A via fluvial com o aparecimento do caminho de ferro e a diminuição de concorrentes, perdeu muito da sua importância. No entanto são ainda 55 os barcos empregados no tráfego entre Alcácer e Setúbal.

Os principais meios de transporte são:

- 1 - O caminho de ferro;
- 2 - os veículos automóveis;
- 3 - os carros de tração animal;
- 4 - as bicicletas;
- 5 - os barcos.

1 - Há 4 estações de caminho de ferro - Pinheiro, Monte Novo-Palma, Alcácer e Vale de Guizo.

Alcácer dista 78 Km. do Barreiro e mais 10 (via Tejo) de Lisboa.

O serviço de comboios na linha do Vale do Sado é de 2 com bóios diários (ida e volta), 1 automotora, também diária (ida e volta), e ainda mais um comboio três vezes por semana (ida e volta).

Pelo caminho de ferro, Alcácer tem razoáveis ligações com Setúbal, Lisboa, Algarve e povoações da linha de Sines.

2 - Duas empresas de camionagem têm carreiras no concelho, fazendo a ligação de Alcácer e do Torrão com Lisboa, Setúbal, Beja, Sines e Algarve e outras povoações de menos categoria.

Os veículos automóveis existentes no concelho são em número de 157, assim distribuídos:

Automóveis	-	98
Camionetas	-	4
Caminhões	-	33
Fourgonetas	-	11
Motos	-	<u>11</u>
Total		157

Dos 157 veículos, 118 recolhem em Alcácer.

Os automóveis de aluguer são em número de 10 dos quais 7 fazem praça em Alcácer e 3 no Torrão.

Há, por consequência, grandes áreas do concelho completamente desprovidas de transportes públicos, uma prova mais do baixo nível de vida da população. Existe um grande desnível entre as duas classes em que propriamente se pode agrupar a população, ou seja, o povo e os muito ricos, pelo que se passa em salto brusco dos que possuem dois e três automóveis para os que nem sequer têm condições de poder alugar algum.

A classe média, essa, quase não se dá por ela, e caminha-se a passos agigantados para o seu completo desaparecimento.

Caminhões de aluguer existem 7, fazendo todos praça na sede do concelho.

3 - São 1.523 os carros de tracção animal, grande parte dos quais são de duas rodas, puxados por uma parelha de muares, ou sejam os conhecidos carros alentejanos. Também são vulgares os car-

ros de duas rodas de tração bovina, conhecidos pelo nome de carreiras, e que têm bons serviços prestes nos assentos velhos, particularmente quando a estrada abunda, o que é vulgar.

4 - Na Câmara Municipal estão registradas 600 bicicletas.

5 - O tráfego fluvial é feito em barcos de uma a duas velas, com a tonelagem média de 20 a 70 toneladas. A frota que efectua os transportes no rio é constituída por cerca de 50 unidades. Destes barcos apenas um possui licença para desembarcar a barra do Tejo.

De Alcacer a Setúbal um barco à vela, em condições normais, leva de 5 a 10 horas, mas se o vento e a maré estiverem de relação o trajecto é coberto em 5 horas.

No entanto, para uma viagem de ida e volta a Setúbal não se conta esse tempo de todo dia, incluindo as operações de carga e descarga das mercadorias.

Para o porto de Foz, 8 quilómetros a sudeste de Alcacer, as colicas complicam-se sempre por causa das passagens nas rotas de caminho de ferro e da estrada para Grândola. As rotas só dão passageiros uma vez ou cada 15 horas, estando essa hora abertas; agarrando-se e mal porquê o horário da abertura não é igual para os duas rotas!

— — — — —

As principais mercadorias que o caminho de ferro transporta são madeiras (em bruto), lousas, tijolo e outras cerâmicas e gado.

A partir de 1960 tem diminuído muito o tráfego pelo centro de Faro em favor da camionagem, principalmente no respeitante a cortiça, que muito pouca embarcou hoje nas estações do concelho.

Os encargos de transporte entre as estações de Aldeias e Barreiro⁽¹⁾ são, por tonelada ou segundas:

Arroz	= 29,60
Cortiça (em bruto)	= 45,60
Madeira (em bruto)	= 45,60
Trigo	= 37,20
Pelha enfarinhada	= 30,60
Leite (em bidão)	= 20,60
Mel	= 06,40
Arada	= 40,60

Os preços, nos passageiros, em tarifa cláusula, para as estações de Outeiro e Lisboa são respectivamente 11,200 e 25,600.

A camionagem de carga tem hoje intensos tráfegos, levando certas mercadorias, como a cortiça, que não utilizam, por razões de custos outros meios de transporte, pois o camionista apresenta a vantagem de ir ao próprio ponto buscar a mercadoria, levando-a dentro da fábrica. No entanto, estressava um crise resultante da concorrência entre camionistas e das embaixadas contribuições que sobre ela incidem.

(1) - A distância entre as duas estações é de 75 quilómetros.

Carros de 5.000 Kg. levam por tonelada/Kilómetro cerca de \$80.

É nos carros de tracção animal que se fazem a maior parte dos transportes de mercadorias dentro do concelho. Geralmente as grandes casas agrícolas possuem numerosos carros e carretas que levam dos assentos de lavoura até às folhas as sementes, adubos e utensílios diversos e destas para os celeiros os frutos da terra. Mesmo dentro das propriedades os percursos são grandes, pois os prédios também são de grande área.

Os caminhos por onde transitam os veículos de tracção animal são normalmente inacessíveis a outros meios de transporte, devido à areia.

Não é vulgar o aluguer de carros de tracção animal; no entanto têm o mesmo preço da jeira, ou seja 100\$00 para as parelhas e 80\$00 para as juntas de bois.

Nos barcos faz-se o transporte de adubos e materiais de construção de Setúbal para Alcácer; em sentido inverso seguem o carvão, as madeiras, o sal, e alguns cereais, como o arroz. O transporte deste último cereal das lavras para os descasques é quase todo feito pelo rio.

De Setúbal até Alcácer, ao Porto da Foz e ao Porto d'El-Rei o frete, por tonelada, de qualquer mercadoria, costuma regular, respectivamente, por 14\$00, 16\$00 e 20\$00.

G - Áreas

Com elementos coligidos de um trabalho elaborado pela Junta de Colonização Interna organizámos a série de quadros seguintes.

Quadro IX
Freguesia de Santa Maria do Castelo

Culturas e modos de utilização	Áreas Ha.	Percentagens %
Terra campa	6.383,6	10,9
Olival	660,7	1,1
Vinha	97,3	0,2
Vinha e olival	105,3	0,2
Arroz	1.754,4	3,0
Horta e pomar	38,7	0,1
Regadio	375,0	0,6
Várzea em sequeiro	331,2	0,5
Olival com sobreiro	24,3	0,0
Sobreiro	22.013,3	37,5
Azinho	11,0	0,0
Sobreiro e azinho	-	-
Sobreiro e pinhal	2.162,5	3,7
Azinho e pinhal	-	-
Pinhal	4.179,0	7,1
Eucaliptal	131,7	0,2
Salinas	516,3	0,9
Incultos (sapal, matos, etc.)	19.759,8	33,7
Pequenas albufeiras e "montes"	165,3	0,3
Total	58.709,4	100,0

Quadro II

Freguesia de Santiago

Culturas e modos de utilização	Áreas Ha.	Percentagem %
Terra seca	11.260,0	44,3
Olival	35,0	0,4
Vinha	170,0	0,7
Vinha e olival	12,0	0,1
Arroz	900,0	3,6
Sobro e pinheiro	4,0	0,0
Horto	70,0	0,3
Verdeiro ou pagueiro	-	-
Olival com sobre	-	-
Sobre	3.050,0	12,3
Azinho	900,0	3,6
Sobre e azinho	614,0	2,4
Sobre e piñel	340,0	1,3
Azinho e piñel	-	-
Pinhal	2.077,1	8,3
Queral/ptal	-	-
Salinas	-	-
Quintos (supel, matos, etc.)	2.477,0	9,9
Pequenos albufeiras e "ruedas"	20,0	0,1
Total	25.500,0	100,0

Quadro II
Fráguesia de Santa Justa

Culturas e modos de utilização	Áreas totais	Percentagens
Terreno seco/a	8.534,5	46,0
Olival	31,0	0,1
Vinha	-	-
Ribeiro e oliveira	-	-
Azeite	-	-
Borda e pomar	-	-
Regolho	14,0	-
Várzeas em desfolho	-	-
Olival com outro	-	-
Sobreiro	4.703,5	24,9
Acincho	1.004,5	5,5
Sobreiro e acincho	3.102,7	16,5
Sobreiro e pinhal	17,0	0,1
Acincho e pinhal	50,0	0,4
Pinhal	75,5	0,4
Encadralhado	24,0	0,2
Colinas	-	-
Inequívocos (sapal, matos, etc.)	105,0	0,7
Pequenos albufaires e "suantes"	0,0	0,0
Total	18.034,5	100,0

Quadro III
Propriedade do Tombo

Culturas e modos de utilização	Arense ha.	Percentagem
Terra certa	18.580,0	34,0
olival	1.010,1	6,0
vinha	55,5	0,1
vinha e olival	1.120,0	0,5
arroz	280,4	0,3
culta e pônez	50,5	0,1
engadío	3,0	0,0
várzeas em pequeno	55,0	0,2
olival com sobre	-	-
sobre	14.507,0	50,7
asinho	5.010,0	9,0
sobre e asinho	340,1	0,6
sobre e pinhal	620,7	1,0
asinho e pinhal	-	-
pinhal	307,0	0,5
mulatiçal	-	-
Salinas	-	-
Inquilos, (caçal, matos, etc.)	497,0	1,0
áreas com cultivações e plantas	11,0	0,0
Total	55.070,0	100,0

Censo de 1950

Concelho da Aldeia do Sul

Culturas e modos de utilização	Área ha.	%
Ferro cond	36.601,6	26,1
Olival	2.393,9	1,6
Vinhais	230,4	0,2
Vinhais e oliveiral	242,3	0,2
Azevinhos	2.943,8	2,2
horta e pomar	73,7	0,1
Bogado	455,5	0,3
Matrizes em sequeiro	396,7	0,3
Olival com sobre	24,3	0,0
Sobre	47.207,6	34,5
Azinhais	6.290,2	4,5
Sobre e azinhal	4.509,5	3,2
Azinhais e pinhal	2.072,6	1,5
Pinhal	60,0	0,0
Eucaliptal	7.918,0	5,6
Salins (só em Santa Maria)	516,3	0,4
Incultos	21.770,0	15,0
Capel (só em Santa Maria)	942,1	0,6
Untos (" " " " ")	107,5	0,1
Pequenos albufeiras e fontes	221,4	0,2
Co. A. O. P. A	1.974,0	1,3
Área social, vias de comunicação e curvas de água	4.614,2	3,2
Total	145.480,0	100,0

Quadro XIV

Freguesias	Área agrícola		Área florestal		Incultos	
	Ha.	%	Ha.	%	Ha.	%
Santa Maria	10.286,8	17,5	28.497,5	48,5	19.759,8	33,7
Santiago	12.599,7	49,4	10.593,5	40,7	2.477,3	9,7
Santa Susana	8.857,8	47,0	9.855,5	52,3	135,0	0,7
Torrão	15.034,1	41,9	20.386,0	56,8	447,5	1,3
Total	46.778,4	33,7	69.132,5	49,8	22.819,6	16,4

Quadro XV

Área do concelho	Área agrícola Área florestal					Incultos			Barragens, área social, vias de comunicação e cursos de água	
	Ha.	Ha.	%	Ha.	%	Ha.	%	Ha.	%	
	145.480,0	46.778,4	32,2	69.132,5	47,5	22.819,6	15,7	6.749,5	4,6	

Quadro XVI

Freguesias	Qualidades de terreno(Ha.)					
	Bom	%	Médio	%	Mau	%
Santa Maria	5.090,5	8,7	11.882,8	20,2	41.736,1	71,1
Santiago	3.878,2	15,2	10.286,0	40,3	11.344,8	44,5
Santa Susana	2.681,1	14,2	12.739,3	67,6	3.453,9	18,2
Torrão	4.525,4	12,6	16.814,6	46,9	14.538,2	40,5
Total	16.175,2	11,7	51.722,7	37,2	71.054,0	51,1

Quadro XVII

Freguesias	Áreas Ha.	Percentagem (%) em relação à área total
Santa Maria do Castelo	58.709,4	40,3
Santiago	15.509,0	17,5
Santa Susana	18.854,3	13,0
Torrão	35.879,2	24,7
J.A.O.H.A.	1.914,0	1,3
Área social, vias de comunicação e cursos de água	4.614,1	3,2
Total	145.480,0	100,0

Verifica-se que a distribuição de culturas não é uniforme nas quatro freguesias em que hoje se divide o concelho⁽¹⁾, onde que, por exemplo, o tornasoa, ocupa sempre um lugar primordial em qualquer deles. Isto com o olival não sucede o mesmo, pois apesar da importância das aldeias do Torrão e da Santa Susana, a vinha, e a vinha associada com oliveiras ocupam áreas muito iguais em todas as freguesias, excepto feita para Santa Susana, onde não existe; quanto ao arroz, este não se cultiva só na Santa Maria, depois São Mingo e Torrão cujas áreas somadas andam pela de Santa Maria, não se cultivando em Santa Susana; e sobreiro exerce em todos as freguesias, mas abunda nos de Santa Maria e Torrão; a acincheira, muito menos espalhada do que o sobreiro, quando se vê em Santa Maria; pelo contrário, o pinhelro (mano e bravo) encontram nela o seu melhor solo. Na Santa Susana o pinhelro quase desaparece. Os laranjais chegam em Santa Maria uns acentos extensos - perto de 20.000 hectares - o que não sucede nas restantes.

O quadro XIII nomea elementos dos quatro anteriores, encerrado das terras expressões pela Junta Autónoma das Áreas de Marthalles agricultura e das áreas social e compõe pelas vias de comunicação e cursos de água, que não conseguiram diferenciar por

(1) - Antes da última reforma do Código Administrativo o concelho de Alcoutim era constituído por 11 freguesias: Alcoutim, Torão, Vale do Reis, São Bartolomeu, Santa Maria do Castelo, São Mingo, Santa Catarina da Serra, Vale da Gândara, Santa Susana, Carrapateira e Belo.

freguesias. Mostra o referido quadro ocupar o montado de sobre o primeiro lugar, seguindo-se a terra campa e os incultos que, em grande parte, podem ser aproveitados. Vêm depois o pinhal e o montado de sobre, ainda com alguns milhares de hectares.

Os quadros XIV e XV resumem, por freguesias e por concelho, as áreas agrícola, florestal e de incultos.

A freguesia com maior área agrícola é a de Santiago, seguindo-se por ordem decrescente de grandeza a de Santa Susana, Torrão e Santa Maria, onde não chega a 18%. A taxa florestal é mais elevada no Torrão e em Santa Susana e mais baixa em São Tiago.

Os incultos atingem em todo o concelho perto de 23.000 hectares, o que representa um desperdício incalculável em qualquer parte e, muito mais ainda, num país considerado pobre.

O quadro XVI mostra a distribuição dos solos do concelho por três categorias - bons, médios e maus. Verifica-se grande predomínio dos maus e médios sobre os bons.

Finalmente chegamos ao último quadro da série que, dentro do que nos foi possível organizar com os elementos de que dispunhamos, indica as áreas das freguesias, com pequena incorreção de ficarem por distribuir por cada uma delas 6.500 Ha. que tanto somam a área social e a das vias de comunicação, cursos de água e terrenos expropriados pela Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola.

II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A - Culturas e técnica cultural

a) - Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades

As principais plantas cultivadas no concelho, por ordem decrescente de importância, são as seguintes: o arroz, os cereais praganosos de sequeiro (trigo, aveia, cevada e centeio), o sobreiro, o pinheiro (bravo e manso), a oliveira e a azinheira.

As matas ocupam, pois, lugar de relevo.

Além das citadas culturas arvenses de sequeiro, também se semeia fava, grão e batata de sequeiro⁽¹⁾.

As culturas arvenses de regadio têm no concelho notável incremento destacando-se o arroz, seguido do milho e feijão.⁽²⁾

A cultura do arroz tem aumentado notavelmente nos últimos dois anos e continua em franco progresso, devendo estender-se em breve a cerca de 6.000 ou mais hectares.

A cultura de plantas hortícolas continua a ter reduzido interesse, estando mais espalhadas a batata doce (na margem

(1) - Principalmente na freguesia de Torrão.

(2) - Feijão frade e feijão amarelo (da Comporta), semeado em terras francas, denominadas ademas.

enquanto do resto), os couves (com predominio da rapa), o tomate, o pimento, o feijão verde, o rabesco (na Torre), alface, alguma choura, e a molanha e o milho, algumas verbas, frangos e fôrteis, das várias.

— — — — —

A vinha é a única planta arbustiva cultivada, ocupando, no entanto, reducida superfície, ao contrário do que já sucedeu em recentes tempos, quando em 1316 D. Manuel reclassificou o concelho de Aldecar por D. Afonso II, era a vinha uma das principais riquezas da vila, outrora ultrapassada pelo trigo e pelo milho.⁽¹⁾

Agora só encontram hoje uns vinhos óticos de vinhos prados, quando os restantes são reduzidos à secagem.

De maneira geral todos os vinhos deixando goror, pois são bastante velhos e, por isso, pouco produtivos. Infelizmente sucede tal porque têm sido muitos extratos à plantação de novas vinhas, o que consideramos muito errado quando se trata de terrenos pouco ou nada apropriados para árvore.

Consideramos a oliveira uma das riquezas do concelho principalmente na zona agrícola plantada e nova, na do Torre.

(1) - Na vila de Aldecar havia na altura três lagares de azeite.

O seu número é elevado, constituinto quer cítricos ordenados, ês tais danamente provisões, quer consolados com a vinha quer cida, dispersos.

As principais frutelras encontradas forem a laranjeira, a pêssego, a ameixa, a figueira, a nespereira e a tangerina - noira. Grande parte das árvores do fruto encontram-se dispersas por quintal e hortas, mas também já se vêem permanecendo, em geral de laranjeiras, ameixeiros e figueiras.

Cultivam-se exclusivamente para o abastecimento do café, a aveia e a fava, que são a base das rações das mulas, que têm importante lugar ocupam na lavagem da terra alentejana do concelho. Também já se vêem semeando alguma berola e lucerna e um pouco de grão preto. A berola e a lucerna tendem a generalizar-se, e aquela beneficiada é pecudaria.

Dentro as plantas cultivadas que permitem o aproveitamento de produtor secundários para a alimentação do café contam-se todos os cereais, com exceção do centeio, pelas pulhas e nefelas.

O grão de café fundante está a ser tudo o grão usado, bem como o milho.

A palha de grão também costuma ser aproveitada pela pecúria.

Pelo conhecimento que obtivemos do concelho, parecem-nos ser o arroz espécie bem adaptada às condições do solo fértil, especialmente nos aluviões do Tejo e dos seus afluentes, pondo de parte em ou outro local de solos rotos⁽¹⁾, onde a cultura se torna quase impossível. Né mesmo alguns aluviões - garras - onde algumas por acaso se pode cultivar arros, devido à conterem elevadas percentagens de clorato de sódio.

O trigo, a cevada e a aveia vão bem na barreira e na zona da Alentejana, variando as suas produções não só com as qualidades dos terrenos, mas também, e especialmente, com as condições climáticas. Quando as produções são sempre fracas, principalmente para o trigo e cevada, é nas zonas de pliocénico, pelo que representa grande erro perder tempo em semeá-las dentro da estação. Se o conteúdo de água se aquece melhor, como não foi de observar; mas o Ir malhar, não quer dizer, de modo algum, que vai bem.

Das leguminosas ervenses - fava e grão - o agricultor, com a sua ciência da experiência feita só os semeia nos terrenos mais fortes, isto é, naqueles em que a argila entra em percentagem considerável, onde conseguem produzir razoavelmente ou, mesmo, bem. Nos solos mais fracos as tentativas feitas com a cultura

(1) - Solos em que a infiltração é muito grande, e que originam a norma desprendimento de água.

das referidas leguminosas redundam em fracassos, ainda maiores quando se trata do grão.

A batata de sequeiro dá produções animadoras em certas areias da freguesia do Torrão, muito enriquecidas de matéria orgânica, pelo que é de aconselhar que a cultura aí continue, até pelo seu significado social. É feita por pequenos seareiros a quem o proprietário cede terra apenas pela estrumação. As produções andam pelas 15 sementes, o que não é nada mau para quem não faz grandes despesas de cultivo.

O milho, mais o de regadio do que o de sequeiro, dá produções satisfatórias. As condições físicas do meio prestam-se admiravelmente para a cultura do milho de regadio. Calor, água e boa terra são elementos de primeira ordem para se atingirem altas produções, como de facto se verifica no milho da terra e, mais ainda, com os híbridos ultimamente importados.

O bersim e a luzerna, que só se cultivam nos locais apropriados, também são plantas que encontram na região óptimas condições de desenvolvimento.

Dentre as plantas hortícolas algumas parecem encontrar em certas áreas do concelho o seu meio mais apropriado. Entre outras, temos a batata doce, que tão bem vai em certos terrenos da margem esquerda do Sado, o feijão amarelo, das ademas da Comporta, tão fácil de cozer e tão saboroso, o feijão frade, o tomate e o pimento.

A vinha, ainda que não dê grandes produções⁽¹⁾, está bem adaptada e é das culturas de interesse para certas areias pliocénicas, onde as culturas arvenses de sequeiro não têm defesa e por consequência, devem ser postas de parte.

Há duas zonas no concelho onde a oliveira abunda: em volta de Alcácer, para norte e nascente, e no Torrão. Na primeira não se desenvolve muito, produz pouco e o azeite não é de qualidade; na segunda, continuação dos afamados olivais de Ferreira do Alentejo, as árvores atingem bom porte, a produção é alta e o azeite de apreciáveis qualidades. Isto indica que a primeira não é tão apropriada à oliveira, que em muitos casos foi plantada nas vinhas, por uma questão de aproveitamento da terra, que depois da vinha morrer, apesar de tudo, outra coisa não daria; mas que a segunda é, por exceléncia, meio propício e como tal deve ser considerado, não se devendo perder de vista o facto num futuro ordenamento.

Quanto às fruteiras, propriamente ditas, ficamos com a impressão que a laranjeira, a figueira, a nespereira, a pereira e a ameixieira são as espécies mais adaptadas às condições do meio físico. Principalmente a laranjeira vai muito bem, dando frutos de boa qualidade - casca fina, sumarentos e doces. A figueira também pode vir a ser uma árvore com futuro.

Qualquer das essências florestais a seguir enumeradas -

(1) - As vinhas de várzea produzem bem.

- sobreiro, calceteira, pinheiro manso e pinheiro bravo - e que são os que se encontram em maior quantidade no concelho, vegetam em condições apropriadas, desenvolvendo-se bem.

Em face do que acima foi dada observar e das informações colhidas junto da Lavoura, indico-se algumas das variedades mais aconselháveis para as culturas mais generalizadas, com as devidas reservas, como é evidente.

- Assim, no que respeita ao arroz, as variedades hoje mais cultivadas e que se consideram bem adaptadas, são: o Châne, o Ponta Rubra e Precoce 6; o primeiro representa 50% do total e os restantes 20%. A preferência dada ao primeiro nasce entre os técnicos que se dedicam à sua cultura, é indicativo notório da sua superioridade sobre as outras.

- Da trigo as variedades de maior expansão são:

trigos moles: Precoce (cultivado em terras maio ou menas fortes), Rota (em todos os terrenos), Quadrerna, Barbela, Montanha, Mocho de espiga branca (muito comum nas encias do pinhão) e Rieti (o trigo mais usado nas várzeas, que começam a transformar-se em lavouras de arroz).

trigos ríjos: não mais vulgares nos barros de Torrão, sendo os mais frequentes e bem adaptados o Lobreiro, o Precoce Preto (nas várzeas), o Preto Anzelho e o Russo.

A Lavoura começa a interessar-se pelo trigo selecionado para sementes, mas fá-lo ainda em pequenas quantidades, isto, por

alimentante, por não lhe ser fácil adquirir sela.

- A semente usada é proveniente de sementes e que são o nome do grão da terra. Também já se cultiva alguma cevada negra.

- A aveia mais generalizada é a aveia, muito resistente à secura. A aveia também é designada por segunda aveia e a cevada vulgar por cavalo branco.

- O centeio usado é proveniente da natureza.

- Dizida-se milho milho branco do que branco; os milhos híbridos, tanto de semente como de repicado, estão a ter grande expansão.

- A fava usada é a zumbina, obtivendo-se também a zebra, mas em menor escala.

As cebolas de uva são freqüentes e de valor tradicional alto:

- branca: Diagonal e Moncal

- branca: Pintada, Moncal, Cores, Engomado e Almuzaria

De todas a de maior expansão é a periquita.

Quadro XVIII

Trigo seleccionado fornecido à Lavoura

1946				
Variedades	Garantia of.	Res. dos celeiros	Exótico	Total
Mocho de esp.branca		9.153		9.153
Preto amarelo		375		375
		9.528		9.528

1947				
Variedades	Garantia of.	Res. dos celeiros	Exótico	Total
Mocho de esp.branca	12.000			12.000
Galego rapado	1.760			1.760
Lobeiro	1.600			1.600
Barbelinha	—	2.193		2.193
	15.360	2.193		17.553

1948				
Variedades	Garantia of.	Res. dos celeiros	Exótico	Total
Roma	25.840			25.840
Mentana	4.000		2.042	6.042
Lobeiro	8.540			8.540
Galego rapado		25.000		25.000
Precoce		1.400		1.400
Quaderna	—	.500		.500
	38.380	26.900	2.042	67.322

Está bem adaptada às condições fitogeográficas locais, e das talvez a principal razão de se encontrar tão generalizada, a Oliveira da variedade galera; de outras variedades raramente se vêem exemplares.

As variedades da laranjeira mais vulgarizadas são a Laranjeira⁽¹⁾, liticamente, e Bela.

Das culturas em uso, parecem-nos ser o arroz a que têm maiores possibilidades de expandir-se, que pode competir-se com algumas culturas de hortas; mas, de facto, muitos capaços e travessas é cultura e são principais usos, pelo menos, não é fácil dar-lhes um aproveitamento.

A árvoa destinada ao trigo encontrava distinção, por ter sido levada à cultura do arroz algumas décadas. Não constituiu muito nível dar valor incremento à sementeira do cereal-zei e, se fosse entender, em certas zonas do piso-cósmico onde se cultiva, deveria ser posto de parte, pois as produções não são economicamente competitivas. Será melhor ensinar aí cultivo ou novo arroz. O cultivo deve, porém, expandir-se mais, no aproveitamento de terras em que os restantes cereais só por excesso não em número de excedentes capaz de pagar as despesas efectivas de exploração.

(1) - Denigre-se em geral por Santos todo a variedade que não se cabe bem o que é e apresenta algumas características danosas.

O milho, tanto de sequeiro como de regadio, mais o último do que o primeiro, é cultura tão bem adaptada às condições fisiográficas locais que julgamos de interesse aumentar-se, dentro do possível, a área cultivada.

A horticultura, principalmente no respeitante a algumas plantas, como a batata doce, o feijão e a melancia, convinha de certo modo dar maior expansão, pois as duas primeiras são plantas altamente nutritivas e a última um fruto barato e agradável nos climas quentes, onde as populações lhe dão muito apreço.

A cultura de forragens, aproveitando as terras de arroz e antes da cultura deste, tem um interesse acima de qualquer encómoio, pois permitirá a existência de maiores efectivos pecuários estabulados, o que julgamos ser indispensável para se poder pensar em regadios intensivos, impossíveis, sem a existência de abundantes quantidades de estrume.

Devia permitir-se a cultura da vinha em certas terras soltas, onde outra coisa não se pode fazer com resultados económicos⁽¹⁾, até porque a vinha é pretexto para se plantarem olivais que, sem ela, nunca seriam postos em tais terrenos. Assim, os amanhos e cuidados culturais dispensados à vinha vão beneficiar as novas oliveiras, que medram em melhores condições, conseguindo-se, deste modo, a valorização dessas terras soltas e fracas.

(1) - Nessas terras é possível o revestimento florestal, que não apresenta, no entanto, o mesmo interesse económico e social da vinha.

A expansão da oliveira no norte doce tem vantagens, das quais se lhe possivel a cultura arvenses sob coberto.

Nas grandes secas estivais do pliocénico, além da floripa, com as espécies latifólia, ou outras que os técnicos floricultores consideram vantajosas, talvez fosse de tentar a plantação da figueira, prestando conta as condições do solo se apresentarem na Serra da Estrela.

A figueira é frutífera de características exóticas, permitindo fácil aproveitamento industrial e não requerendo grandes cuidados de manutenção.

Não julgo que necessário proceder à utilização de culturas; as plantas cultivadas estão bem adaptadas e consideramos o seu cultivo indispensável ao equilíbrio da economia agrária do concelho.

As modalidades que preconizamos para melhor aproveitamento do solo seriam caminho aberto para se entrar no campo da intensificação, para o que o concelho apresenta grandes possibilidades. Daí aí, unica-vez, acima de tudo, o princípio da colherem as condições de vida das populações rurais, cujo nível é dos mais baixos que encontrámos, o que não é de admirar, onde predomina a riqueza abundante, mas uma riqueza de tipo plutoaristocrático, com as características das nossas explorações agrícolas tradicionais e quasi patrilineais, em que o patrício é, por assim dizer, o fundador dos que o servem.

b) - Afolhamentos e rotações tipo

O afolhamento e as rotações apresentam no trabalho uma grande variação, que não depende, apenas, da constituição dos solos, mas de um conjunto de factores em que predomina de forma acentuada o critério individualista de quem dirige as explorações agrícolas. Daí, ser quase impossível indicar os afolhamentos mais vulgares e as rotações que podem conformar-se nalgas combinações.

No zona nortenina as rotações mais vulgares são as seguintes:

1) - terras anas pobres

1º ano - alquitrão, por vezes com milho
2º * - trigo
3º * - aveia ou centeio
4º * - caná

2) - nas terras com pasto

1º ano - alquitrão, por vezes com milho
2º * - trigo
3º * - aveia
4º - caná

3) - as áreas arborizadas

1º ano - centeio ou aveia
2º - caná

— — —

No sítio agrícola (almofra e barroca) são vulgarizadas as seguintes que pertencem a enumerações:

1) - nas várzeas (1)

{ 1º ano - arroz	
2º " " "	
3º " " "	
4º " " "	
1 a 3 anos de pouso	

Por vezes fazem a invensão da forma de arroz, com folhas ou batata.

2) - nas várzeas

{ 1º ano - arroz
2º " " arroz
3º " " trigo ou milho e grão
4º " " pousio e feno

3) - nas várzeas

{ 1º ano - alqueire com milho e grão
2º " " trigo
3º " " trigo troncos
4º " " aveia ou pousio e feno

Esta notação está a cair em desuso.

4) - nas várzeas

{ 1º ano - alqueire com milho
2º " " trigo

5) - nas várzeas

{ 1º ano - fava
2º " " trigo

6) - Nas arrocalas sujeitas a exploração intensitante,

6) - em terras de várzea
mais fracas

1º ano - fava
2º * - trigo
3º * - arroz
4º * - trigo
pousio 1 a 4 anos

Em muitas terras de arroz, tanto o plantante como o juizamento de Alcaçuz, não costuma haver arremedamentos, cultivando-se arroz todos os anos; salvo raras exceções a cultura continua de arroz tem sido impedita pela escassez de água e, em cada caso, é dada que não é possível cultivar por falta de água é ou não em falta a outras culturas, conforme se saiba ou não de terras com baixo ou alto teor salino. Com as terras possibilitantes de água para rica e exploração intensiva tanto a desaparecer.

Na nota dada do cassão os arrozais nos usam a técnica do pousio com a milho, sobretudo, de aliviar as despesas da semente e da estivação.

No barroado as rotações mais valiosas são:

1) -	1º ano - algodão, por vezes com arroz
	2º * - trigo
	3º * - fava
	4º * - trigo
	5º * - canela ou aveia

(1º ano - alqueive, por vezes com grão
 {
 (2º " - trigo
 {
 2) - (3º " - fava
 {
 (4º " - trigo
 {
 (5º " - aveia (e raramente a cevada)
 {
 (pousio - 2 anos

Em terras de barrada mais ordinárias é vulgar a cevada substituir o trigo e não se semear fava, aumentando-se os anos de pousio, que se reveste de pastagem, para utilidade do gado nadio.

Em volta dos montes também se semeia o alcacér, para verde, mistura de aveia, cevada e centeio, destinada ao gado bovino de trabalho e leiteiro. Semeia-se em Outubro, dando apenas um corte, de Abril a Maio.

A zona agrária alentejana que, como vimos, se subdivide em duas sub-zonas (barros e terras galegas) segue rotações semelhantes às alguns concelhos do distrito de Beja; assim, nos barros, são frequentes as rotações

1º ano - fava
 2º " - trigo
 3º " - trigo tremês ou cevada;

ou então:

1º ano = alquitrão com estô

2º " = brilho

3º " = brilho transíss

4º " = crista

Naos barcos gallegos usava-se as rotacções seguintes:

1º ano = alquitrão (com milho e arrozal tam o estô)

2º " = brilho

3º " = crista

pousio = 4 a 6 anos;

ou entâo:

1º ano = alquitrão com milho

2º " = covada

3º " = crista

pousio = 4 a 6 anos

Na continente: há grande variedade de rotacções, isto é
menos equilibradas, mas de mesma nível que as todas com certa re-
nça do ser, pelo menos aparente. Notem-se, por vezes, certa in-
tenstificação cultural em explorações da madeira, o que em par-
te se justifica pela necessidade que têm de extraír da terra o
maior rendimento possível, para satisfazer o alto conteúdo das
troncas, bastante engrossadas.

Na nossa opinião o aproveitamento de certas árvores na
cultura cereátilfica não tem razão de ser, devendo, nesse sentido

Lido.

a) - Récitas cultural

Arroz

Quando uma terra é cultivada da mesma maneira todos os anos, acaba-se a concentração e não a plantação, por ficar nela barato; a plantação é operação cara e no primeiro ano é, mesmo no segundo, quando não se precisa zendar, o que não sucede depois. As terras de arroz são, em geral, invadidas pelo enxurrado, jangalito, alinhá e crelha de rula.

Quando se cultiva uma terra de arroz, começam por fazer a lavoura do abrigo, a que se segue a aração da terra, com as operações complementares de picar e latir e cavar cancos; depois acontece a vila em regos, e, mais tarde, a semente, tanto quanto bastante ligado é, por dia, a calde. No ano imediato comece-se por desmanchar os cancos (cacos ou frascos), sendo em seguida dado o sinal de latir e mais tarde o sulco, depois de que se refazem novamente os frascos, nível-se⁽¹⁾ e seca a rebelta, com a semente, e que se cogne a concentração ou plantação. A concentração começa em Março e prolonga-se por Abril e parte de Maio. A plantação inicia-se em Maio e vai até meados de, por vezes, até fins de Junho. A adubação varia muito, podendo-se parto do adubo na concentração ou plantação e parte ou cobertura. Os sig-

(1) - O nivelamento consiste da baleação, ou desenrugamento; se a terra precisa de-se um passagem à grade ou anhola ou de 40 cm.

bos mais usados são o superfosfato de 10% e o sulfato de amónio. As recentes, tão importantes nessa cultura, iniciam-se em Junho e prolongam-se até fins de Julho, começando a cair em Outubro e indo, normalmente a fins de Outubro. Os hectaras de arroz necessita, durante o seu período vegetativo, de 80 a 85.000 metros cúbicos de água.

Trigo

O socalco é feito de Janeiro a Março; depois vêm o prolongamento pela primavera faz-se a segunda levantada ou do alívio. Antes da sementeira grande-se, envergando, empilhando o alívio e, em seguida, a semente, que se cobre à charrua.

A secundária começa em Outubro e prolonga-se até Novembro, sendo os trigos ríjos os últimos.

O Torrão é costuma aplicar nos barcos, por hectare, de 800 a 900 quilogramas de superfosfato de 10% e sódia, salgada ou seca, mais 100 quilogramas de sulfato de amónio. Nas áreas elevadas há quem faça adubações da cobertura com nitrato de caldo - 100 quilogramas por hectare.

No cultivo do trigo as sementes são inilagocáteis.

Cereais e aveia

A semente é utilizada, excepto no que respeita a levantada, que a diferença do que tudo salvo está à ligadura e da não

dez costuma acarar a aveia, que também não é vendida.

Produção

No Pombal a cultura tem a particularidade de o terrreno não preparado à semente. As reboreiras são cortadas e a plantação é em Junho; a fertilização do terrreno faz-se em Outubro, algumas vezes, com alguma adubação em outubrada.

Montados de cobro

Os montados brancos esparsos são festejados e levados; os mais valiosos são os montados de cortejo ou aveia. Nas clareiras já é costume vender ladeira em quantidades: há quem vende por milhares dezenas de hectares, aos 20, 30, 40 e 50 hectares.

De todo geral já fizemos apreciação critica à técnica cultural usada nas principais culturas e do que dissemos não deve ser difícil concluir-se que, nesse aspecto, o concelho de Alcâcer não será dos maiores avanços na paisagem que, acréscimo ao conjunto de circunstâncias várias, a Agricultura ainda não conseguiu sair de um estatuto de letargia no qual vive há longos anos. De facto, entre nós, levaduras progressivas e que o não são nem são de ponto de vista teórico, mas a realidade, a realidade exige-se, ainda vive na infância de uma profissão que, tanto quanto tão antiga como o homem, tem sido sempre lenta em progresso.

Uma ou outra operação cultural podia, incontestavelmente, ficar mais barata, sendo mecanizada; mas, seria socialmente aconselhável que tal se fizesse? Se olharmos apenas à população do concelho não receamos dizer, que daí adviriam benefícios para as classes trabalhadoras; olhando, porém, um pouco mais além, para aquelas 7.000 ou 8.000 almas que durante longos meses aqui vêm de outras terras procurar o sustento e amealhar umas centenas de escudos, que tão necessários lhes são na aldeia longínqua, a nossa opinião já não pode ser a mesma, pelo menos enquanto um certo número de problemas económicos e sociais não se resloverem.

B - Materia orgânica

As principais fontes de matéria orgânica são os estrumes, as palhas e os matos.

Os lixos, guanos, sangue seco, etc. ou não são aproveitados ou não existem. A sideração também, praticamente, não se faz ainda que, num ou outro local, tivesse certo interesse.

a) - Estrumes

Os estrumes são de má qualidade e insuficientes para as necessidades da Lavoura concelhia.

São já hoje em número relativamente elevado os lavradores que reconhecem nos estrumes o fertilizante indispensável à ter-

em, com não alto milhar os que têm tomado o nôrdo e práticas de sua fabrico; poucas nítidas ou díscias e pouco estradas as fábricas em boas condições.

Alegam muitos que não caro e se torna disto levado para os folhos, em virtude dos casinhos serem ricos e de seu peso de volume; e, agarrados a isso, os lavradores, mesmo os mais milhos e que do facto sabem que a matéria orgânica é indispensável para manter as terras em boas condições de fertilidade, não comprando sementes de culturas quíntulas. "é mais prático... as terras sempre vão dando qualquer coisa... se às vezes, que se sebe, não entendo os técnicos a laborar num assunto..."

Os estragos resultantes da marcenaria são tamanhos que, devido ao retinir das estâncias, não acontecem normalmente sem qualquer cuidados, ficando à exceção de tempo, visto as nitrárias cobertas serem raras. Estâncias, assim, estragos de crescimento retardamento, resultado da sua fermentação indigesta e das perdas sofridas por lavagem e volatilização. Quer dizer: os impactos resultantes da falta de estragos são ainda agravados na sua baixa qualidade.

O modo de exploração da maior parte do gado, regiões matadias, também não é próprio ao trabalho de maiores estragos, como se torna evidente.

Não deixam engrossar-se indistintamente palhos de talos ou cerasais cultivados, excepto feito para o consumo.

Não é corrente a venda de estrume, o que não quer dizer que não se faça; no Torrão, por exemplo, há quem compre algum aos seareiros que possuem parelha ou algumas cabeças de gado miúdo, para fertilização das vinhas: uma tonelada vale aproximadamente 40\$00.

O problema do estrume é de grande interesse para o concelho, pois muitos dos seus terrenos, quase improdutivos, podiam transformar-se em boas terras de cultura desde que lhes fossem incorporadas quantidades importantes de matéria orgânica sob a forma de estrume bem fabricado, o que só será possível quando o número de cabeças de gado estabulado seja mais elevado (o regadio permite-o perfeitamente), haja mais estrumeiras e os lavradores (parte deles, pelo menos) aprendam a fabricar estrume de qualidade. Não são impossíveis, evidentemente, mas para se conseguir este conjunto de coisas carece-se de algum tempo para os técnicos poderem exercer profunda accção de apostolado, sem a qual não acreditamos numa mudança do actual panorama, indispensável para que se possa fazer regadio intensivo.

As palhas e os matos não faltam, logo consideramos desperdício indesculpável que continuem a perder-se para a economia da Nação.

A estrumação a bardo também se faz, utilizando-se apenas o gado ovino; um bardo dura, em geral, uma noite. Para uma estrumação capaz não deve ocupar por noite mais do 1 metro qua-

árido da terra, por cotação.

Não são 100 ovilhas ovelhas, em média, 1,5 ovilhas.

A estrumeação a barro faz-se, de princípio, numa pequena parte das pastagens que não são alqueiradas nos primeiros anos, e depois, nas alqueiradas, quando as plantas pastadas pulos ovos - que não são ovilhas.

Dá-se preferência ao barro das terras alqueiradas, mesmo que já tenham sido estabilizadas, enquanto há ervas, o que não está mal, pelo melhor aproveitamento que se faz desta estrumeação, e recorrem-se aos pastos quando o tempo está chuvoso. As estrumeadas de verão, como não muito corrugados do somente, dão-se poucas importâncias, sendo utilizadas apenas nas terras que vão ser elas queiradas no ano seguinte.

Não se fazem manhas especiais que visam aproveitar melhor o barro; isto, só é feito com a levada de abacaxi, que lhe se protegeu algum tempo antes da manha, conforme o barro foi respetivamente feito em pouso, depois da estrumeação do estalho.

b) - Idem

Não se faz o seu aproveitamento, que seria o que é de grande interesse, tendendo às plantações culturais.

c) - Aldaração

é praticada muito rara.

O bronco do solo usado é o do flor sul.

Achados de Interesse propõem a sua cultura, se especial no caso de vinhos e oliveira pelo se trata de vantajoso processo de contrabalançar o desequilíbrio das terras, embora muitos levantadores desto feito ainda não estejam convencidos.

É bem verdade que nem sempre o tempo corrê favoravelmen te às culturas para aldação: as chuvas tardias dificultam quando impedem os consegui bons resultados.

Além disso, as críticas para a cultura não são tão graves que a tornam impossível.

c - Várias e várias culturas

A pesar de já ser quantitativamente importante o modelo agrícola existente no nordeste, está muito longe de atingir a sustentabilidade, pelo que as culturas com trabalhos a seguir podia substituir o bruto humano e que, se do ponto de vista técnico seria compatível trazia, possivelmente, graves consequências de ordem económica e social, e que nos leva a questionar ser prefeável generalizar-se a restauração, à medida que foram sendo observados os excessos de mão de obra, pois é socialmente perigoso limitar as ganhas de alguns aldeões de braços que, vindos p o

vezes de clotholes condoráveis, e este concelho vêm ganhar o seu pão.

Entre as máquinas e alfares existentes só se consideram mais importantes os desbulhadores e os tractores, com os alfares que normalmente pertencem ao seu equipamento, as charruas de um a nove ferros e os grades da discos.

Devem existir uns 40 desbulhadores, que não chegam para os reconhecidos, visto da sua ainda pouca difusão. Destinados à desbulha das sementes preparadas de sorgalho e algodão também realizam a desbulha do arroz.

O número de tractores é superior a 40, sendo a maior parte das marcas Cletrac, Caterpillar e International, de resto oceânico. Nas últimas tempos a Arrozeira tem adquirido tractores com rodas, por causa dos robogues, já um número agradável.

Também existem em quantidade selectoradores e torneiros, assim como cultivadores e desassoreadores de milho, não falando nas charruas e nos grades da disco.

Existem charruas de um, dois e três ferros, sendo as mais numerosas as de um, das marcas Izental (nos 2 e 4) e Portugal (no 180); igualmente, para as torres de arroz têm-se adquirido Brabant de 2 ferros, de volte-a-vaca.

Não aliada algumas locomóveis e cavaras.

Para as transformações das vias de exploração pulvriificadas

de desvio (Vernizal e Sobral).

O transporte dos géneros agrícolas e dos produtos para o serviço à Louraria fez-se nos carros⁽¹⁾ e nos carros elétricos, de rodas de aço, pintados a quente. Nas últimas é em 3 ruedas compondo a tração independente os atracadores dos tractores, alguns dos quais de grande capacidade de carga.

Para utilização colectiva considerou-se de interesse a aquisição, por parte do Grémio da Louraria, de um desbulhadora, o que trouxe vantagens ao cultivo e a todos os pequenos produtores da aldeia. A exceção de uns 4 pulverizadores, daí na sede do Grémio, em Alcâcer, e os outros no Forno, na Casa da Louraria, também não parece útil, para facilitar aos pequenos agricultores os tratamentos das vinhas, dos batatas e, etc., das fragrantes.

A grande dificuldade malha no Grémio poder fazer essas aquisições visto que, por enquanto, não possui meios financeiros que o permitam.

D - Doenças e pragas

Não vinha, nem não consta que existiam, doenças ou pragas que, pela frequência dos seus ataques ou pelo seu localização

(1) - carros de duas rodas, de uma junta de bois.

se possam considerar características da região.

São as mesmas encontradas em outros concelhos limítrofes, variando a sua importância consoante a natureza e extensão da cultura que se pratica. Assim, entre as pragas existentes as que maiores prejuízos causam ou maiores cuidados requerem são os afídeos (pretos e verdes), a mosca da azeitona (*Dacus oleae*), a mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), várias cochonilhas, as cetónias e a formiga argentina.

- Colocámos em primeiro lugar os afídeos, pois que, devendo à sua notável polifagia encontram-se em quase todas as plantas, mas causam prejuízos, principalmente, naquelas que possuem fraco grau de resistência ou que, pela sua natureza, não permitem económico tratamento; está neste caso, por exemplo, a faveira, cujas produções são grandemente afectadas nos anos em que o ataques são intensos.

- A mosca da azeitona aparece todos os anos, atacando nuns com maior e noutras com menor intensidade, chegando o fruto, ainda em meio desenvolvimento, a apresentar-se já bastante bichado. Os prejuízos causados são grandes e reflectem-se não só na azeitona, que cai prematuramente e se perde, mas também na depreciação da restante, cujas condições de conservação são más, fermentando nas tulhas com facilidade e originando azeites de inferior qualidade. Ninguém combate esta praga.

- Os prejuízos causedos pela mosca do Mediterrâneo são no-

tóriamente de muito menor gravidade. A laranja é o fruto mais atacado, anos havendo em que poucos frutos aparecem indemnes. Os pomareiros, por enquanto, pouco ou nada fazem para se defenderem da praga.

- Os prejuízos do bichado ainda são inferiores aos da mosca do Mediterrâneo; as peras e as maçãs são os frutos mais castigados, mas como o número de pereiras e de macieiras não é muito elevado, os prejuízos não são grandes do ponto de vista económico. Raros agricultores combatem o bichado.

- As cochonilhas atacam todas as fruteiras, nomeadamente os citrinos são os que experimentam mais estragos. Um ou outro pomicultor já vai defendendo os seus pomares de tão incómodos hóspedes.

- Nalguns anos as cetónias aparecem em quantidade, mas os seus ataques, bastante localizados, não têm causado prejuízos de considerar, embora o lavrador se assuste quando aparecem. São as variedades de trigo precoce as preferidas, recorrendo o lavrador à apanha à mão para se defender destes insectos.

- A formiga argentina encontra-se bastante disseminada abundando, sobretudo, nas plantas preferidas pelas cochonilhas e pelos afídeos. O combate a tão daninho insecto ainda não se generalizou, o que só deve ser possível quando se instalar em Alcácer um Posto de Sanidade Vegetal.

- As espécies florestais, sobreiro e azinheira, são ataca-

dos em elevada escala por dois Insectos que causam prejuízos de vulto; no entretanto a Mosca, e a escaravelho o bicho. Os danos provocados pelo primeiro não muito superiores aos que origina o segundo. Não prova evidente do que dizeses certos contados de sobre existentes de um e outro lado da estrada aldejar a Sertão.

- As doenças mais importantes são os alforres que causam a da fara, e o célio e célio da vidreira. Há ainda, o célio da batataína, o fungo das cerejas, o célio ou agudo da laranjeira, o pedrado da neopareira, da pommeira e da cacoieira e a malha do galo.

As alforres causam também o maior dano da Laranjeira; os ataques são frequentes e os prejuízos quase totais, por vezes, os talhos serrados não precisamente na malha vulnerável, nem pelo qual os tangorizas vão mais profundos. As alforres atacam tanto os frutos quando os pés.

Os prejuízos das alforres nos laranjais também não muito importantes, só por deixarem os frutos almadios dentro da baga.

Ainda há em que o célio e o célio da vinha aparecem com grande latencidade, principalmente nas vias das várzeas. No entanto, os danos causados não bastante estimados pelos agricultores que os malares violentos têm no tratamento dos seus vinhedos.

O célio também aparece nos batatas, onde não é raro

provocar agravamentos de doenças na produção, sendo tanto em causa os cuidados que o lavrador já põe na sua cultura.

En tempos não muito recentes ainda o fungo era um organismo bastante vulgar, o que hoje não acontece devido a quase todos os lavradores desinfectarem a semente de trigo, por via seca, com produtos sópticos.

É bastante frequente a sela do galo, ainda muito tentado pelo agricultor, que a considera um dos factores de maior influência na sua produção.

2 - Indústria azeiteiras

a) - Olivalda

Ocupa este indústria lugar de destaque, sendo alimentada pela matéria prima do próprio concelho.

A qualidade do azeite e a funda difere conforme se trata da zona de olival de Torrelo ou da que tem como núcleo central os oliveiras situados nas escarpas que envolvem a vila de Aldeias por norte e nordeste. A principal razão é que é de muito melhor qualidade o azeite também d'oliveira. Os azeites de Torrelo apresentam características peculiares aos de Sarralva de Aldeias, azeite de qualidade muito menor.

Existe cerca de 400 olivicultores (1) no seguinte modo

(1) - Os elementos relativos ao número de olivicultores e às suas dimensões foram fornecidos pela Junta Nacional do Azeite.

distribuídos:

255 pequenos olivicultores -	até	300 l.
185 médios " "	- 200 a	2.000 "
49 grandes " "	- mais de	2.000 "

Há 20 lagares: 16 industriais e 4 particulares. Os lagares industriais ficam no Torrão, em Alcácer e em Santa Susana e o seu apetrechamento consta do quadro XIX.

quadro XII
Produções náuticas de 1942/43

Lugares	Azeitona Laborada	Azeite colhido	
Antigos	74.104 Kg.	12.465 L.	
Moderados	<u>1.343.572</u> "	<u>223.571</u> "	
Total	<u>1.417.676</u> "	<u>236.036</u> "	
Lugares existentes			
	Antigos	Moderados	Total
Industriais	4	20	
Fazendas	<u>1</u>	<u>1</u>	
Total	7	21	28
Produções			
	Antigos	Moderados	Total no azeiteiro
Industriais			
Perecado	<u>2</u>		
Total	<u>2</u>		2
Caisas			
Cinchos	<u>26</u>	<u>4</u>	
Total	<u>26</u>	<u>4</u>	<u>30</u>
Capacidade de lab. total em 18 horas	700 Kg.	7.000 Kg.	8.000 Kg.
Particularas			
Vera	<u>4</u>		
Perecado	<u>4</u>		
Total	<u>8</u>		8
Caisas			
Total		<u>1</u>	<u>1</u>
Capacidade lab. total em 18 horas	470 Kg.	500 Kg.	770 Kg.
Total de pranchas	12	60	72
Capacidade lab. total em 18h	1.170	8.100	9.270
Capacidade laboração total em 30 dias	35.500	40.000	405.500

b) - Vinicola

Área com área⁽¹⁾ bastante reduzida ou relativa à do final dos anos 1940 e com a maioria das vinhas antigas bastante abandonadas, pelo que muitas enterradas na face da decrepitude, a cultura ainda hoje tem relativa impotência. E no futuro, se forem produzidas de vinha avulsa que não dão mais que insignificantes produções de conteúdo, é de esperar que a vinicultura esteja reservando seu lugar entre as indústrias agrícolas do concelho.

Não considerando fáll avulsa os percentagens em que se encontram os pequenos, médios e os grandes vinhateiros.

Não devem vender-se grandes quantidades de uva destinação à vinificação, e avulsa pelos manifestos da Junta Nacional do Vinho. Assim, em 1946 parece que se venderam 23.875 Kg., em 1947, 5.020 Kg., em 1948 e em 1949, segundo dizes os manifestos, ninguém transacionou uvas para vinificar e em 1950 apenas 50 quilogramas!

Pelo menos enquanto a cultura do vinho não tem maior incremento, sejam de pessoas que não interessam a criação de nova adega cooperativa.

A frequente usia vinhateira é a do S. António, seguida -

(1) - As áreas de vinha e vinha com oliveiro são, respetivamente, 250,4 e 248,9 hectares.

de-as, por ordem decrescente de importância, Santa Maria e Torreão. Na Santa Susana não existe.

Além dos vinhos de pasto branco e tinto também se fabricam vinhos de tipo Llocrean (freguesia de S. Tiago), nos seguintes referidos no quadro seguinte:

quadro IX

Ano	Brancos L.	Tinto L.	Total L.
1947	520.000	40.000	560.000
1948	36.000	36.000	64.000
1949	105.110	44.760	149.870
1950	170.000	100.100	271.100

Tanto os vinhos Llocrean como os do pasto não são bons, fabricando-se pequenas quantidades de águas-de-

a) - Indústrias derivadas da fruta

Não existem, mas como se trata de região onde o clima é vegeta em boas condições e a produção de uva de mesa pode desenvolver-se, e mesmo tanto do figo como da ave talvez possa expandir-se, no futuro, alguma indústria.

b) - Indústrias derivadas dos produtos hortícolas

Não se encontram nem uma, pelo menos as saborosas vel-

nes, que o concelho produz pequenas quantidades. No entanto, das possibilidades de sur feito os legumes e produtos hortícolas, basta dizer que as terras zonas apropriadas ao arroz se destinam a essas culturas. Como depois seria pouco provável que os produtor fossem todos consumirem em fresco, a sua industrialização impõe-se. Porém, enquanto durar a "febre" do arroz, não considerava-viável a instalação de tais indústrias.

c) - Azeituna

A indústria que ocupa no concelho uma parte da polpa; a produção nessa unidade de vel anda por 17 toneladas.

Presentemente a exploração faz-se em colheitas e em cortes. O número de colheitas deve igualar o de cortes. As colheitas salientes foram introduzidas há cerca de 40 anos e ainda há os cortes continuam em abundância.

Existem grandes colheitas, havendo as azeitunas que pelas suas partes de 300 colheitas novas, sendo considerado o principal aplicador do país; tem, em média, uma produção de 6 toneladas de vel, mas o que passou vêiu 121.

A média anual de produção, por colheita, anda por 18 a 19 quilogramas de vel; em anos extraordinários, como o de 1930, esta média chega a ultrapassar os 30 quilogramas. É evidente que produções tão altas só são atingidas em explorações bem organizadas e dirigidas por agricultores com conhecimentos profundos do seu ofício.

Nos cortigos se produzem módulos variam entre 3 e 6 ml
longezas de mel, para os vases chegando aos 10.

Os cortigos podem produzir, em média, 1 a 2 quilogramas
mas de cera por ano.

As plantas melíferas abundam, visto ainda existirem
grandes áreas de charneira, da no modo geral cobertas de mato. As pri-
meiras plantas melíferas são o alecrim, o tejo, o manjericão, o
tomilho, a jutiquice (mato branco) e o queimado. A nascente
e a norte do concelho encontram-se, em quantidade, o cardo nor-
diano e a várzea.

As plantas melíferas que mais convém introduzir se
são o queimado recente, algumas espécies de, os socalcos portugais,
a clina.

Recolhe-se a frangulada para aproveitar as diferentes
épocas da floragem das várias espécies e variedades de plantas,
mas dentro dos limites do concelho a, também, tendo em vista
o aproveitamento da flor do cardo nordestino que, como observamos,
não se encontra em todo a parte.

De maneira geral a apicultura tem boas condições locais
para prosperar, nomeadamente para os leitos da Coelheira, ou nos
as albufeiras encontram pastagens abundantes.

As maiores quantidades de mel produzido destinam-se a
abastecer o arredor intorno, sendo Lisboa o principal centro de
comércio.

A exportação canel do sul ande por 10 toneladas; o que nesse local não ultrapassa 5, sendo utilizado em ligeiro e nas suas variedades plumadas de Aldeias, talvez é base da doce produzida neste país - o mel e o pão-de-

Nos últimos anos o sul não tem alcançado estatuto superior a 11.000 ou 12.000 por quilograma, mas a escassez é sempre grande, ficando por vender de ano para ano os outros algumas toneladas.

A cava amarela, que fica quase todo no concelho, tem um preço entre 25,00 e 40,00 o quilograma.

Os principais inimigos das abelhas, na opinião dos sul-cultores mais experientes são, em primeiro lugar o homem, o fogo, os ratos, os abelharuços e os formigas.

Nas grandes solanais, se fizem diariamente do local de voo, é vulgar haver guarda, talvez forma de se livrar das moscas de certas vinhedas que, devendo o mel, devoram ao mesmo tempo os cestos.

A agricultura apresenta no oposto um desenvolvimento altamente ultrapassível, pelo que não recomendaria interesse em focar-se nela esta Autarquia, até pela dificuldade que já se nota na colocação do produto principal, o mel.

A principal razão é talvez o baixíssimo de apicultura herdado das colônias dos portugueses que são viciados e que levou os apicultores mais adentros a esgotar a exploração das

abelhas.

a) - Sericicultura

Não se explora este Instituto nem há cultura de ovo de abelha.

A rede sóbria informativa diz-nos que não passa que certas variações do ovicílio não se dorem dar mal ao rebanho.

b) - Indústria agrícola de cultivo sustentado

A única águia da noite, sobre a redução importante das economias, é a do fábrica de doçaria à base dos produtos regionais, mal o pimbo.

b) - Outras indústrias agrícolas

entre outras indústrias agrícolas, os aparelhos, constituindo, por exemplo, os vangens, de que há 4 fábricas, um de São João exposta e um de Viana, em Aldeões e Guincho, respetivamente, em Vale Figueira e no Tordo.

A fábrica de farinhas supostas tem especialização notável, nas pequena sorte de laboração que, no entanto, satisfaz perfeitamente para as necessidades do concelho.

Sulcam ainda uns 3 ou 4 escalhas, todos na freguesia de Tordo, sete ou 8 vangens particulares que fazem açores para uso das próprias casas agricultoras. Neste total, os que se

das, perdidas, por faltar maquinaria enfiada e não se tornar oportuna o seu funcionamento.

Né é desenquanto da arroz, quando todos bem apreendidos, é esse queijo que suporta o arroz como combustível.

As instalações situam-se, no produtorismo, na vila de Aldecer, na Torrinha, na Lourita, na Barracinha, ou Berreco e em Arão.

Né pedida para instalar nela dois desgaçados, um deles na Fazenda da Comporta.

Fazende-se alguma produção, conforme consta o quadro III, organizado com elementos fornecidos pela F.N. do Vale.

Quadro III

Ano	Santa Maria	do Rio	Torre	Total
1945	1.505 L.	3.154 L.	1.500 L.	5.759 L.
1947	7.106 "	1.000 "	8.240 "	11.374 "
1948	1.111 "	1.010 "	440 "	2.560 "
1949	2.497 "	624 "	515 "	3.637 "
1950	8.419 "	1.414 "	930 "	10.783 "

Em Aldecer funcionam com sucesso desfalcando o produtor os dados para o alastramento das espécies pecúrias.

Em várias fazendas estão instalados moinhos de carreiros, cerca de 15, que preparam ração para o gado, trabalhando prima-

especialmente a cebola, a couve, a fava, o grão preto, o milho e o centeio.

Na sítuações, um ou Aldeias e o outro no Ferrão, com instalações desfalcadas.

1) - Indústria do sal

Entomé é primitiva visto que este Indústria não passa pelo atorar-se com a agricultura, vive tão ligado a ela que não para nos deixa de se referir a Gardoche e Gárdio relativo.

Azevanchante ainda hoje muito importante, sendo mesmo uma das maiores fontes de riqueza do concelho, atropassar, no entanto, um crise de certa gravidade, podendo dizer-se que está em vias de decadência e a prova está na transformação por que têm passado algumas salinas, para lavras de arroz. Sal não só se vende se o negócio do sal fosse, de facto, superior ao do arroz.

Um salino costuma dar por ano 3 dividendos do sal, deg de que boas condições para o armazenamento da água; os capitais da água chamam Latas e, em geral, ocupam superfície dupla da do salino.

A polucaira tirada saem do fundo da lata e principalmen te julho e é a melhor, depois da qual a salina se enche novamente de água.

2 - Generalidades e Valores

a) - Generalidades

Ocupando o pequeno lugar de relevo na economia do engenho marco referente, ainda que muito ligada.

Pelo quadro XIII se verifica que as espécies equina e bovina apresentam grande importância, e mesmo quando também com a ovelha e a cabra.

O gado ovino é representado por animais de raca paulista, com alguma caçoa árabe e é criado em regime de rancho, não sendo escravizado e vivendo, quase sempre, ao ar livre. Andam-se, em geral, para criação e, também, para fazer alguns trabalhos leves de levante.

Não sendo dos capões do distrito do Sertãozinho onde há já maior número de capões de gado suíno, no entanto ainda muita bastante. Isto pode resultar do cruzamento de bovinos europeus com os gadojaneiros ou éguas peninsulares e utilização dos serviços da levanta, ou substituição das borvinas.

Quadro XXII
Números do Boletim Pecuário de 1945

Espécies	Efectivos em 1940	Posição do distrito
Equino	1.482	I
Muares	824	III
Asininos	922	III
Bovinos	8.157	I
Ovinos	29.168	II
Caprinos	4.672	III
Suinos	13.066	II
Galinhas	20.716	II
Patos	.925	III
Pombos	2.482	III
Coelhos	4.475	V

Os efectivos de gado bovino são constituídos pela sub-raça alentejana e pelos cruzamentos com o mertolengo, mirandês e bravo. Também existem alguns animais de raça turina, praticamente os únicos que vivem em regime de estabulação ou de semi-estabulação. O restante vive em manadio, e poucas vezes se recolhe.

Quando o trabalho aperta costumam dar-lhe uma pequena ração, constituída por palhas de cereais e alguma aveia ou cevada.

Os ovinos resultaram do cruzamento da raça bordaleira

com a parina e param o uso da pastagem.

O gado caprino está hoje em pleno retrocesso, sendo que se todo da sub-raça charrocaia, melhorada com a introdução de elementos espanhóis.

Os ovínos não são considerados ricos broutadores, caracterizada por animais de muito bom tipo, e os seus parcos grandes carinhosos; são predadores do gado da churrilheira. Geralmente fazem duas criações no ano, uma na primavera (verões) e a outra no outono (verão/verões). Os bêques da díltima criação costumam ser de melhor qualidade.

Os ovinos da covaça têm boa representação, ocupando o primeiro lugar os galicianos.

— X —

No que dizendo disso fôllemento se conclui que a maior parte do gado das várzeas exóticas vive em regime de pastoreio, o que quer dizer que há bona pastagem. Nas várzeas, por exemplo, predominam as leguminosas e os císpedes e só nos solos mais áridos é que se desenvolvem a sorgo e a leituga e a urugua, que os outros usam exóticas.

No burrato, predominam os nelliagos, os Lathyrus, císpes graminíferas e plantas do gênero papoas.

Na observação, de facto, é que as pastagens não muito saudáveis, não soprando, ou cassi, outras leguminosas que não seja a

corradeira.

Em 1950 foi feito o Inventário, por concelho, das frutíferas existentes no vale. Para Aldeias foram separados os números que constam do quadro seguinte:

quadro XXII

do Balanço da agricultura nº. 0 - II Décio - Agosto de 1955

Espécies	Pêna pre- sente	Nova e pen- sativa	Total
Olivais	125.000	35.000	155.000
Macaíras	600	400	1.000
Tenreiras	2.000	1.100	4.000
Laranjeiras	4.070	1.400	5.000
Limoeiros	610	00	670
Toporinalhas	870	870	870
Ananásias	610	650	1.200
Demosequeiros	220	120	320
Pecanhaúras	500	500	570
Avelaíras	-	-	-
Hogueras	20	40	70
Coco-jerros	50	70	120
Acandoulhas	150	600	750
Almoeiras	2.060	670	2.710
Morónicas não classificadas	5.270	1.000	6.270

Apesar de se tratar de números antiquados ainda apresentam algum interesse, quanto mais não seja o que resulta da comparação do que havia nessa altura, com o que nos foi dado ver agora. Assim, a oliveira continua a ocupar o primeiro lugar, muito distanciada de qualquer das outras espécies ou, mesmo, da soma de todas elas, havendo alguns olivais novos; a laranjeira também mantém o segundo lugar, vendo-se algumas novas, constituindo pequenos pomares. De pereiras e macieiras também se têm feito plantações, mas em pequena quantidade, o mesmo sucedendo com a figueira; no entanto, esta última consideramo-la de interesse para o concelho, sendo de aconselhar a sua propagação por forma substancial.

Em 1948/49 o inventário das fruteiras foi actualizado no respeitante aos citrinos conforme se observa no quadro seguinte:

Quadro XXIV

Espécies	Plena produção	Sem produção:		Total
		Novas	Velhas	
Laranjeiras	3.827	3.128	371	7.336
Tangerineiras	357	358	22	737
Limoeiros	170	106	3	239
Outras	1	-	-	1

Vê-se, pois, que a laranjeira é dos citrinos o mais espalhado, vegetando em boas condições em quase todo o concelho e dando até laranja de qualidade quando o meio é propício. Segue - -se em ordem de importância a tangerineira e depois o limoeiro, que vamos encontrar nas hortas e nos quintais, isolado ou em pequenos núcleos de 2 ou 3.

b) - Quantidades unitárias de semente

As quantidades unitárias de semente variam mais com o critério do lavrador do que propriamente com a natureza do solo ou do facto de se tratar de cultura estreme ou sob coberto. No entanto sempre se notam algumas variações para a natureza do solo que não têm, porém, a importância que por vezes se lhe atribui, em boa parte por ignorância.

De arroz, em sementeira directa, costuma empregar - se de 80 a 120 Kg. por hectare e nos viveiros de 1.000 a 1.500 quilogramas.

Para as diferentes culturas arvenses de sequeiro encontrámos os números seguintes:

Terras fortes (barros e derivados)

trigo - 100 a 120 Kg.

cevada - 120 l.

fava - 100 a 220 l.⁽¹⁾

(1) - Conforme a variedade (fava grada ou miúda) e o processo de sementeira a rego ou a lanço.

grão - 60 l.

milho - 30 l.

Terras fracas (xistos e areias)

trigo - 75 a 80 Kg.

cevada - 120 l.

aveia - 120 a 150 l.

centeio - 60 Kg.

milho - 30 l.

De milho de regadio, em sementeira a rego, é vulgar empregarem-se de 20 a 30 litros, de batata de 1.500 a 2.500 Kg. e de feijão frade, 50 litros.

c) - Produções brutas e produções unitárias médias

Quanto à produtividade, é expressa pelos seguintes números:

Quadro XXV

Culturas	Número de sementes		
	Máximo	Mínimo	Média: anos normais
Arroz	70	40	55
Trigo	15	5	8
Cevada	12	5	8 a 10
Aveia	10	4	6
Centeio	10	6	7 a 8
Fava	10	3	6 a 7
Grão	15	8	10 a 11

Este quadro foi organizado com elementos fornecidos pela Lavoura. Tanto o número máximo como o mínimo de sementes representam médias e não os máximos ou mínimos verificados: só assim nos podem dizer alguma coisa.

Os números seguintes, postos à nossa disposição por uma casa agrícola parecem-nos de interesse incontestável, tanto mais que se trata de uma exploração com área superior a mil hectares:

Quadro XXVI
Produção de trigo, em semente

Anos	Produções: sementes	Observações
1929/30	7.7	a) Trigo semeado nas "terras de fora", isto é, fora das varzeas aluvionares
1930/31	5.4	
1931/32	14.5	
1932/33	7.5	b) Variedades semeadas: <u>Precoce</u> e <u>Tangarok</u>
1933/34	9.7	
1934/35	16.3	
1935/36	3.0	
1936/37	4.5	
1937/38	7.0	
1938/39	7.7	
1939/40	3.7	
1940/41	5.9	
1941/42	10.1	
1942/43	2.0	
1943/44	7.0	
1944/45	7.5	
1945/46	8.3	
1946/47	2.8	
1947/48	2.1	
1948/49	9.3	
Média	5.6	

Para deixar melhor documentado este assunto da produção em sementes, ainda se apresenta mais um quadro, coligindo elementos extraídos do Anuário Estatístico de 1949.

Quadro XXVII

Produtos	Produções unitárias (médias no concelho)
Trigo	497 Kg.
Milho	391 L.
Centeio	454 Kg.
Arroz	4.046 Kg.
Aveia	519 L.
Cevada	967 L.
Fava	389 L.
Feijão	356 L.
Grão de bico	122 L.
Batata	6.354 Kg.

Relativamente às produções médias por hectare, colheram-se elementos em várias origens, nuns casos indicando a sua provéniência, noutras, por vezes os que nos merecem mais confiança, sem o fazer, por não estarmos a tal autorizados.

Começaremos pelo arroz, sem sombra de dúvida o mais importante cultura do concelho. No médio Sado têm-se obtido produções variando entre 5.127 e 6.595 quilogramas e na zona da ribeira de Santa Catarina entre 4.895 e 5.898 quilogramas.⁽¹⁾

O Anuário Estatístico de 1949 dá-nos 4.046 Kg. como pro-

(1) - Elementos fornecidos por um técnico que tem feito numerosas contas de cultura de arrozais da região.

depois um tanto ruim em todo o concelho. Por sua vez os técnicos locais conhecedores da região informaram-nos como vulgarmente as produções unitárias de 5.000 a 6.000 quilogramas e um lavrador muito experiente não colhe além de 4.000 quilogramas.

Nessa opinião pode considerar-se como produção média para o concelho, 5.000 quilogramas.

Para o trigo temos algumas produções bastante variadas com a cultura do território porto, no verão, var. de 1.000 nos 1.200 quilogramas, na barreira dos 700 nos 600 e as diferenças de 500 e 500. O Anário Estatístico citado dá-nos, para média concelhia, 407 quilogramas e um lavrador, em termos de tâmas fez o (média de 12 anos) 1.455 kg. que pode verificar-se no quadro III.

quadro XVIII
Elementos extraidos da Estatística Agrícola - 1949

Produtos	Produções unitárias médias do concelho
Trigo	6,01
milho	13,48
Cenoura	6,00
Arroz	29,70
Avelã	7,48
Coronha	12,00
Pera	5,11
Palmeira	9,14
Óleo de bico	5,06
Batata	5,75

Para o cajuca Latifolia - se produções de ordem dos 1.200 L.
nas melhores terras e, nas piores, de 300 a 600 litros; o Jucá -
do Tabatinga dá, como média, 957 litros.

A aveia, que se cultiva em terras ordinárias e em ladeiras
preparatórias, produz em média 300 a 600 litros.

O canavial, normalmente só plantado na charneca, dá a suas
produções de 300 a 700 quilogramas.

A cana só costuma ser cultivada em terras de barro ou argila.
Inventam e dá produções muito variáveis, entre os 600 e os 1.500
litros.

O café, que também só se cultiva em terras férteis, tem
produções médias variando entre os 400 e os 600 litros.

quadro XIII(1)

Anos	Produções unitárias	Observação
1930/31	656 Kg.	
1930/31	670 "	
1931/32	3.314 "	
1932/33	1.467 "	
1933/34	1.700 "	
1934/35	3.225 "	
1935/36	1.727 "	
1936/37	1.286 "	
1937/38	1.312 "	
1938/39	407 "	
1939/40	1.300 "	
1940/41	1.030 "	
1941/42	1.050 "	
Média	1.065	

(1) - Elementos fornecidos pela mesma essa agricultura que não se
dão os do quadro XIII.

As produções de milho são muito diferentes, consoante se trata de milho de sequeiro ou de regadio; quanto aos primeiros, dão 400 a 500 L. por hectare, nos segundos chega-se a atingir os 3 e 4.000 litros por unidade de superfície.

A casa agrícola já referida cedeu-nos os números do quadro seguinte:

Quadro XXX⁽¹⁾

Anos	Produções unitárias	Observação
1929/30	611 Kg.	Milho de sequeiro semeado em várzeas que
1930/31	1.000 "	estão hoje, em parte,
1931/32	1.000 "	ocupadas por lavras
1932/33	1.250 "	de arroz
1933/34	853 "	
1934/35	2.416 "	
1935/36	763 "	
1936/37	973 "	
1937/38	1.857 "	
1938/39	1.400 "	
1939/40	1.375 "	
1940/41	750 "	
1941/42	1.412 "	
1942/43	962 "	
1943/44	415 "	
1944/45	333 "	
1945/46	1.826 "	
1946/47	1.050 "	
1947/48	2.145 "	
1948/49	790 "	

(1) - Elementos do mesmo lavrador que deu os dos quadros XXVI e XXIX.

A batata, cultura bastante contingente, dá produções de 10 a 15.000 Kg., se torrão e chega a atingir os 30.000 nas variedades.

Tanto a laranja como o berinjela dão boas produções quando viste a sua cultura se fazer dentro das localidades com melhores condições. Tanto uma como outra atingem os 7 cartões, com uma produção total de cestas verdes que andam pelos 40.000 Kg., para a laranja e 60.000 Kg. para o berinjela.

— X —

A produção média da palha para o trigo, cevada e aveia anda pelos 20 fardos de 50 quilogramas por hectare. Da palha de arroz a produção costuma ser de 5.000 quilogramas. Um cartão de palha de arroz, 700 Kg., vale 200\$00.

É claro que as produções de palha dependem muito do solo como a cultura demanda.

— X —

A produção por cesta verde bastante conforme ao tratado de vinha de variedades ou da do arroz; na primeira vai de 0,7 L. a 1 litro e 600 mililitros, enquanto nos arrozes depende altura - casca 2 a 5 decilitros!

Dado que o compasso não é uniforme e difere quase de vinha para vinha é difícil indicar produções por hectare. Um lavrador que amanhô 50 Ha. de vinha de várzea costumava ter de produção média anual 150.000 litros.

— x —

O. 16 A. 2

Como salientamos noutro lugar do relatório, consideramos duas zonas de olival no concelho: a dos arredores da vila de Alcácer, que se estende até Palma, e a da zona do Torrão. Na primeira, uma oliveira entra em plena produção depois de 35 anos e, em média, produz anualmente 0,5 L. de azeite; na segunda, a plena produção vem mais cedo, aos 25 anos e, em média, pode produzir por ano 2 L. de azeite.

d) - Equivalência das medidas concelhias

Pouco ou nenhum interesse apresentam, hoje, as antigas medidas do concelho; a pouco e pouco caíram em desuso e só numa ou noutra ainda se fala, mas com tendência para desaparecer.

Ainda hoje se usam:

almude	-	20 litros
pipa	-	500 "
jeira	-	1/3 de hectare
moio de terra	-	10 hectares
arreba	-	15 quilogramas
saco	-	6 alqueires
moio	-	10 sacos

III - ECONOMIA E CONSUMO (2)

A - Produções que o concelho conhece e não produz

Não há nenhuma actividade agrícola que o concelho conheça e não produza.

B - Produções locais em quantidade insuficiente

Entre as mais importantes constam o milho, a batata, as frutas e o vinho.

A produção de milho, em 1949,⁽¹⁾ foi de 355.400 t., e a de batata 581.000 quilogramas.

Apesar da fruta ter diminuto consumo, a que se produz não chega para as necessidades de uma população que o concelho quase como luto próprio de outras ricas.

A produção de vinhos de pasto nos últimos 5 anos foi a seguinte:

-
- (1) - A Intendência Geral dos Abastecimentos recusou-se a fornecer alguns elementos do albo interno para o presente relatório e que, a nosso ver, não se podem considerar comvidenciais. Da que se passou temos conhecimento superior.
- (n) - Os Anuários Estatísticos de 1949.

quadro XII

Elementos da I.E. do Vinho

Anos	Produção em litros:		
	Branco	Rinho	Total
1946	212.450	245.970	458.520
1947	80.020	365.650	375.670
1948	10.400	138.700	158.100
1949	48.050	108.100	156.110
1950	64.950	401.560	466.510

A maior parte do vinho é produzido na freguesia de São Tiago, onde se encontram alguns dos melhores vinhos do concelho.

Não muito neste vinho tinto do que branco. Além dos vinhos do pasto ainda se fabricam vinhos licorosos, em quantidade de que o concelho não consegue nenhuma pequena parcela; são todos, praticamente, da freguesia de S. Tiago.

quadro XIII

Vinhos licorosos

Elementos da I.E. do Vinho

Anos	Produção em litros:		
	Branco	Rinho	Total
1947	210.000	48.925	257.925
1948	55.640	26.320	81.960
1949	108.110	44.765	152.875
1950	179.000	106.100	285.100

O - Produtos do excesso

Entre outros, o conceito produz em excesso: arroz, co-
rreia prenecosa de saqueiro, cortiça, lanhos, galos, 16 e 81.

O quadro seguinte registra as produções de arroz nos 5
anos 0 excesso.

quadro XXXII

Anos	Nº. de muni- cpios	Variedades de arroz				Total
		P. 6 F.R.	P. 8. Nubra F.R.	Calde	Allorão F.R.	
1945	106	106.060	126.173	9.510.522	236.479	10.031.443
1947	154	101.600	963.488	9.160.880	183.197	11.800.000
1948	239	90.007	931.170	10.852.597	138.612	11.390.004
1949	277	105.200	931.451	10.870.727	97.100	11.422.624
1950 ⁽¹⁾	306	147.077	1.020.185	12.774.670	206.000	15.040.531

A cultura do arroz encontrava-se em plena curva ascendente de prosperidade e ainda muito longe de atingir o seu pico.

A Levantou-se nessa cultura as quantidades de ar-
roz a seguir esquematizadas:

(1) - O ano de 1950 não está completo, pois a Comissão Reguladora do Comércio de Arroz ainda não forneceu ao Crédito da In-
veja os elementos de produtores do conceito que fizeram os
manifestos de colheita em Grupos diferentes ou em delega-
ções da Comissão, estando neste caso grandes produtores en-
tre "The Atlantic Company, Ltd.", Mordado do Piauí, "Mo-
ca Dourado & Rio Iba.", Henrique Louro Fernandes e alguns
socrediros.

Quadro XXXIV
Ajuste gasto pelo Louvre arredondado (R\$.)

Anos	Sulfato de amônio	Nitrato de amônio	Cimento da	Concreto de pedra seca	Superf. 125	Rodízio Allegre	Rodízio Sombra	Cal	Mármore neral
1946	125.513	224.207	154.700	7.500	725.947	4.000	-	-	-
1947	405.983	-	65.700	120.370	863.043	000	3.000	6.000	-
1948	434.079	-	65.200	20.501	950.000	-	-	-	-
1949	500.955	-	65.200	24.456	987.653	1.425	9.000	-	-
1950	490.145	-	55.320	13.600	904.015	6.100	18.500	-	21.450

(1) - Aplica-se Iguamente a nota do quadro XXXIII.

Das culturas praganças de cevada, o de maior importâcia, ainda que não ocupe a maior área, é o trigo; no quadro XXXVII indicam-se as produções globais dos últimos 15 anos.

Quadro XXXV

Elementos tirados dos manifestos da F.N.P. Trigo (Kg.)

Anos	Trigo		Número de sementes
	Semeado	Produzido	
1936	610.472	3.373.791	5,5
1937	742.066	5.014.961	6,7
1938	770.612	4.488.527	5,8
1939	796.448	6.165.855	7,7
1940	835.944	3.721.319	4,4
1941	649.721	5.774.047	8,9
1942	636.161	6.003.583	9,4
1943	614.241	2.683.103	4,8
1944	580.669	3.952.379	6,8
1945	698.461	5.019.921	7,1
1946	686.966	6.754.820	9,8
1947	846.712	4.143.989	4,6
1948	668.588	3.463.433	5,0
1949	601.839	4.204.527	6,9
1950	557.090	5.105.004	9,2

Em 1939, 1942 e 1945 os 6 milhões de quilogramas foram ultrapassados. O pior ano foi o de 1943, em que não se atingiu o nível dos 3 milhões. Em 1949 e 1950 as produções não foram más.

Quadro XXVI

Anos	Trigo PPR Caudão Kg.	Detalhe do trigo		
		Reserva do para semento Kg.	Reservado para confe- rimento das co- munições Kg.	Venda Kg.
1939	6.165.000	591.625	1.750.162	3.514.807
1940	5.781.320	577.266	1.742.940	1.821.115
1941	5.774.047	603.902	1.553.404	3.519.741
1942	6.005.553	600.976	1.657.303	3.448.272
1943	6.005.105	581.457	1.504.481	317.810
1944	5.268.370	700.361	1.625.397	1.628.761
1945	5.015.921	725.791	1.559.086	2.703.804
1946	5.704.020	542.017	5.136.165	3.775.000
1947	5.165.900	574.816	1.347.704	1.553.300
1948	5.405.453	510.046	1.318.301	1.038.250
1949	5.204.597	577.381	1.524.220	2.240.000
1950	5.105.004	507.915	1.591.320	2.005.756

Quadro XXVII

Anos	Número de unifacções	Trigo sem pestado (Kg.)
1946	755	6.704.820
1947	575	6.140.000
1948	654	3.465.423
1949	541	4.204.527
1950	600	5.105.004

Quadro XXVII

Materias colhidas no Anário Estatístico de 1940

culturas	quantidade total do ano	percent. do total	percent. da econo- mia (1.45.400ha)
	Kg.	Ha.	
Arroz	886.000 Kg.	11.073	7,61
Milho	56.900 L.	2.340	1,61
Centelo	117.000 Kg.	1.010	1,45
Arroz	380.700 Kg.	2.865	1,92
Avelã	925.000 L.	15.100	9,48
Cereja	306.000 L.	3.000	2,40
Fava	276.500 L.	2.107	1,51
Veljão	16.100 L.	43	0,00
Orão de milho	46.500 L.	1.120	0,77
Patata	90.000 Kg.	88	0,06

Segundo materiais colhidos no Anário Estatístico de 1940

as produções globais das outras espécies de produção foram:

avelã	6.044.000 L.
carvalho	6.410.500 *
canápolo	371.200 Kg.
milho de amendoim e rosâo	327.000 L.

O avelã tem seu valor na economia do econômico sendo
inconveniente que seu valor seja rígido. Impõe-se em fun-
ção do aproveitamento da lenha, para exportação de salões, da lenha,

para o fabrico do carvão de primeira qualidade; e, muito especializado, da extração da cortiça, enorme riqueza, que não poucos têm na ilha.

Os canteiros de ouro estão a ser abertos pela Lamego, Alcácer que, nos últimos anos, não poucos prejuízos têm causado a do.

A produção do cobre de 1944 a 1949, incluindo, foi o seguinte:

1944	-	6.316 toneladas
1945	-	9.476 "
1946	-	9.503 "
1947	-	11.032 "
1948	-	6.457 "
1949	-	4.056 "

No distrito de Setúbal, Alcácer é o concelho que mais cortiça produz, seguidamente, por ordem decrescente, Santiago do Cacém e Grândola.

Como produtor de lã Alcácer ocupa, também, o primeiro lugar no distrito. O número de ovinos tocquilados em 1949 foi de 41.190, dos quais 12.943 brancos e 28.247 pretos. O número de reintestantes foi de 53, o que dá em média 597 cabeças de cada tipo criado, por cada.

Manifestaram-se 46.681 Kg. de 16, sendo 30.017 Kg. de
branca (cerca de 8/10) e 17.666 Kg. de preta.

O peso médio das velas era por 0,170 Kg., pesando li-
gamente mais os pretos do que os brancos.

D - Produtos e artigos importados, correspondentes à indústria anti-
cida

Importava tudo o que dia servilho a edifícios, fungicidas,
inseticidas, máquinas agrícolas e, etc., conservas alcoólicas.

IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS

A - NOVIDADES

O comércio dos principais produtos agrícolas faz-se das formas que vemos enumerar: o arroz, normalmente rico por exceção tanto pelas produções como pelo preço, transaciona-se por intermédio da Comissão Reguladora do Comércio de Arroz. Creem que a Lavoura não está descontente com o sistema; contudo, não sabemos se em vista do desenvolvimento que vai tendo a cultura deste cereal as coisas poderão mudar-se tal como hoje.

O trigo é adquirido pela respectiva Federação que, por sua vez, o cede às moagens. De modo geral a Lavoura, neste aspecto, está bem servida; quase sempre o preço, é certo, nos dias não é culpada a Federação.

No 1930 a Federação, além do trigo, comprou no concelho mais os cereais que constam do quadro XERX: ainda foi quando um alívio de quilos de milho, cevada e centelo. Os cereais obtidos, bem como a fava e o grão foram transacionados no mercado 11 vrs. A Lavoura foi vendida directa a embaixistas do concelho, ou então, o que é muito mais vulgar, a associações de armazéns da fábrica.

quadro XXII

Cultivos orientais adquiridos pela Fazenda

ANO	Milho		Cenoura	Cenelco
	Branco	Amaral		
1950	95.460 Kg.	200.704 Kg.	470.000 L.	46.713 Kg.

Todos os produtos agrícolas que tivesse enunciado se destinam ao consumo dos cidadãos local e interno.

Os restantes produtos agrícolas têm importância muito mais reduzida e são transacionados dentro dos círculos vulgares da região do sul-litoral.

— II —

Entre os produtos florestais destaca-se a cortiça, normalmente vendida no pilha, isto é, depois de tirada. No corrente ano, porém, devendo possivelmente às altas cotizações obtidas no mercado externo e, por consequência, à grande procura desse produto florestal, o sacerdote fez bastantes vendas na África, ainda que tivesse continuado a tirar a cortiça por sua conta, o que é tradicional na região.

No ato de venda o lavrador recebe em geral o que enten-

se varia com a confiança depositada no seu comprador. No ano corrente foi em milhares de contos superiores a metade do valor da propriedade tirada, isto nos casos de vendas feitas com grande antecedência do normal, pois com a certeza da vila os círculos foram o cãozinho pequeno.

É vulgar o comprador liquidar as contas com o lavrador depois de passado do dia (1).

----- 2 -----

No 1886 ou são vendidas por intermédio do crédito da indústria ou adquiridas directamente pelos fábricantes de lenfícios.

Os gatos são transacionados em feiras e mercados nacionais em todo o país e muito frequentados.

As feiras que mais interessam no concelho são a Feira Nova de Alcoutim, a de Cravinhos, a de Torrão, a de Nossa Senhora dos Álamos (Vila do Alentejo), a de Luso (Montemor-o-Novo) e a de São João (Faro).

A Feira Nova realizava-se de 8 a 10 de Outubro e é nela que os Lavradores compram os gatos para explorar nos montados;

(1) - Do dia que se pede ao cortiço.

também é costume os pastores fornecerem-se, na altura, de vestuário.

No penúltimo domingo de Agosto efectua-se a feira de Grândola, sendo vulgar o lavrador adquirir, aí, as juntas de bovinos ou as parelhas de muares para os serviços da lavoura e que vão substituir os bois de corte (bois velhos) ou as parelhas já incapazes de prestar serviços pesados.

Na feira realizada na freguesia do Torrão são grandes as transacções de gado ovino, bovino e muar.

Em 22 de Setembro realiza-se em Viana do Alentejo, durante 4 dias, a feira de Nossa Senhora de Aires, onde o lavrador se desfaz das badanas (ovelhas velhas) e compra porcos de alfeire.

A feira da Luz, em Montemor, no 2º domingo de Setembro, é muito importante pelos negócios não só de gados, como também de alfaias.

Entre os mercados é digno de ser mencionado "o dos Reis", na vila de Alcácer do Sal, pelas grandes transacções que se costumam realizar com os porcos de vara.

— X —

Em Alcácer realiza-se diariamente o Mercado Municipal, onde se vendem produtos hortícolas, frutos, peixe, etc. É abun-

dantífico de milho.

— X —

Segue-se, para finalizar, um quadro com os elementos extáticos da Estatística Camarária:

Quadro XL

Anos	Trigo Tremês 10 L.	Trigo rijo 10 L.	Cevada 10 L.	Aveia 10 L.	Feijão branco 10 L.	Milho 10 L.	Arroz em casca 15 Kg.	Arroz em branco 15 Kg.	Azeite 10 L.	Vinho 10 L.	Cortiça 15 Kg.	Carne de porco 15 Kg.
1824	440	380	250	150	400	280	570	1.000	1.400	500	2.600	
1890	520	460	300	160	600	310	600	1.100	1.400	360	400	2.800
1910	420	360	200	140	550	320	600	1.150	1.500	260	360	3.800
1914	500	440	250	210	650	320	660	1.350	2.100	600	500	4.000
1918	1.260	1.160	1.500	980	1.480	1.110	2.400	5.800	1.400	200	15.400	
1922	6.008	5.70	5.000	2.850	8.400	3.400	7.000	10.800	2.800	4.800	3.000	20.800
1924	18.00	14.800	7.800	4.800	22.800	10.800	20.800	30.800	4.800	12.800	9.800	100.800
1926	10.882	10.50	4.800	3.800	18.800	7.800	14.800	22.800	3.800	10.800	8.800	75.800
1930	10.882	10.882	3.800	2.800	17.800	5.800	13.800	27.800	3.800	10.800	16.800	80.800
1939	11.840	11.800	4.800	3.800	18.800	7.800	19.800	34.800	4.800	6.800	13.800	70.800
1945	11.442	11.400	8.800	6.800	8.800	13.800	22.800	46.800	8.800	18.800	22.800	200.800
1947	12.850	11.882	10.800	6.800	6.800	12.800	20.800	66.800	100.800	40.800	25.800	200.800
1950	12.830	11.890	11.820	9.810	35.850	16.830	40.850	65.850	110.800	25.820	50.800	191.800

B - Mercados do destino e suas tendências

Dos produtos agrícolas propriamente ditos podemos dizer que todos se destinam aos mercados local e interno.

O consumidor local, apesar de ter fraco poder de compra,

não deixa de ser relativamente exigente. As pessoas de maiores exigências, por possuírem um grau cultural mais elevado, produzem muitos dos gêneros agrícolas vendidos no mercado local.

- One das valors riquezas do couro, o cortiça, vai em se todo para o exterior, como é de conhecimento geral.

O mercado externo é onde vez menos exigente quanto à classificação do produto; é o que no dedos dos elevados preços que obtém os cortiçais de baixa qualidade em relação às condições boas. Infato, de facto, razão para tal: a cortiça ser destinada a outros países, na sua maior parte.

- O mal, ouja produgio sótia mural, como já visto, ainda estings elevata quantidae, devinha-se aos mercados local, interno e externo. O mercado local tem consumo modesto, o interno também não apresenta movimento animador e, para o externo, não tem sido fácil encontrá-lo, não se sabe bem porquê. Seja como for os produtores vivem-se em dificuldades para vender a mercadoria, plantando alguma com ela de uns anos para os outros.

- As sementes são absorvidas pelos agricultores locais e internos; o primeiro em doses pequenas quantidades, o que se deve ao fraco poder de compra da boa parte da população.

- As liga continuam-se ao mercado interno e, em pouco, no ex-

tempo.

O - Assos. das organizações associativas

O Grémio da Lourinhã foi fundado em 30 de Novembro de 1930, iniciando a sua vida social em 25 de Novembro de 1940.

No 31 de Dezembro de 1950 o número de associados, por opção, era o que consta dos quadros III e XII. Verifica-se que além dos associados proprietários e rendeiros existe um numeroso grupo, formado por moçais, o que mostra que esta classe de exploradores da terra ainda ocupa um lugar de importância, pelo seu percentual não de 80% dos sócios contribuintes.

Entre os associados proprietários e rendeiros os que pagam quotas anuais superiores a 500\$000 são apenas 10% do total, e os de quota inferior a 50\$000 são 50%. Nostro-nos o que separam de cima, aliás se considerar que tanto do lado como do lado oposto dividida a propriedade, que ao lado da muito grande propriedade a que corresponde, regra geral, também a muito grande exploração, se encontram pequeninas propriedades e explorações, pelo que árvoe de concelho talvez só se encontre apenas duas centenas de sócio.

Além dos sócios contribuintes, que são 371, há ainda os beneficiários, ou número de 357.

No 1950, a arrecadação de quotas do Grémio atingiu o quanto total de 56.750\$00, tendo sido cobrados 53.740\$00.

O Crédito tem sido uma função comercial interessante por os mesmos da natureza das relações transacionadas no mercado local são por elle vedadas.

No todo o conselho não aponta mais que firmas que vendem artigos destinados à Lavagem; referindo-nos, claro está, a firmas que fizeram vendas em quantidades apreciáveis, não se sujeitando ao Aldeão e no Terceiro.

Quadro XI
Associações proprietárias e fundadoras

Nº de as- sociações	Quota que se paga	Total das quotas
76	6.000	46.800
02	12.000	96.000
49	12.000	588.000
10	24.000	480.000
13	32.000	592.000
17	34.000	574.000
5	42.000	210.000
0	48.000	480.000
0	54.000	162.000
0	60.000	360.000
1	66.000	66.000
1	120.000	120.000
46	240.000	9.600.000
25	250.000	6.250.000
12	400.000	4.800.000
9	600.000	5.400.000
14	720.000	10.080.000
4	840.000	3.360.000
11	960.000	9.500.000
0	1.080.000	8.100.000
0	1.200.000	9.600.000
536	-	59.756.000

O Grémio não tem tido sómente função comercial, interessando-se por todos os assuntos que possam trazer vantagens ou facilitar a vida dos associados. Criou, até, uma procuradoria, de que muito poucos se têm aproveitado, apenas 2!

Quadro XLII
Associados seareiros

Nº.de associados	Quota que pagam	Total das quotas
125	6\$00	750\$00
39	12\$00	468\$00
21	18\$00	378\$00
185	-	1.596\$00

Ao mesmo tempo que exerce funções comerciais, o Grémio desempenha o útil papel de regulador de preços.

Nos últimos 5 anos o Grémio forneceu à Lavoura as seguintes quantidades de adubos:

Quadro XLIII

Anos	Quantidades		
	Fosfatados	Azotados	Órganicos
1946	1.507.400 Kg.	224.348 Kg.	-
1947	2.047.350 "	349.200 "	5.300 Kg.
1948	1.693.204 "	340.936 "	1.500 "
1949	1.692.926 "	186.079 "	3.200 "
1950	1.802.140 "	281.985 "	

De fungicidas, enxôfre e sulfato de cobre, o Grémio a-

mostrou a Lavoura, nos últimos 5 anos, as quantidades que produziram e exportaram:

Quadro IIIV

Anos	Massa	Sulfato de cobre
1946	2.470 Kg.	753g.
1947	3.004 "	4.000 "
1948	3.500 "	2.400 "
1949	2.100 "	2.100 "
1950	2.745 "	4.700 "

O Crédito costuma fornecer quantidades aproximadas dos seguintes destinos à direçãoção dos gados: entre outros podem citar-se a alfarrobe, a couro, a serraria, a farré, os ônibus, os touros, touros e o milho.

De ônibus têm chegado a vender mais de um mil quilogramas, de alfarrobe perto de 40 mil quilogramas e de milho e aveia os valores não são inferiores.

Charques e sobreacalentados para em segunda também o Crédito vende bastante. Em 1946, vendem 80 charques e em 1947, 9.120 sobreacalentados, no valor de 100.000,10. Em 1948 transacionou 13 charques e 7.170 sobreacalentados.

Também tem chegado a Lavoura em materiais de construção, não chegando a vender de preços perto do brasileiro e valeu uns 50.

O quadro IV mostra o valor total das transacções nos

de 1946 a 1950 e o lucro obtido pelo Crédito. E com elas que comsegue enfrentar certo número de despesas.

quadro II.V

Ano	Valor dos fornecimentos	Lucro
1946	R. 234.457,20	R. 4.425,00
1947	R. 128.501,40	R. 0,000,00
1948	R. 273.100,40	R. 1.870,70
1949	R. 236.357,90	R. 3.330,00
1950	R. 220.500,00	R. 554,50

Por intermédio do Crédito são feitos à Lavoura, pelo G. S. do Crédito, os empréstimos da Campanha do Trigo.

Nos últimos anos não o Gabinete concedeu alguns empréstimos à Lavoura que não conseguiram regularizar os seus contos dos anos anteriores, e que originam certo número de atrasos pagados e que não liquidam os seus débitos por manifesta impossibilidade.

quadro II.VI
Empréstimos da Campanha do Trigo

Ano	Número de empréstimos		Valor global
	Peditos	Concedidos	
1946 (1)	57	57	R. 1.530,00
1950 (2)	57	59	R. 1.500,00
1950 (3)	55	51	R. 1.427,50

(1) = à Lavoura reprovou 6 empréstimos, no valor de R. 0,000,00
 (2) = à Lavoura reprovou 4 empréstimos, no valor de R. 1.515,00

Em todos os países o Crédito tem procurado cumprir, e da melhor maneira, as alianças que, por lei, lhe competem, como aquelas que lhe delegam as organizações corporativas do seu superior e as de coordenação económica. E a sua ação seria colaborativa e vibrante com desafogo económicos, o que não sucede.

Para poder cumprir devidamente, necessitava, de acordo com o que preverem as autoridades, possuir uma estrutura financeira mais forte.

— — — — —

Existe, no concelho, um Caixa de Crédito Agrícola várzea, fundada em 15 de Junho de 1916, com 10 sócios fundadores, mas que nais terço tinha 61 e, em 1930, 100, número que bateu em 1940, para 55. Atualmente são 96.

De 1934 houve grande queda no número de associados, porque muitos agricultores desapareceram, principalmente os que mantinham terras de charreiro, muitas delas viadas do concelho de Mantaço do Crédito.

Os maiores preços dos empréstimos costumam ser de 1.000\$00, sendo o maior, presentemente, de 50.000\$00.

Os associados nunes fizeram depósitos "a prazo" no Caixa e à ordem só remanesce.

Quadro 127

Anos	Dinheiro de empréstimos	Quantitativo
1947	2	70.000,00
1948	3	71.500,00
1949	20	165.000,00
1950	2	225.000,00
1951	17	307.600,00

(1) - Até final do mês.

V - TRABALHO AGRÍCOLA**A - Salários**

O trabalhador rural do concelho, como o da região, subdividindo-se em duas categorias: pessoal concordado e jornaleiros. A primeira pertencem os criados da lavanda, cozinheiros, pastores e gârdios, que não, em geral, contavam com o ano e receberam parte do salário em gêneros; vivem razoavelmente, pelo menos os valentes jornaleiros que não associaram-se com condutor eranho e conseguiram a grande massa dos rurais do concelho.

O pessoal concordado ganha, presentemente, à rota 4 a 16\$00 por dia, parte em gêneros. Por dia, costuma receber 00\$00 de farinha de trigo, 5 L., de milho e 5 L., de legumes (batata ou feijão) e, por ano, nota 400 a 600 kg. de trigo e, por vezas, 1200 kg. cada cesta de pão, além de produtos hortícolas e lenha. O lavrador também lhes fornece alojamento. De 1955 a 1959 um trabalhador desta categoria recebeu, em média, 10\$00 a 12\$00 diárias.

O jornaleiro vive muito pior pois de um concerto para o outro pode ver-se a draga nas suas negras miséria, e que não é aqui muito vulgar, a não ser na freguesia do Torrão, sujeita às crizes da falta de trabalho, tão características de alguns concelhos do distrito de Beja, com os quais o Faial tem muitas afinidades, nota de que em Alcácer.

O salário do jornaleiro está sujeito à Lei de aforas e

da procure, pelo que é mais alto nos períodos do ano em que existem certos serviços que não permitem adiantamentos, deixando logo, que começam a encarregar os trabalhos.

Para os homens, os salários mais altos são os da época das colheitas e, para as mulheres, os da época da colheita, das vendas e da plantação de arroz.

No ano de 1936, 1937 e 1938 os salários médios para homens e mulheres eram os que constam do quadro XVIII. Em 1944 os salários médios dos homens subiram para 16,00 e os das mulheres para 10,00, e em 1949, respectivamente para 20,00 e 15,00. De então para cá tiver-se-ão mantido, ainda que com uma ligeira tendência para subir.

quadro XVIII (1)
Salários médios

Meses	1936		1937		1938	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Janeiro	6,00 a 8,00	2,00 a 3,00	8,00 a 9,00	2,50 a 3,00	7,00 a 9,00	2,00 a 3,00
Fevereiro	6,00 a 7,00	2,00 a 3,00	8,00 a 9,00	2,50 a 3,00	7,00 a 9,00	2,00 a 3,00
Março	6,50 a 7,50	2,50 a 3,50	8,50 a 9,50	2,50 a 3,50	8,00 a 9,00	2,50 a 3,50
Abril	7,00 a 8,00	3,00 a 4,00	9,00 a 10,00	3,00 a 4,00	8,00 a 9,00	3,00 a 4,00
Maio	6,00 a 8,00	3,00 a 5,00	7,00 a 10,00	3,00 a 5,00	7,00 a 11,00	3,00 a 5,00
Junho	7,00 a 12,00	3,00 a 7,00	7,00 a 15,00	3,00 a 7,00	8,00 a 12,00	3,00 a 8,00
Julho	5,00 a 12,00	4,00 a 7,00	7,00 a 18,00	3,00 a 8,00	6,00 a 12,00	4,00 a 7,00
Agosto	6,00 a 12,00	3,00 a 6,00	7,00 a 11,00	3,00 a 6,00	7,00 a 12,00	3,00 a 6,00
Setembro	7,00 a 12,00	3,50 a 4,00	7,00 a 10,00	3,50 a 4,00	7,00 a 11,00	3,50 a 4,00
Outubro	6,00 a 10,00	3,00 a 5,00	8,00 a 10,00	3,00 a 5,00	6,00 a 10,00	3,00 a 5,00
Novembro	8,00 a 9,00	3,00 a 5,00	7,00 a 9,00	2,50 a 5,00	6,00 a 10,00	3,00 a 5,00
Dezembro	7,00 a 9,00	3,00 a 5,00	8,00 a 9,00	2,50 a 5,00	-	-

(1) - Quadro organizado com elementos extraídos do Relatório final de Curso do eng. agron. Verçaire Delfim.

Segundo informações colhidas a fôrma do pessoal rural não é así, mas não dá grande auxílio no trabalho.

No concelho encontram-se trabalhadores especializados, tendo algumas delas frequentado cursos organizados por organizações oficiais.

Pedreiros de oliveira, encarregados pela P.O. das S. M. optos há 8 (6 em Fanals, 1 em Santa Maria do Castelo e 1 no Torrão).

Munajetres tenequedores de oliveiras, encarregados pela F.M. das S. Recuários há 5 (1 no Torrão e 4 em Santa Susana).

São em número de 14 os pedreiros de abrantes habilitados pela F.M. da Corticeira 7 da freguesia de Santiago e 7 da do Torrão).

Além destes pessoal, que freqüentam cursos, existem trabalhadores que se especializaram em vários serviços; é o caso dos tímbaros da corticeira, passados na freguesia do Torrão.

O horário de trabalho é o de sol a sol excepto na cultura de arroz, em que se paga com mais 1 hora de sol, conforme a serra do concelho. No sábado também largam com uma hora de sol para fazerem o jantar da noite (as suas casas).

No inverno há uma hora para o almoço e uma hora para o jantar, em que: 3 horas de encargo e, no verão, têm 1 hora para o almoço, duas para o jantar e nenhuma à merenda, o que soma três horas e meia.

trabalhos, em média, 8 horas no Inverno e 10 no verão.

O horário de verão começa em trinta de Maio (Ponto Cruz) e o de inverno em 15 de Setembro.

A alimentação do maral é deficiente, visto do ponto de vista dos géneros que entram na composição das refeições de que são quantidades de alimentos lagaridos.

O almoço é, negro comum, arroz de alho e o jantar sopas de folhão ou estrelo lagarido, temperado com manteiga ou toucinho,

A cevada com uma bosta de rão (fetta), com um condimento que pode ser coentro, queijo, peito frito, etc.

B - Fazendeiros e proprietários rurais

Atendendo à baixa densidade da população e ao facto de no concelho se fazer uma cultura que absorve muita mão de obra e do arroz⁽¹⁾, vêm para aqui muita gente de fora, principalmente a partir de Abril. Em 1961 e durante o mês de Junho, esse número era superior a 7.000, sendo mulheres mais de 6.000.

Para a preparação de terras para arroz e pessegueiro contam-se vila dos Almendres da Colmeia e Viseu; para a plantação e colheitas, de Algarrobo, Santo António, Molides, Crâncio, Torral, Coruche,

(1) - Un hectare de arroz absorve, em média, 800 jornais de homem e mulher. O número de jornais de mulher é muito menor aos do homem.

Agnes de Moura e Vendas Novas.

Como o montado de sobre abunda e o número de tiradores da cortiga não é muito grande no concelho, vêm tiradores das Aldeias, do Recôncavo e do Grândola.

A freguesia onde há mais tiradores é a do Torrão, indo muitos deles trabalhar para os grandes hortões da freguesia de São Tiago, como sejam os de Palma, Pinheiro, etc., situadas a mais de 40 quilómetros do Torrão.

Para as sementes e colhas dos cereais preganados de semente também o pessoal do concelho não chega, vindo ranchos das Beiras e do Algarve, nomeadamente para as colhas. A freguesia que mais pessoal abrange é a do Torrão, para onde chegam a 15 mil de 1.000 pessoas (homens, mulheres e rapazes). Esta gente migra, por vezes, os de terra, pois vêm em tal número que deixam os da região sem trabalho.

A extinção do sol também obriga milhares de homens de terra do concelho.

O rural do concelho só muito raramente vai trabalhar noutras regiões, mesmo que nada tenha que fazer na sua terra.

c - Graves do trabalho

O desemprego da classe rural está longe de apresentar a mesma gravidade que se verifica em quase toda a província do Baixo Alentejo.

卷之三

É na freguesia do Torrão que o flagelo se faz sentir vulgarmente com maior intensidade, precisamente na zona do concelho de caratterísticas essencialmente alentejanas ou, prestando alguma, ao litoral, de características essencialmente das da Serra da Estrela, com menor intensidade do domínio português são as de São João, Ourique e Nisa, litoral, em que chega a 130. Noutra época talvez esteja o desenvergão entre os rizos, o que vai de Fevereiro ao princípio das colheitas; nessa altura e nos primeiros anos o seu número anda por 130.

Para acudir a estes oríxes, no Torrão, o Governo deu uns
pequenos subvenções para obras em estradas e para a exploração
de uma pedreira, donde foi extraída pedra para vários melhore-
mentos públicos.

Who should attend? The workshop will be of interest to:

Nas outras freguesias do concelho não há, propriamente, desemprego rural; apesar de, é certo, dada a proximidade, nas zonas rurais urbanas voluntários e que tanto podem ter a classificação de rural como entre qualquer e lato, nascem, só a partir de 1940, quando os trabalhos nas barragens e canais de irrigação deixaram de abranger só a obra em quantidade.

União das Casas do Povo: que em Aldeias do Sul, abrangendo as freguesias de Santiago, Santa Maria e Santa Susana, o coto no Torrão, abrangendo apenas esta freguesia, estavam fundadas em 1937.

No 31 de Dezembro de 1960 a Casa do Povo de Aldeias do Sul tinha 1.073 sócios efectivos e beneficiários.⁽¹⁾

A Casa do Povo de Aldeias concede aos sócios efectivos os seguintes benefícios: consultoria médica gratuita ao sócio à mulher e aos filhos, medicamentos, subsídio de doença de 3,60 diárias, durante 90 dias e subsídio de morte, 150,00 por dia vés.

A assistência médica é prestada por 3 clínicos que têm consultas diárias na sede e nosiais nos Postos de Falcão, Santa Susana, Parchanea, Cedopos e Coimbra. Além destes benefícios a casa do Povo ainda tem uma Colónia de Férias em Sines, para filhos de sócios efectivos, entre 700 a 800 crianças durante 50 dias e desde 1947 possui um Infantário, normalmente frequentado também por 300 crianças.

Possui sede própria, tanto embaixo o edifício do infantário e ainda no Palmeiro Romântico constituído por 6 grupos de 10 casas, que estão ocupadas por 2000 pessoas e sócios efectivos.

(1) - Numa freguesia do Povo não se encontra o Arto. 5º do Decreto n.º 30.710, que fixa por obrigatoria a inscrição como sócio efectivo contribuintes de todos os pessoas em condições legais de o serem e na sua área residentes. Se tivesse os sócios efectivos existentes seriam tantos quantos os trabalhadores rurais ou outros que desejem se não diferenciarem residentes nas áreas da U.d.o Povo. Ora só na área da União das Casas do Povo de Aldeias realizam uns 6.000 tra-

A Casa do Povo do Torrão concede aos sócios as seguintes regalias: assistência médica gratuita ao associado e filhos; medicamentos ao sócio; subsídio de doença de 3\$00 diários, ao sócio; 50\$00 de subsídio pelo nascimento de cada filho; 90\$00 de pensão de invalidez permanente⁽¹⁾ e 150\$00 de subsídio por morte do sócio.

As receitas da Casa do Povo de Alcácer em 1950 foram:

- quotas dos sócios efectivos	- 38.795\$00
- quotas dos sócios contribuintes	- 103.584\$00
- outras receitas	- <u>40.519\$10</u>

Total das receitas - 182.898\$10

As despesas totais, no mesmo ano, importaram em 171.166\$30.

As receitas da Casa do Povo do Torrão em 1950 foram:

- quotas dos sócios efectivos	- 26.816\$50
- quotas dos sócios contribuintes	- 48.777\$50
- outras receitas	- <u>18.481.37</u>

Total das receitas - 94.075\$37.

As despesas totais importaram em 98.079\$90

balhadeiros rurais!

(2) - Em 31 de Dezembro de 1950 havia associados a receber pensão de invalidez permanente.

VI - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO

A - Tipos de propriedade

Os números apresentados não passam de estimativas, apenas com o valor de estarem bastante de acordo com a opinião de técnicos, mais profundamente conhecedores da região do que nós.

Como prevenção diremos que em Alcácer não é fácil ligar a ideia de extensão de propriedade às zonas agrárias, até pela razão muito simples de, pelo menos nas grandes e muito grandes propriedades, irmos encontrar várzea, barrada e charneca na mesma propriedade. Depois, e ainda em reforço do que ficou dito, podemos acrescentar não ser vulgar encontrar-se pequena propriedade na charneca nem, tão pouco, formada apenas por terras de arroz. Anda tudo, em geral, mais ou menos misturado, o que dá ao problema uma complexidade muito grande.

Pequena propriedade será a que se situa entre os 20 e os 40 hectares;

Média propriedade, a de área compreendida entre os 40 e 300 hectares;

Grande propriedade, a de 300 a 1.000 hectares;

Muito grande propriedade, a de área superior a 1.000 hectares.

Tanto a pequena como a média propriedades ocupam reduzida área no concelho. As grandes herdades, com milhares de hectares,

não numerosos; entre outros podem citar Patoe (12.875 ha.), Soropata (9.419 ha.), Matafiz (8.940 ha.), Montalvo (4.588 ha.), Durvalo (3.810 ha.), Vale do Rio (2.797 ha.), Zavialha (3.059 ha.), Monte Negro (1) (2.803 ha.), Zumbes (2.440 ha.), Hermelina (2.038 ha.) e Pante (2.401 ha.), etc.

Propriedades com mais de 1.000 hectares, isto é, consideradas como muito grandes propriedades, há 49, ocupando 30,7% da área do concelho.

A grande propriedade ocupa cerca de 30% da área do concelho. Quer dizer: para a pequena e média restam apenas 70%, boa parte ainda ocupada pela séria, pelo que a pequena propriedade tem valor transigiente, devendo entres classificá-la como muito pequena propriedade, o que facilmente se verifica, até pelos rendimentos colectáveis da propriedade rústica, muito baixos.

No concelho há 8.399 proprietários rústicos que, conceguindo os rendimentos colectáveis actualdos, podem agrupar-se da seguinte maneira:

(1) - As herdades até aqui enumeradas ficam na freguesia de Santa Maria.

até 15.000	54 ou 2,2% do nº total ou	482.800
de 15 a 25 "	100.000 - 716 = 31,0% " " " " 52.972.800	
" 25 " 100 "	500.000 - 759 = 33,0% " " " " 178.995.800	
" 100 " 500 "	1.000.000 - 202 = 8,6% " " " " 147.672.800	
" 500 " 1.000 "	5.000.000 - 346 = 15,0% " " " " 736.405.800	
" 1.000 " 5.000 "	20.000.000 - 253 = 6,9% " " " " 1.345.692.800	
" 5.000 " 20.000 "	100.000.000 - 66 = 2,7% " " " " 2.701.304.800	
" 20.000 " 100.000 "	500.000.000 - 2 = 0,7% " " " " 349.242.800	
" 100.000 " 500.000 "	1.000.000.000 - 1 = 0,1% " " " " 151.049.800	
	2.299 100,0	5.942.611.600

Donde se depreende como é desequilibrada a repartição da propriedade dentro do concelho.

Não existem bairros, nem casas esporádicas de propriedade, ou seja senão em número ou em importancia dignas de menção.

2 - Valores venais sótios

Os valores venais da terra variam com múltiplos factores, entre os quais ocupa inegualável lugar o princípio Invar e Lei da oferta e da procura. As terras do arroz, por exemplo, que nos últimos tempos têm sido procedidas, em virtude do bom preço desse cereal, sofreram forte valorização e hoje um hectare da ~~terra~~ ~~terra~~ do arroz (Santa Catarina) vale uns 60 contos; as da salgada (Castelo do Arco) não tem valor superior a 40 contos.

As terras do barrado e os barros da Freguesia de Torrão pedem tão valiosos 10 a 15 contos. Isto, claro está, tem tanta coisa de terra seca; um hectare de oliveira, no Torrão, não se compra por menos de 25 a 30 contos.

Os valores variam da terra de charrua até tão baixos que preferimos não lhe falar nomenclatura, só para simples razão de que não se venderá um prédio constituído só por charruas, mas que parte dele esteja arborizada com sobre, enxofre ou pinhal, e é de que não é vulgar encontrá-las isoladamente ou haver de abusar da terra de charrua ou terras similares.

C - Fazenda de exploração

A exploração agrícola faz-se principalmente por conta própria e arrendamento; a posseira, praticada raro, não existe.

Ainda se encontra escavos, mas o seu número vai sempre diminuindo, contribuindo a poucos anos para a extinção.

Tabela III

Freguesias	Terras de exploração		
	Conta própria (Ra.)	Renda (Ra.)	Pessoal (Ra.)
Santa Maria	22.440,0	24.729,0	2.302,5
Santiago	16.000,0	6.205,5	-
Santa Lucina	11.711,0	6.616,6	-
Torrão	24.041,5	9.450,7	72,0
Total	93.192,5	51.901,8	3.074,5

A área da propriedade explorada por conta própria deve estar actualmente cerca de 65% da área total do concelho, cobrando-se arrendamento 15% e à parceria 10%.

Em geral nos módulos e naquelas das grandes explorações está à testa dos serviços de Lavoura ou o proprietário ou o rendeiro, auxiliados, às vezes, por factores. A muito grande exploração pertence em regra a empresas que têm os seus administradores e encarregados para os diversos serviços.

O arrendamento praticado na média é na grande propriedade, sendo escritos os contratos de arrendamento.

Nos arrendamentos existem a certeza, vedada por conta do proprietário.

As rendas têm aumentado bastante nos últimos anos, nomeadamente as das terras de arroz, muito procuradas.

Assim como se entende actual da propriedade no concelho, em que o predomínio dos públicos com contendas e usos milhares de hectares é notável, não nos parece muito viável considerar o que está, isto é, considerar-se difícil conseguir que a terra seja explorada em moldes diferentes dos vigentes. No entanto, não conseguimos afirmar que o que está não existem, impondo-se trabalhos e arranjos que o particular só por si não pode realizar. Isso fazendo compete olhar para este concelho, valorizando-o mais do que já tem com as obras de roga que nele construiu. Agora parecem-nos que será altura de pensar outros problemas, como sejam os de colonização e urbanização.

VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

Poucas são as herdades, apesar das suas possibilidades, que possuem instalações rurais, não diremos já boas, mas pelo menos razoáveis e esta é, sem dúvida, das grandes falhas notadas na Lavoura concelhia.

O lavrador encontra sempre uma desculpa para ir adiando construções que, em numerosos casos, lhe fazem falta, para que o assento da sua lavoura seja o que devia ser.

A - Silos

São em pequeno número, alegando os lavradores que não lhes interessam muito essas construções em face das grandes áreas de pastagem que possuem. Em parte, mas só em parte, têm razão.

Entre outras possuem silos as seguintes propriedades: Porches, Parchanas, Palma, Valbom, Terça, Barrosinha, etc.

B - Nitreiras

O seu número é reduzido e algumas das muitas existentes, só com muito boa vontade, lhe podemos dar esse nome, pois não passam de estrumeiras melhoradas.

Fazem falta, pois os estrumes são poucos e de inferior qualidade, o que dificulta poder pensar-se em regadios intensivos,

que só são produzidos com muita moderação.

C - Aloeamentos de cimento

No que respeita a alojamentos de cimento poucos se encontram em pendentes. As propriedades que os possuem melhores são:
Vilaça da Ordem, Palma, Pinheiros, Quinta do D. Afonso, Encruzilhada, Vila das Flores, Encruzilhada, Laranjeiras e Iapuia.

SCOUNDREABLE

SCOUNDREABLE

I - INVENTÁRIO FLORESTAL DO CONCELHO

A - Importância e situação das rácios florestais

1 - Ocupando uma área de 145.600 Ha., o concelho de Aldeias do Rib. é a seguir ao de Odemira, em extensão, no ande do país.

Com elementos fornecidos pela Junta de Colonização Inter. da col-nos possível elaborar o quadro I que nos permite apurar, não só em referência a todo o concelho mas também para cada uma das suas quatro freguesias, as relações existentes entre a área ocupada pelas culturas florestais, a área agrícola e a inculta.

Não nos foi possível determinar para os restantes 4.749,5 Ha., que faltam para completar toda a área do concelho e que são ocupados pela área social, vias de comunicação, cursos de água, albufeiras, etc., a qual é como se faz a sua distribuição pelas freguesias; por essa razão as percentagens indicadas referem-se apenas às áreas agrícola, florestal e inculta.

Na relação no concelho verifica-se que 33,7% da sua área são ocupados pela cultura agrícola, 49,8% pela cultura florestal e 16,5% por terras incultas.

Quadro I

Freguesias	Área agrícola Ha.	%	Área florestal Ha.	%	Área inculta Ha.	%	Áreas das freguesias Ha.	%
Santa Maria do Castelo	10.286,8	17,6	28.497,5	48,7	19.759,8	33,7	58.544,1	42,2
Santiago	12.599,7	49,5	10.393,5	40,8	2.477,3	9,7	25.470,5	18,3
Santa Susana	8.857,8	47,0	9.855,5	52,3	135,0	0,7	18.848,3	13,6
Torrão	15.034,1	41,9	20.386,0	56,8	447,5	1,3	55.867,6	25,9
Total	46.778,4	33,7	69.132,5	49,8	22.819,6	16,5	138.730,5	100,0

3 - As secas arborizadas distribuem-se por forma mais ou menos uniforme por todo o concelho, não existindo freguesias onde seja muito alta a taxa de arborização em contraposição com outras de taxa insignificante. Em relação a cada uma das freguesias as taxas de arborização florestal são as seguintes:

Santa Maria do Castelo	40,7%
Santiago	40,7%
Panõa Pugnão	30,3%
Torvão	56,0%

Para o concelho a taxa de arborização florestal é de 40,0%, e o seu valor relativamente elevado em relação a outros concelhos justifica-se pelo aproveitamento que têm tido, desde longa data, terreno com árvore e quasi exclusiva opção florestal e onde a cultura agrícola, na maioria dos casos, seria economicamente inaplicável.

Os principais núcleos arborizados localizam-se entre as cotas de 50 m. e 100 m.

3 - O quadro II dá-nos uma ideia bastante nítida da importânciia das várias espécies indígenas, em cada freguesia e no concelho.

Para a freguesia de Santa Maria do Castelo aparecem, como mais importantes, os povoamentos de sobreiro com 57,3% da sua área total seguido-se os de pinhal com 7,1% e os de mistura de sobreir

ro e pinhal com 8,7%. Deve-se salientar que nenhuma árvore é dominante geralmente o pinheiro.

O azinheira não tem importância alguma nesta freguesia, pois apenas no Monte da Serra do Pinhal existem 11,0 Ha. de azinheira.

quadro II

Essências	Sta. Maria do Castelo	%	Santiago	%	Santa Susana	%	Torrão	%	Total	%
Sôbreiro.....	22.015,3	37,5	5.925,2	23,5	4.703,8	26,9	14.597,8	40,7	47.267,6	34,0
Azinheira	11,0	-	908,5	3,8	1.884,5	9,9	3.512,2	9,8	6.290,2	4,5
Pinhal	4.179,0	7,1	2.677,1	10,5	75,5	0,4	987,2	2,8	7.918,3	5,7
Sôbreiro e azinheira.	-	-	814,8	2,4	3.102,7	16,5	842,1	2,4	4.559,6	3,3
Sôbreiro e pinhal.	2.162,5	3,7	245,9	1,0	17,5	0,1	446,7	1,2	2.872,6	2,1
Azinheira e pinhal	-	-	-	-	68,0	0,4	-	-	68,0	0,1

Na freguesia de Santiago é ainda o sobreiro que predomina ocupando 23,5% da área da freguesia, seguido-se o pinhal com 10,5%, o azinheira com 3,8%, a mistura de sôbreiro e azinheira com 2,4% e a de sôbreiro e pinhal com 1,0%.

Quanto à freguesia de Santa Susana continua os povoamentos de sobreiro a constituir uma importância grande sobre todos os outros, pois ocupam 26,9% da área da freguesia, seguidos-se os de mistura de sobreiro com pinhal com 16,5%, os de azinheira com 9,9%; os povoados de pinhal e suas misturas com sôbreiro e azinheira não chegam a cobrir, em conjunto, 1,0% da área da freguesia.

Finalmente, na freguesia de Torrão, é ainda o sobreiro que com 40,7% da área da freguesia, que domina a grande distância os

povoamentos das outras espécies indígenas; o esinho sobre 9,8%, o pinhelro 2,8%, o esinho com pinhelro 8,4% e o sobre com pinhel 1,6%.

Pelo que não respeito aos povoamentos de pinhel devemos aguardar que não existe marcado predomínio das espécies bravo ou amarelo, excepto no Torrão, onde deve haver mais pinhelro; nos casos em que existe maioridade de pinhel com sobre é este que geralmente domina. Desto nos povoamentos mistos de sobre e esinho verifica-se que nas terras mais leves e frescas é o sobreiro que domina e quando dominando o invadido nas terras mais secas.

Verificam-se, portanto, em todo o concelho um grande predominio do sobreiro sobre qualquer das outras povoamentos de espécies indígenas, pelo que 34,0% da sua árvores total está coberta por essa espécie.

O esinhel, praticamente inexistente na freguesia de Santa Maria do Castelo começa a aparecer com certa freqüência na de Ortigueira para adquirir a máxima importância, dentro do concelho, nas freguesias de Rante Susana e Torrão. O caso verificado é, sem dúvida, devido ao facto de nestas últimas freguesias existirem condições edafoclimáticas que tornam esses regadios nela aliás uns a região Alentejana propriamente dita, solar da esinhella, sobre 6,5% do concelho.

Simultaneamente, verifica-se que nestas freguesias o esinhel tem notável valor, no passo que nas de Santa Maria do Castelo

teiro e Santiago apresenta muito valor florestal, contudo perda existência de condições que, sendo propícias à vegetação do almeiro, se tornam em muitos casos adversas à produção económica florestal e cultivações.

Occupa 3,7% da área do concelho.

Deve-se do ponto de vista do alongamento da área das económicas indígenas julgaras que beneficiam rupituras ou florestas a cultura do sobreiro, tendo em vista que uma boa parte dos porcentagem destas espécies se encontra em propriedade condicões de exploração, excepto de vários factores que serão tratados nos capítulos respectivos.

Tudo que se refere à exploração tem sido motivo interessante do aumento da sua área, especialmente nas freguesias de Santa Maria e Torre, mas agora se que melhores perspectivas de futuro existem.

O problema do alongamento da área florestal tem especial interesse em relação à freguesia de Santiago onde existem cerca de 8.500 Ha. de inóspitas com espécie atípica e, principalmente, na de Santa Maria do Castelo onde aproximadamente 18.700 Ha., correspondendo a 85% da área da freguesia, se encontram desflorestadas e em muitos casos são despidas de vegetação.

Estes inóspitos, desprovidos quase exclusivamente por ruínas de pilões e correnses onde a degradação atingiu alto nível, e, nesse ver, susceptíveis, ao aproveitamento pelo emprego do pinhal.

ro bravo e verde, e de abrunho.

4 - Dos estabelecimentos exóticos que constituem encosta florística a penas o eucalipto tem alguma importância; além dos Indústria e, por vezes, velhos espartares que se encontram integrando os estrados a passar a alguns matozes da freguesia de Santa Maria do Castelo e de Santa Bárbara.

No principal destes freguesias permanecem salvadas a excepção da de 21,2 Ha. de eucaliptos na borda do Minalvo, 27,5 Ha. na do Monte Novo, 24,0 Ha. na da Comporta e 20,3 na Ribeira Nacional de Vilarzela.

No freguesia de Santa Bárbara os matozes de eucaliptos têm reduzida importância; existem 7,0 Ha. na borda da Serra, 8,8 Ha. na de Perlonguilhos, 3,0 Ha. na da Correia Paredes e 3,0 Ha. na da Lapa de Cima.

O eucaliptal não tem qualquer importância em relação às espécies indígenas; reputado, no entanto, de interesse e desenvolvimento da cultura do eucalipto, nivante nas freguesias de Santa Bárbara e de Torrão, com vista ao fornecimento de lenha e carvões, e na virtude de ser novas freguesias, que o povoal tem nalgas belas bases de urbanização; 0,46 e 0,47, respectivamente. Noutros circunstâncias o desenvolvimento das populações em lenha e carvões não pode deixar de ser velho quando só à custa do abrunho e da salgueira e que, muitas vezes, continua a pedir mais violências com todos os seus inconvenientes.

B - Importância e situação das essências dispersas ou constituindo povoamentos de área muito reduzida

5 - Constituindo povoamentos de área muito reduzida e essências dispersas, apenas temos a assinalar algumas pequenas manchas de eucaliptos, por vezes, constituídas por meia dúzia de árvores; alguns pinheiros e eucaliptos de bom porte ladeando estradas e caminhos; alguns freixos, choupos e salgueiros marginando cursos de água e barrancos e algumas acálias em pequenas manchas, além de árvores isoladas.

Dada a pobreza do concelho em variedade de essências se-ria sempre de aconselhar o alargamento de outras espécies adaptáveis em terrenos onde se verificam alguns fenómenos de erosão; o facto afigura-se-nos, no entanto, de execução pouco provável pela razão de que as madeiras de qualidade que algumas dessas essências poderiam fornecer não têm no concelho procura alguma, desinteres-sando o proprietário da sua cultura.

6 - Não assinalámos qualquer exemplar que mereça ser classifi-cado de interesse público.

7 - Não encontrámos qualquer parque ou arboretum de interesse botânico no concelho.

C - Importância económico-social da silvicultura

8 - Logo a seguir à cultura do arroz do qual foram produzidos,

em 1950, 10 milhões de quilos no valor de 40.000 contos, é a cultura e exploração do estreiro e da sainha que as actividades económicas do concelho tem maior importância.

A mesma actividade baseia-se em edifícios que permitem a captação e a fixação.

No outono anterior de 1950 foram manifestados 10 milhões de quilos de aveia que, ao preço de 4.000 por quilograma, tem como resultado o valor bruto de 40.000 contos.

No mesmo ano a quantidade de trigo manifestado foi de cerca de 5,1 milhões de quilos que, ao preço médio de 3.400 por quilo, representam um valor líquido de 17.600 contos.

Pelo que dão resultado às duas culturas florestais que mais interessam para o aspecto económico, a do estreiro e a da sainha, conseguem por cálculos a produção média de cortice no concelho. Alcançadas publicações pelo Instituto Nacional de Estatística tornaram possível elaborar o quadro LII que permite averiar essa produção média.

quadro LII

Ano	Produção (contos)
1944	654.400
1945	610.400
1946	600.300
1947	725.700
1948	651.100
1949	651.500
Total	5.106.000
Média anual	850.777

Estes números resultaram da comparação das quantidades apresentadas com as das quantidades compradas pelo Instituto.

Tendo em atenção que para os últimos 4 ou 5 anos o preço médio dos cortiços anuais é de 85.000 e o das virgens 12.000 por arroba, assim, para a soma de 327.777 arrobas anuais e para um preço médio de 82.500, podemos concluir que entre no concelho 11.600 contos de rendimento bruto proveniente da cortiça.

Considerando agora a produção da lama para engorda de gado suíno, admitindo que aos 47.307 Ha. de sôbre os povoados rurais, se podem acrescentar 4.800 Ha. provenientes do sôbre que se encontra situado sob exílio e com plantal, o que perfaz um total de 51.817 Ha. de sobreiral.

Dada a predominância dos neutados envelhecidos, e fraca densidade do arvorado que na média não ultrapassará os 40 ou 45 árvores por Ha., a irregularidade acentuada na produção de fruto das sobreiras e os violentos ataques da larentria que de há uns anos a esta parte se tem verificado em grandes extensões, não será prudente considerar uma área inferior a 8 Ha. como sendo a necessidade para a cova de um porco de 45 Kg., ou seja para um canto de 5 arrobas durante o tempo que dura a contentela.

Nestas condições os 51.817 Ha. de sobreira do concelho podem produzir 38.000 arrobas de carne de porco que, ao preço de 85.000 por arroba, representam um rendimento bruto de 3.200 contos anuais.

Na relação aos animais temos a considerar por um lado os 8.200,8 Ha. de povoamentos puros e por outro 8.884 Ha. de animal proveniente das caçadas em que este resultado se encontra misturado com ovelha e pinhal, e que dá um total de 8.876 Ha.

Como as produções de fruto desta espécie são muito raganhas, como os animais não vêm extensos que os controlaria e porque as destruições provocadas pelas destruidoras de folhas são inaparivelmente numerosas, podemos admitir que para a cera de um porco serão apenas necessários 4 Ha. de animal.

Destes níveis os 8.874 Ha. de animais do concelho podem produzir 10.713 arados de carne que, ao preço de 800,00, representam aproximadamente 8.670 contos de valor bruto.

Finalmente, consideraram os produtos de lenha e de carvão, visto que a madeira acaba geralmente por ser transformada em algumas dessas produtões.

Com uma densidade populacional de 15 habitantes por quilômetro quadrado compreende-se facilmente que a procura de lenha e carvões para consumo próprio não seja muito grande dentro do concelho. Além disso, os despojos natais d'água da Limpesa dos sobrados e alguma lenha um pouco mais grossa, juntamente com os produtos da Limpesa dos pinhais e ossegares o abastecimento do concelho em lenhas, tanto mais que na economia, até há pouco empregadas na elevação de águas para a cultura de arroz, em virtude da construção das barragens do Rio do Alter e Vale do Gato, permanecer-

ao por completo a sua anterior importância e já não conseguem que
lindas de lenhas que agora podem ficar livres para outros empregos.
Aosbará pelo que se transformam em carvão a grande maioria
dos produtos da limpeza dos contentos da árvore e do caule.

A área total das socalheiras e caibais do concelho é de
cerca de 60.151 Ha.

Atendendo a que a poda no concelho é conduzida com regularidade, paralelamente de 6 a 8 anos, podemos concluir que são podados anualmente 10.000 Ha., de mactados; se considerarmos a média de 45 árvores por hectare serão 450.120 árvores. Se admitirmos ainda que para a fabricação de uma saca de carvão com o péco arborícola de 50 Kg. é necessário contar com o produto da limpeza de 15 árvores, verifica-se que o concelho produz anualmente 30.075 sacas correspondendo a 3.750.750 Kg. que o correspondente preço, normalmente, ao preço médio da madeira.

Os proprietários receberam pelo o rendimento bruto de 1.000.000 pesetas/latas do carvão fornecido pelas Limpas das suas respectivas.

Não tendo sido possível obter dados que nos permitissem calcular o valor de essas taxinhas obtidas de árvores abatidas em desbastes, podemos concluir que a exploração dos mactados da
do concelho no rendimento bruto médio anual de mais de 25.000 kg.
que assim distribuídos:

cortiça	11.600 contos
carne de porco (sôbro)	8.050 "
" " " (azinho) ...	2.670 "
carvão	<u>1.080</u> "
Total	23.400 contos

Não queremos deixar de dizer que o rendimento bruto real proveniente das actividades ligadas à silvicultura é certamente superior ao apontado, se atendermos a que não entramos em consideração com o valor do entrecasco e o dos produtos de limpeza e desbaste dos pinhais e eucaliptais, e ainda o valor de madeiras obtidas destas espécies. Não o fizemos, no entanto por deficiência de informações que nos permitissem calcular valores médios próximos dos reais.

9 - O interesse do ponto de vista social das actividades ligadas à silvicultura, é como se depreende facilmente do exposto anteriormente, bastante grande. O número de salários e o total correspondente de escudos são suficientemente avultados para pesarem grandemente na regularização do trabalho e nas acanhadas (e cronicamente insuficientes) economias domésticas dos trabalhadores rurais da região e até de regiões estranhas ao concelho.

Como atrás dissemos a produção média de cortiças no concelho é de 527.777 arrobas anuais; se considerarmos que cada macho tira em média 20 arrobas de cortiça por dia de trabalho resulta que, por ano, são consumidos 23.990 salários de tirador que ao

prazo de 8000 por unidade representam 657.700,00.

A cortice tirada por cada 10 cedros que resulta em média 1,5 salários de juntador e 1,5 de rapas empregado no ramo seco; assim serão necessários 3.500 salários de juntador que ao preço de 8000 totalizam 71.900,00 e igual número de salários de rapas que ao preço de 18,00 somam 63.000,00.

O esquilhamento da cortice requer, em média, por cada 10 cedros, 1 esquilhador e um ajudante, pelo que cette operação necessita 4.700 salários que ao preço de 8000 representam 100.000,00.

Devemos contar ainda com os ourinhais, guarda de pilhas e com os carros e carreiros empregados no transporte da cortice para as pilhas, o que não fizemos por o cálculo ser muito incerto.

Para o caso do guia suíno temos a considerar os guardadores (matais) e dos ajudantes (ajudas).

Devem passar pelos matoais do concelho, em média, 8.000 porcos anualmente durante os 3 meses de montanha; considerando que cada guardador e o seu "ajuda" podem terceirizar de 70 porcos aproximadamente podemos afirmar que existem 120 guardadores e outros tantos ajudas que ganham, respetivamente, 20,00 e 8,00 em média, por dia, recolhem, nos 3 meses da cara 250.000,00 distribuídos por 20.160 salários.

As juntas ou linhas devem ser por isso uns aproximados como

caléries de óleo de milho obtidas. No entanto, tomando por base o carvão provavelmente produzido, devem ser realizados cortes ou seja total ande à volta de 900.000 arrobas de lenha; admitindo que cada padeiro abete 20 arrobas por dia, consideram-se 54.000 sulcos que à média de 18g/00 representam 669.710,40, no período da poda.

Em relação às actividades que referem-se a ligadas directamente indirectamente à silvicultura considera-se, portanto, anualmente cerca de 94.000 caléries representando aproximadamente 1.630,000 contos.

No todo sólido se pretende que os números estritamente apontados sejam os que traduzem os verdadeiros valores para o concelho, mas sempre estimativas dentro do que nos parece mais apropriado às condições ali existentes.

II - A PROPRIEDADE E A DISTRIBUIÇÃO MATERIAIS

A - Conceito geral da extensão da propriedade florestal

10 - A divisão da propriedade florestal em grande, médio e pequeno se bem que não possa fazer-se dentro de moldes rígidos é susceptível, no entanto, de distribuir-se por grupos compreendidos dentro de certos limites.

Considerando o caso dos contados do exílio designarmos por pequeno o que tiver área até 50 Ha., médio o que a tiver compreendida entre 50 Ha. e 800 Ha. e por grande o que tiver área acima de 800 Ha.

Partindo destas hipóteses elaborámos o quadro LIII por meio do qual podemos conhecer para cada freguesia e para o concelho o número e a área ocupada pelos montados de exílio, dentro das categorias estabelecidas.

Quadro LIII

Freguesias	Pequeno		Médio		Grande	
	Núm ro	Área (Ha.)	Núm ro	Área (Ha.)	Núm ro	Área (Ha.)
Santa Maria do Castelo	1	11,0	-	-	-	-
Santiago	9	152,2	6	750,5	-	-
Santa Susana	10	442,7	7	637,6	5	734,2
Torrão	19	317,5	14	1.396,0	5	1.354,5
Concelho	41	923,4	27	2.883,9	8	2.088,7

Não entro em consideração com o estudo disperso pelo concelho que isso representa.

O exame do quadro LIII mostra-nos que é o pequeno moutado que predomina, em número, nas freguesias de Santiago e de Santa Iria da Barca; na freguesia do Torrão o pequeno e o médio equivalente; em áreas o moutado sólo cobre cerca das freguesias de Santiago e das de Santa Iria da Barca e Torrão, equivalente.

Tal que dão ressalta ao concelho variáculos que em número é o pequeno moutado e não importante, seguido do médio e do grande.

O gráfico 1 mostra a mesma como os abundâncias de estudo se distribuem pelo concelho em número e em área, dentro dos tipos estabelecidos.



Ocupemo-nos agora dos montados de sôbro, os mais importan tes do concelho.

Baseando-nos em cálculos idênticos aos adoptados para o caso dos azinhais mas entrando agora em consideração com o rendimento da cortiça, chegamos à conclusão que para o pequeno, médio e grande montado de sôbro os limites são aproximadamente os mesmos que para o de azinho, tomando por base o rendimento. Entende mos, além disso, ser conveniente criar uma nova categoria de propriedade a "muito grande", dadas as condições de propriedade flo restal no concelho.

Além das duas primeiras categorias já estabelecidas para o montado de azinho consideramos grande montado de sôbro o que temha área compreendida entre 200 Ha. e 800 Ha. e muito grande a que exceder este último limite.

O quadro LIV, elaborado de acordo com o que atrás fica estabelecido, dá-nos ideia da distribuição dos montados de sôbro por aquelas quatro categorias, em número e em área.

Tal como no caso dos montados de azinho não consideramos os sobreiros dispersos por idênticas razões.

A observação do quadro mostra-nos que, em relação à freguesia de Santa Maria do Castelo domina em número o montado médio seguido do grande e, a par, o pequeno e o muito grande; em área é o muito grande que domina, a enorme distância, seguindo -se o grande, o médio e o pequeno.

Na relação à freguesia de Santiago temos ainda o número a dominar em número seguido agora do pequeno, do grande e do muito grande; na área tem primaria o grande contado, seguido do médio, do muito grande e do pequeno.

No Freguesia de Santa Susana não existem contados muito grandes. O número das restantes classes é essencialmente igual mas, na área, avulta-se o grande seguido do médio e do pequeno.

Quadro LIV

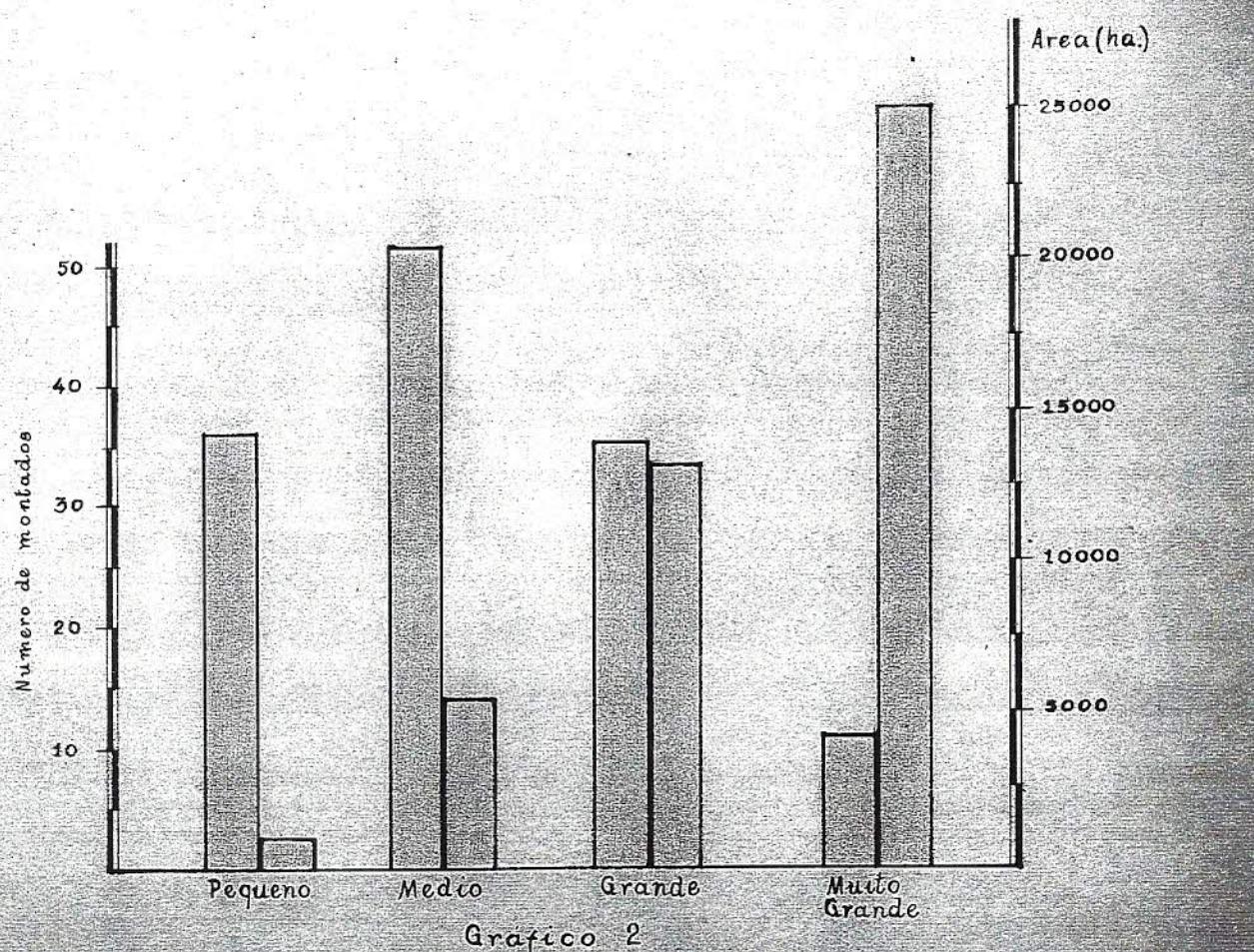
Freguesias	Pequeno		Médio		Grande		Muito grande	
	Núme-ro	Área (Ha.)	Núme-ro	Área (Ha.)	Núme-ro	Área (Ha.)	Núme-ro	Área (Ha.)
Santa Maria do Castelo	4	102,5	18	1.301,1	7	2.263,6	4	16.178,9
Santiago	11	243,7	18	1.471,4	8	2.368,1	1	1.322,3
Santa Susana	8	172,5	9	903,8	10	3.627,0	-	-
Torrão	15	332,3	17	1.807,8	10	4.019,5	5	7.543,5
Concelho	36	650,9	51	5.484,1	35	12.778,0	10	35.054,9

Para a freguesia de Torrão, verifica-se que o número é o contado médio que tem maior importância seguido do pequeno, grande e muito grande; na área domina o muito grande seguido-se o grande, o médio e o pequeno.

Finalmente, para o concelho o predominio em número é o contado médio seguido do pequeno e do grande e, depois, do muito grande; na área domina o contado muito grande seguido do grande,

últio o pequeno. Isto pode conter que os montados muito grandes apesar de serem apenas em número de 10 excedem em muito o total das áreas que tem outras classes cujos montados são em número de 100, aproximadamente.

O gráfico 2 mostra a mesma como os montados do concelho se distribuem pelo concelho, em número e em área, dentro das quatro classes estabelecidas.



Cabe aqui fazer referência a alguns montados de sobre que, pela sua extensão, consideramos notáveis.

O primeiro montado do concelho é o da Freguesia de Palma, que ocupa uns áres de 10,000 Ha. aproximadamente; o da Freguesia de Michetos, com 5,150 Ha., é o segundo do concelho; o da Freguesia de S. Bento com 3,175 Ha.; os das freguesias do Vale do Rei e Baião e Gouvela da Amoreira com 1.660 cada um; o da Freguesia de Parchos com 1.550 Ha.; o de Monte Novo com 1.100 Ha., e o de Ouroeste e Vale de Laxões com 1.100 Ha.,

O pinhal tem agora alguma importância nas freguesias de Santa Maria do Castelo, Santiago e Tornim.

No primeiro destas freguesias existem alguns pinhais de grande extensão, como sejam os da Freguesia de Pinheiros com 500 Ha., o de Monte Novo com 500 Ha., o de Comporta com 1.000 Ha., o do Espiche da Gruta com 274 Ha., o da Freguesia dos Algarveiros com 110 Ha., o da Fazenda Fazenda de Valverde com 900 Ha., e o da Freguesia Arribelze com 350 Ha.; os restantes em número de 13 ou 14 têm áres correspondentes entre 2 e 50 Ha.,

No freguesia de Santiago a arborização dos pinhais já é razoável; encontram-se um pinhal com 370 Ha. nas Freguesias de Vale do Metanqu e Bleada, um com 100 Ha. no Vale de Argolha, um com 154 Ha. no Alfubre do Mar, um com 370 Ha. na Freguesia de Barrocalha e outros, um com 140 Ha. na Freguesia de Pinhal, outro com 157 Ha., na Freguesia de Carrapateira e um com 150 Ha. no Castelo da Ajuda.

plantantes pinheiros, os quais de cerca de 20 são árvores comprimento das entre 5 e 10 Metros.

Na freguesia do Torrão apenas um pinhal tem árvores comprimento a 100 Metros., no Berlado da Xermeirinha e Quinta de D. Rodrigos; os restantes apenas um ou 60 Metros., na Coqueira, sendo os restantes da árvore média de cerca de 20 Metros.

A parte da dúvida que no concelho de Aldeias do Ribatejo - são os grandes proprietários florestais.

Segundo o censo da população de 1960 existiam no concelho apenas 111 p敬tadores-proprietários e 63 isolados proprietários, o que para os 145 mil hectares do concelho é francamente pouco.

Aproveito que há proprietários donos de mais de uma propriedade. O caso flagrante é da freguesia do Torrão, onde só a Capela Gil possue para além de 15 hectaradas obrinhas de 80% da sua área. Outros proprietários, tais como a Sra. D. Maria José Ferreira da Silveira, que posse 6 hectáreas, a Misericórdia de Aldeias do Ribatejo e o Dr. Correia Lopes que possuem 9, o Dr. Henrique Louro Fernandes, a Sociedade Barreiros & C.º, Irmãos e a Sra. Maria Antónia L. A. Gómez, donas que possuem 6, e muitos outros com 2 a 5 hectáreas o pouco da 0,5% da área total do concelho.

A isto podemos acrescentar a extensão, no concelho, de propriedades de grande extensão: a Herdade de Palas com 12.670 Ha., a de Coimbra com 9.400 Ha., a do Pincheiro com 6.840, a de Montalvo com 4.570 Ha., e da Zatalha com 3.810 Ha., e de Velo de

pelo com 8.707, a de Vrividela com 8.500 Ha., a de S. Bento com 8.481 Ha., a de Rosches com 8.440 Ha., a de Monte Novo com 8.500 e a da Reprodutora e enxada com 8.100 Ha. para só referir as de áreas superiores a 8.000 Ha. Estas herdades, em número de 11, ocupam um área de cerca de 80.000 Ha. ou seja aproximadamente 80% da área do concelho.

Poderemos concluir, em termo de tudo quanto acima dissemos, que a propriedade florestal no concelho de Aldeias do Sal se encontra muito pouco dividida e concentrada na mão de muitos proprietários.

II - Tratamento cultural composto

II - Os tratamentos culturais a que se submetem os povoados florestais são os habitualmente usados noutras regiões: poda, desbasto, levante e roga de coto nos montados, e desbastos, desmanejos e rogas de coto nos planaltos; o descortiamento e as doçuras e prados tanto tratados respectivamente nas fig. 42 e 23.

As podas ou limpezas dos montados são vulgarmente efectuadas de 5 em 5 ou de 5 em 5 anos e, faltamente, dentro de uma intensidade que normalmente poderia considerar severa. Algumas vezes verificadas de podas no peccio cais pesadas nas toras, não obstante, o carácter das tipicas eretas do montado alentejano, constituem exceções ao que geralmente se passa no concelho.

Tendo em atenção que os povos indígenas não o são mais práticos e económicos de contrariar a irregular produção de fruto dos sobreiros, tornando nos casos em que a pobreza do solo em principais fertilizantes e da água, no período estival, se verifica, não venha sendo benéfico a tal prática desde que se respeite a modernização dos cortes dentro de períodos convenientes.

Além das desvantagens que se efectuam nos charcos com o fim de dar às árvores o esparcimento julgado mais conveniente e o de eliminá-los pelas conformações, existente igualmente nos sobreiros adultos, um desvento que, tendo aparentemente a mesma finalidade e a de eliminar arvoredo que já ultrapassou os limites da exploração económica, cria um problema de difícil solução e que requer imediato urgente e eficiente. Queremos-nos referir ao problema da derrubada dos sobreiros e ao da regeneração de novos desenvolvimentos.

Nos sobreiros idosos, onde a densidade tem de ser fatalmente baixa, e especialmente nos constituidos por arvoredo de raga Idade, os desventos deixam encostas desnudas como quando lhes apunhalam sobre as árvores que devoriam ser derrubadas. É evidente que tal estado de coisas contribui inescindivelmente para o decréscimo da densidade dos sobreiros do concelho, tanto mais que, pelo que observamos, a regeneração se faz num ritmo insuficiente para substituir o arvoredo abatido ou a abalar num espaço pouco digno.

A densidade média das plantações do concelho não ultrapassa, como se disse, 40 ou 45 árvores por hectare. Estes valores foram obtidos por fundamental da Instituto Geográfico e Cadstral es-pecialmente em serviço de avaliações no concelho e correspondem toda a confiança.

As levantadas e as riquezas do solo não permitem plantações no concelho.

No concelho onde uma maior densidade não permite a cultivação da soja ou interciliar, é costume fixar-se a roça, disponibilizando garantias o arrendamento da semente é exequível e às vezes até leveza. Nesses quando se fizerem, e conforme os casos, não excepcionais, de 8 ou 9 ou 10 ou 10 acres, os passos que se registram e arrendam são mais frequentes, de 4 ou 5 ou 6 ou 6 acres.

O caso mais frequente é o da contenção da fraça densidade, onde a levantada é prática generalizada, como preparatória do terreno, para receber a semente de centeio, aveia, cevada ou trigo, conforme o terreno e comunitário, as culturas laterais não contendo.

A instabilidade da roça ou do arranque do solo é rotulada as ideias que o fogo possa causar e a de fumadores indumentaria para a casa dos padões, a que o proprietário junto o lucro que os concelhos lhe oferecem.

Na grande parte das freguesias de Santa Maria do Castelo e de Santiago estas culturas não vão além do centeio ou da aveia,

dada a pobreza do solo; culturas de sequeiro com velhosas sob o
busto tais como trigo, fava, arroz ou cebola têm maior intensida-
de e suíto nos freguesias de Santa Susana e do Zorrão, onde a por-
centagem de nuas terras é mais baixa do que nas outras.

Nos casos em que a densidade da arborização, o teor em maté-
ria orgânica e os principais fertilizantes e o período do terraneo
é constante, não vemos inconveniente em que as culturas de sequei-
ro continuem a crescer sob o coberto das matas, desde que es-
tas culturas sejam profundamente enterradas. A razão está em que,
tratando-se de culturas tidas como subtropicais e ricas, o lavrador
prepara com cuidado, estraga o chão por vezes o solo, práticas
vistas de inconveniente benefício para os plantadores.

No caso grande da vegetação rala danosa em que procedimentos
de luta para culturas sob coberto conduzem a desmatamentos desmocional-
rios em que podem ser violentos, no de terraneo pobrissimo matéria
orgânica e principal fertilitante como é o das terras de char-
neca, Isto é, derivadas do palcozo; quando o período do terraneo
por excesso fuga para o risco de se dar a erosão das terras por
falta de cobertura vegetal suficiente, então a prática da arvo-
scultura é inadmissível e só pode ter como consequência o expor
cimento gradual dessas terras.

O problema está, porto, em evitar tanto as lavouras, como
as roças de arvores tal como hoje se praticam, em terraneos onde o
conduto em a fertilidade desconhece trai práticas.

Os desbastes e as desmatagens nos pinhais fazem-se mais concorrente à recuperação da propriedade do que abrandando o processo de envelhecimento. No entanto, porque os envelhecerão não causa dano, só aquela é que no entanto, as calhas não têm a maior acuidade.

O - Exploração

18 - Qualquer que seja o tipo de propriedade que se considere o regime de exploração como atualmente usado no concelho na reza as explorações florestais é de conta própria.

Em todo o concelho existem duas propriedades de direitos comuns de propriedade patrimonial: um direito reservado à borda do Lento Novo que tem 8.500 ha., e que situa-se na freguesia de Santa Maria do Castelo, o outro referente a uma pequena propriedade com 70 ha. na freguesia do Torrão.

Outros de 70% da área do concelho são explorados em regime de conta própria e 30% em regime de propriedade privada; só em casos muito especiais, o arrendamento florestal é isolado no direito comum. Tal sistema operar é usado, no que nos conulta, nas propriedades denominadas "Casas Livres", "Lindolom", "Almadares" e "Castelos" do concelho, que não pertencem da União das Freguesias de Aldeias do Sul, e nas conhecidas pelas cores de "molhão de Urdeir", "Sesimbra", "Almada de Baixo", "Arraial", "Mafio" e "Casas Brancas" que constituem todos ao mesmo proprietário. A área destas propriedades não atinge os 4.000 ha.

Afora estes casos, que no concelho constitui exceções, a quasi totalidade dos arrendamentos exclui os povoamentos florestais.

O proprietário espécie entrega ao rendeiro ou ao mozeiro as terras de arrecadação reservando para si a parte florestal, de plantação certa e garantida.

É verdade que, privando-se deste modo, com quanto efeito maior bem evitado pelo é para o rendeiro ou o mozeiro que se fizesse algum tempo não colha a terra nela empobrecida. Os casos mais comuns relativos a isto são da cultura do canáis as terras de montado, na generalidade pobres e que só se obtinham em estado alienante da propriedade.

Os arrendamentos incluem vulgarmente o fruto da corteira; o que o proprietário reserva para si fora dos casos estritos mencionados é a cortiça.

13 - De todos os produtos florestais aquela que o concelho produz em quantidade mais elevada é a cortiça, pelo que dela se faz de almoçaria há grande abundância. Esta é riqueza que só raramente conta não é, porém, inteiramente aproveitada no concelho visto não existir uma única fábrica de lavoração de cortiça que, a este respeito, traga velas vantagens económicas à região.

A cortiça produzida é vulgarmente, num pequeno percentual, para a fabricação de cordadas mas o seu aproveitamento é essencialmente

deste para as fábricas do Maranhão e Pará.

A estrutura do material lechoso, seja qual for o espécie que se considera, é composta interiormente de grande parte das partículas.

Todo que se refere às qualidades para construção civil pode dizer-se que as mais expressivas, se não as únicas, são as de peso, algumas destas naturais, principalmente as continentes e viscosas e a fibra, são utilizadas no edificação tanto do material bruto como do massa; a maior parte do trabalho e algum elemento viva, tecido, da forma de exsudação, as fibras e o fibroso não trabalhado é muito natural, fazendo-as servir a necessidade de certas partes desse processo secundário, quando que forem.

É assim os sujos um contraste de materiais em Aldeias do sul que se encontra hoje excedente devido, segundo nos parece, a excesso estabelecido a potencia industrial; a talvez que actualmente está na Indústria humana á sua necessidade natural de produzida a aplicação da Maravilhas que, facultivamente não por alíada, trabalha algumas qualidades de qualidades elascas é necessária.

A construção naval não tem importância no comércio.

No outros produtos finais como lenhos, quando a mesma criado relativa abundância, a ponto de se exportarem, para formar o comércio, quantidades apreciáveis, obtendo do serviço.

No entanto este relativa abundância conseguiu á excesso do material lechoso das plantas, especialmente das de gênero, em

se cuidar muito da pagamento dos proprietários que vendem e em-
penham os seus despesas.

As casas lentamente invadidas das dantadas das socalcos
não têm consumo na região visto não existirem fábricas de cog-
turas, sendo vendidas para outros países do país.

No concelho não se praticam a resinação dos pinheiros.

Os frutos que mais interessam a região são os dos nautas -
dos de cítrico e de pinho. Calculamos que os frutos dessas culti-
das poderiam cobrir, anualmente, em média, áreas de 8.500 hectares;
no Crédito da Lavoura do Alentejo do Sul foram manifestados 6.500
caixões na montanhosa de 1950. Este exponente divergindo das
mesmas, contudo, no facto de alguns criadores manifestarem os seus
estados neutros críticos, como os de Venteucelos-Furgo e Alcoutim, e
ainda porque não manifestam todos os caixões que possuem.

Segundo o arraialamento geral dos caixões de 1946 existiam no
concelho 15.000 hectares aproximadamente e que vem corroborar a ne-
ssas afirmação, tanto mais que as colheitas não se devem ter modificado
de muito nestes últimos 10 anos.

Um bom parte do pinhal produzido no concelho tem aplica-
ção nas oficinas pintadoras do Alentejo; a parte produzida na Fábrica
nacional de Valverde é destinada pelos serviços florestais a ar-
queólogos para arqueologias.

Como já está se colherem aninhos não é grande, na generali-
dade, a bendade do proprietário para efectuar novas plantas -

ófus ou sementinas.

A parte algumas pequenas plantações de eucaliptos, encontra-se na freguesia de Santa Maria do Castelo, talvez a Indiano e Ilhéus Interiores que essa cultura comece a ter a extinção da bala pinhalas novas e do maceiro, principalmente na parte sul do concelho, para em o outro lado da estrada que connaît a União, não se nota de parte de soberbaulho e Interiores que lhe devoria merecer a sementeira de bolota com vista à regeneração dos seus montados.

É certo que nos fragmentos de Santiago e do Tordo e, na parte da de Santa Anna, vêem-se alguns chaparros primitivos que, no entanto, não devem ser suficientes para suprir as grandes demandas do hospital Lechombe, todos os anos vêm sendo abatidos.

Aliás, em boa parte dos montados do concelho encontrase preponderante envalheido, querás de caules vários, entre os quais avultam a cultura Interiores de cereais em terras pobres, ou das trincheiras levadas a efeito em anos desfavoráveis pela Lymantria da pele, i.e. a a roga do mato e lavouras em terras deslizadas e muito degredadas. Além disto, também a jardins das lavouras e das roças do mato, assim coco e gado, dominam grande parte dos montados sobreiros maciços que, a dureza poupinha e protegidos, constituiriam melhor assegurado da perpetuidade dos montados do concelho.

14 - Não existem explorações florestais organizadas. A Nota Nacional de Valores tem fundamentalmente uma função de justificativa.

15 - Os produtos da exploração florestal são as madeiras, lenha, cortiça, resinas, frutos, couro e cascas taníacas.

Como já se disse, grande parte das madeiras são de flora de concelho não muito propícia à sua exploração que tal não é devese.

Algumas das porcentagens da pinha - vloto que com o casca - alval ou pinho se pode ainda contar - estão mais lado em que não podem formar madeira; além disso, sendo muito curta a maturação, o arvoredo abatido forma uma quantidade de material lenhoso muito inferior à que dala os pinheiros mais tardios.

Afigura-se-nos, portanto, impossível qualquer aumento na produção de madeiras enquanto não se efectuarem plantações abrangentes e não se adoptarem revoluções culturais.

Quanto às lenhas, resina e cascas de pinho também se pode afirmar que só são susceptíveis de aumentar quando se efectuarem novas desmatamentos.

Pelo que da ressalva às lenhas, cascas e alval, e ao caso de estes e estes referentes já que a sua abundância resulta das desmatamentos e das podas, pelo que qualquer aumento das qualidades destes produtos da exploração florestal, só traria como con-

conquista do engranzamento do cortiço entre o material abatido e o que se regenera.

Não se obtém de aumento nas quantidades de cortiça produzida há que ter em vista a regeneração dos plantamentos e também, não já existentes, que olhar mais a sério a questão do combate à limoeira; este agente poderoso de destruição de estradas que, em dia, arranca no concelho árvores de sobreiros, juntamente com as lavouras sazonais da cultura intercalar envergonhante e as roupas de mato, que degradam o solo, muito contribui para a perda da qualidade das cortiças.

Para um momento o valor regularizado, sobretudo na produção de frutos do sobreiro, podem associar-se os custos diretos e par das pás de madeiras.

A obtenção de milha cílericas quantidades de cana-de-açúcar só se fazem, substituindo, por falta à suca da milha in-tencionalmente ou a desbastar, o que de qualquer modo não é recomendável.

14 - Com elementos referentes a solo novo e que tem sobreira conflange, constatámos que a média anual da cortiça tirada no solo velho era de 327.777 arrobas, e que a densidade média dos montados não ultrapassaria os 45 árvores por hectare. Dando, por outro lado, da aveia de 30.000 ha., a área das matas de sobreiro no concelho, temos que a média anual por hectare é de 10,5 árvores, o que condiz a 105 arrobas em dez anos, visto ser nata a idade

sem que normalmente se tirem os cortiques do tronco. Quando não se dispõem levantadas ainda é conclusão de que a produtividade média por árvore e por ano é de 2,5 tgs. de cortique.

Quanto às produções de fruto, embora sejam bastante irregulares no sobreiro, podem comprometer-se em média entre 3 a 4L por árvore e por ano; no pinhalho é assimétrica para diferir-se entre os 2 lados.

Pelo que se infere às ladeiras poderiam ficar, em tal caso no sobreiro e tanto em atenção à madeiração nos polos, que cada árvore daquela arborrecultura fornecerá em cada ladeira cerca de 2 a 3,5 metros de lenha verde; tratando-se de indivíduos de cera de poste podem obter-se 3 a 5 metros e até mais, visto que se devolvem a terra.

No caso da quinhomba, devore geralmente de menor porte que o sobreiro neste concelho, considera-se que pode valer a 10,75 tgs. que as resultantes produções não se devem afastar desse valor em torno.

As velocidades calculadas nos diferentes casos quantitativas do material lenhoso muito variável com o porte; tratando-se de árvores medianas poderiam chegar 800 a 1.000 tgs. de lenha verde e para árvores grandes poderiam chegar a ultrapassar 5.000 a 8.000 tgs.

Quanto ao carvão, embora não se possa dispor de números exactos, calcula-se no entanto que cada árvore pode dar nas lin-

pousas efectuadas normalmente de 6 em 6 mts e 0 Kg. em média; as lastilhas abertas para cozedura, se forem de milho o abacate obstante podem ter 150 e 200 Kg. de carvão, e se forem grandes podem atingir-se 400 Kg. e mesmo mais.

Das produções de lombos, ricos e amargos de pimenta e das cebolas caninhas não foi possível obter dados aproximados naquele.

17 - Óleo vertido na beira das estradas ou nas calçadas só é vendido dentro do mesmo mto, os preços de alguns dos principais mercados provavelmente da exploração fluminense.

A tabela é cortada pedindo elaborar o quadro LV em que se apresentam os preços médios, para diversos períodos, nos anos de 1940 a 1951.

Quadro LV

Ano	Preço médio por arroba		
	Virgem	Amadis	Bonitão
1940	12,00	8,00	10,00
1950	17,00	12,00	13,00
1951	22,00	14,00	16,00

Quanto a outros produtos indicar-se a seguir os preços médios calculados em relação aos ditinhos tutti frutti.

Cássoca brilhante:	1400	per arroba
Lameira de pinheiro:	1400	" "
Lameira de cedro:	800	" "
Cortado do cedro:	600	" "

Indústria: não só é possível obter melhores resultados em virtude da sua muito reduzida a actividade económica da indústria de madeira. No entanto, a Sociedade Agrícola da Serra da Estrela a constabilizou das suas madeiras os seguintes preços:

Medirão ou bruto *****	40000	e m ³
Subsolo com 0,25 m. ***	1.20000	" "
Vime *****	50000	" "

18 - Além da exploração particular entende-se na Serra da Estrela e do varvão, não existem no concelho outras Indústrias ligadas à exploração florestal.

Só referimos as vantagens que a exploração do cérvulo e do lobo-eixo de cervos e a de um pequeno rebanho poderiam trazer ao concelho, pelo que não abordam de maneira considerável.

19 - Das artigos produzidos pode dizer-se que só um ponto muito insignificante será consumido em natureza no concelho, conseguindo-se o seu quasi totalidade nos concelhos limítrosféricos, mais propriamente, às Indústrias de preparação e transformação. Isto, por sua vez, satisfarão as necessidades do acabado concelho nacional, exportas para o estrangeiro a parte mais importante dos artigos adquiridos, excepto de preparação da sementeira.

ção mais ou menos profunda.

As cascavéis destinam-se principalmente, aos mercados nacionais.

As ramos e lenhas de pinho, as lenhas de eucalipto e os frutos dos montados são consumidos dentro do concelho; as lenhas de sôbro e de azinho e o carvão, preenchidos os contingentes destinados ao consumo local, são escoados para os mercados nacionais.

20 - Como número médio, destinado a dar uma ideia, pode afirmar-se que, para o caso da cortiça, cada tirador pode extrair por dia de trabalho 20 arrobas de cortiça, sendo necessário 5 a 6 tiradores por hectare. É evidente que, conforme o porte das árvores, a maior ou menor densidade dos povoamentos, o modo como a cortiça dá e a competência e destreza dos tiradores, assim o rendimento de cada machado e o número de trabalhadores por hectare varia bastante. Em épocas e locais onde tudo concorre para um óptimo de condições favoráveis a um maior rendimento do trabalho, um tirador competente pode extrair diariamente 30 ou 35 arrobas de cortiça o que é, na realidade, excepcional.

O salário anda à roda de 24 - 25\$00 diários.

Na poda um homem limpa, em média, 10 árvores por dia derubando duas arrobas de lenha por árvore, dada a moderação da poda na região; são necessários 5 a 6 homens para a poda de 1 hectare.

terro de nortando.

O seu salário oscila, geralmente, entre 10 1000 e 20 000.

Quando a outras trabalhos não foi possível obter quaisquer dados de Interesse.

II - Das Indústrias Ilheusas é explorado apenas o do carvão importado no concelho; a lenha ou é atacada pelo proprietário e outros se encarregam que lhe paga, por cada quilo de carvão fabricado, determinada retribuição: 400 ou 400, ou essa retribuição é feita pelo comprador que paga ao proprietário um preço inferior, ou 400 ou 400 por quilo de carvão obtido.

A contribuição, naquela totalidade dos casos, é feita por conta do proprietário e vendida aos representantes da indústria e também a intermediários.

III - Além da retribuição das explorações das Intermediárias e proprietários não mais temos que recorrer à classificação quanto ao nível da relação ao controle dos produtos florestais.

III - AVALIAÇÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL-ESCOLAR E HISTÓRICA

A - Geodispersão cultural

05 - Dentro as várias formações geológicas da região sobreparam duas espécies maiores: uma de pliocénico e outra de antecedentes.

A primeira, quase plana e que é também a maior, abrange uma vasta área compreendida entre o rio Dado e a costa abrangendo a parte do Norte do concelho; a segunda, bastante ondulada, estendendo-se sobretudo para a parte Leste do concelho.

Do pliocénico derivam terrços conhecidos pelo nome de "Terras de Chucos" que, sendo fisicamente equilibrados, que se desfazem de matéria orgânica e principais fertilizantes, não tendo capacidade de retenção para a água e sendo muito ácidos, são por isso impróprios para a cultura agrícola.

O pinheiro e o sobreiro são bem neste espécie de terrços e há-de ser necessariamente na espécies com que se tem de contar para a valorização dessas terras, tanto mais que é nessa categoria de solos que se verifica a existência da quasi totalidade dos incultos do concelho.

Além disto, um exploração abusivo feita à custa do sobreiro e da pastoaria conduz algumas dessas terras a um estado de pobreza extrema.

O entracolítico está principalmente representado pelo *in*
francolítico, que deriva os solos considerados pelo nome de "terr -
 os gallegos"; sujeitos à erosão por excessos de bases, especialmente
 de cal que floemam e argila e devido ao pendor do terreno.
 Solos de espessura reduzida mas com boa percentagem de argila e
 palpérol, desempenham papel importante na formação dos solos de
 várias circunstâncias. Quase desprovidos de cal como a existê -
 cia de fósseis e densostrato, estes terrenos são certos países non -
 tanto fertilização, não podendo produzir bons resultados.

Com o fina da estrada é criado porcos pelo arrastado muitas
 barro e cultura fluvial ou subatulhado da carvalheira.

Nos encostas ocorrem ainda formações do *alocânico*, das
 quais as "barreiras", entre os terrenos de charneira e os de várzeas.
 Estas barreiras são formadas por terra com bom teor em matéria
 orgânica, bom poder de retenção para a água e principais fertilizantes,
 mas não excepcionalmente argilosas.

Além disso a grande maioria dos conteúdos de solo em terras de charneira não nos permite que haja qualquer vantagem social
 ou económica no corte de qualquer pavimento a fin de substituir
 o solo à cultura agrícola; pelo contrário figura-se-nos impren -
 sionável, sobretudo nas bacias gallegas, a autorização e a supressão
 das levasas com o fin de pôr termo aos efeitos da erosão que
 lentamente constante degradam o solo.

3 - Incultos

34 - A parte as frequências de Santa Susana onde a área das incultas é de 0,7% e a do Torrão onde atinge apenas 1,3% o que podemos considerar insignificante, na frequência de Santiago a área inculta é de cerca de 8.000 Ha., correspondendo a 0,7% e na de Santa Susana do Castelo as 10.700 Ha., correspondendo a 0,5% das respectivas áreas.

Incluindo capas de 940 Ha., de vegetação exuberante dentro da tira frequente julgamos que todas as incultas do concelho numa área aproximada de 68.000 Ha., têm aplicação florestal a avançar de lo que nos foi dado observar em colas lindíticas.

As lindíticas referem-se só na sua totalidade particulares.

O aproveitamento destas cascatas lindíticas, constituidas por colas de charcos, tan da vez culto a pouco vir para utilização do pinheiro bravo e anexo bem como este príncipio do lindital e nas suas degradações e do sobreiro não mais latente e cujos espécimes videntes.

Para as frequências de Santa Susana e do Torrão será recomendável cultivar em valor secundário o sobreiro e a canela, onde seja possível, e só depois o pinheiro, tanto na arborização das pequenas incultas ali existentes como nas terras palegas que por muitas vias são por exploradas intensamente com culturas florais.

Na freguesia de Santa Maria do Castelo são os seguintes os principais incultos:

Herdades da Comporta e Carrasqueira ..	7.276 Ha.
Herdade de Montalvo.....	3.882 "
" de Monte Novo	1.737 "
" da Murta	1.577 "
" da Batalha	1.484 "
" da Ervideira	913 "
" de Cachopos	885 "

Na freguesia de Santiago os principais incultos são:

Herdade de Pedrogão	991 Ha.
" de Arapouco	389 "
" de Porches	386 "
" da Charneca	326 "
" do Vale da Arquinha	150 "

Na freguesia do Torrão são apenas dois os incultos principais: 200 Ha. nas herdades de Franguins e Vale de Gaio e 113 Ha. na de S. Bento.

Os incultos situam-se principalmente na muito grande e na grande propriedades, sendo o regime dominante o de conta própria e o arrendamento incluído geralmente no contrato referente a terras de semeadura.

03 - Provoca como está tecidos e praticamente a inactividade das terras de stampas para a arvençalhatura, só podendo ser pelo visto planar tão extensa área de incultos no concelho pelo arboreto - cultivo florestal.

Então não se vê figura caso de risco ou de risco e arborização dessas incultas parcerias, ao entanto, que encerra as dificuldades resultantes para a realização do seu objecto económico tanto por que por um a única forma, do momento, de valorizar todos improductivos, quer pelas vantagens económicas e sociais que adviriam da exploração das povoações.

Pelo que ali respeito às terras galague, a arborização dessas inculturas é salvo a agricultura e o melhoriaimento das povoações já existentes, que suprimento da cultura cerealífera, aldeia de outros, seria de grande valor como solo de obter é exato desses terrenos em geral de encosta e por vezes com elevados pendentes.

03 - A maior dificuldade praticada na arborização dos incultos é que resulta do facto da cultura florestal ser uma cultura a longo prazo, agravada ainda por os tratos de incultos muito extensos.

Na verdade raro é a propriedade que não desejaria ver o resultado que a incultura dos seus empregos financeiros e perde a muitos pequenos investimentos de capital e tão longo prazo como o que a exploração florestal impõe. O caso mala desinteressa quando se trata de socalcos novos.

Neste aspecto é quando verbo que o problema não terá solução enquanto o Estado, mediante a promulgação de leis apropriadas e eficazes com base em empréstimos a longo prazo e não se auxiliar financeiramente e esclarecendo técnica, não vier desportar o interesse do proprietário, os muitos casos em vantagem do empreendedor nas suas relações econômicas para o fisco.

O - Boldios

27, 28 e 29 - São exames boldios neste consulho.

IV - PLANO DE TERRAS INOCULADAS -

- CONCEPÇÃO COMERCIAL

20 - Vizos no n.º 23 que podemos dividir o concelho em duas grandes zonas; uma de píloceno, entre o rio Sado e a costa até Ortegal estendendo-se até à parte Norte do concelho que é quasi plana, e esta compõe também uma vasta área do Interior, constituída por solos de carbonatos inferiores, bastante calcificados.

O problema essencial da zona de píloceno não é o problema de erosão pelo arado na parte exterior se podem apontar algumas causas de erosão sólida, mas especialmente um caso de valimento de solos degradados, assunto já tratado nos n.ºs. 24 e 25, pelo que com dispensável fizer valo considerações.

Já pelo que se refere aos terrenos abrangidos pela zona de carbonatos o problema é diferente e grande valo crivo, sendo também da vala difícil evolução.

Será óbvio, quando bem vista essa zona é constituída por solos com pendentes elevadas, constantemente sujeitas a um processo de erosão superficial; na maioria, as extensas áreas de várzeas do concelho devem a sua grande fertilidade aos materiais que os cais que são ali depositados, trazidas pelas águas que os arrastam e que suportam.

As causas principais desse fenómeno são, como já se tem apontado várias vezes, a deficiente ou insuficiente arborização

florais das florestas encontradas pelo príncipe das rosas e o parque da flore e das flores, demonstração da cultura carnifícina.

Por este processo lento, mas contínuo, que não é tanto malo e sério por os seus efeitos não serem visíveis em curto espaço, são criadas e degradadas muitas milhares de hectáreas ao todo o ano.

As próprias ações do homem fazem o contrário e sempre para se contrariar a sua criação; extinção e apagão é as encostas, supondo o diminuir da fertilidade das terras do solo e vegetação selvagem, a eliminação das florestas e da cultura do solo ou outras, sobretudo.

31 - Os solos do arredor profundo também se desgastam sendo sór um milhão de hectares; os que restam, além de inadecuados à agricultura, apresentam-se poluídos e com uma deterioração constante.

No proprietário doméstico vale da Terra encontramos algumas poucas casas rústicas de estrada nacional que servem a tabela e junto a um abacaxeira já existente para armazém de sementes para a cultura do arroz. Casas simples que servem de mato nativo local, especialmente no topo do pântano constituída por solo que não totalmente contribuiu ao solo.

O solo mais característico é o da divisa o do Rio Xingu

que para montante e para jusante da vila do Torrão apresenta características fortemente torrenciais; o seu leito, quase seco em grande parte do curso, apresenta-se pejado de enormes blocos e afloramentos rochosos por terem sido arrastados grandes volumes de terras que as cobriam. É evidente que este fenómeno não é recente mas também é certo que tanto o rio como outros cursos de águia seus afluentes continuam a transportar anualmente grandes quantidades de carrejos de diversas naturezas e dimensões. Julgamos que uma boa e bem orientada arborização poderia regularizar o regime das águas e ao mesmo tempo evitar a erosão de grande parte dos terrenos declivosos da bacia de alimentação do rio e seus afluentes. O mesmo se pode dizer em relação às Ribeiras de Santa Catarina e de Algale, na parte dos seus cursos onde são maiores os declives.

32 - São principalmente a falta de cobertura florestal e rasteira e ainda a não existência dum manta abundante, a que se associam elevados declives, terrenos facilmente desagregáveis e práticas agrícolas desaconselhadas, as causas em que se podem fundamentar os casos de erosão observados.

33 - Os efeitos provocados pela erosão são assoreamentos, tanto locais como longínquos, e deposição de materiais finos nas varzeas donde provém a sua grande fertilidade.

34 - Conforme temos dito julgamos não ser necessário empreender obras de engenharia mas apenas proceder à arborização para

que se considera nobeliano, ou pelo menos vedada malha, ou em *
uma de suas formas estendidas.

7 - ANEXOS DIVERSOS

65 - Não se nota qualquer tendencia no movimento comercial de matérias de qualidade por não serem produzidas no concelho e por não terem nexo comum.

Os produtos florestais que mais interessam e cujas exportações comerciais são, como facilmente se pode ver na figura, o carvão e as lenhas.

O aumento da procura de cortices por parte da Indústria, especialmente em destino à exportação, este aumento se deve sobretudo ao número de aplicações cada vez maior do produto e ao facto de ser importante matéria prima, com sua pouca área de produção no mundo, bem tida o correspondente desenvolvimento das actividades comerciais.

O cervo e as lenhas são ainda hoje de lance, se mesmo ralis, as escasas fontes de energia calorífica fornecidas pelo que não é de observar desaparecer progressivamente no concelho, nascendo novas produções, uma parte muito importante das suas actividades comerciais.

66 - Não existem no concelho rios ou ribeiras florestais particularmente de fato.

67 - A existência de duas grandes albufeiras dentro do concelho - Tolo de Gelo e Pego do Albar - seria certamente grande

perspectiva se fomento da plantação.

A fauna não será certamente tão suposta que devita ao festeiro até há pouco tempo não autorizem cunhos de ferro de mola permanecendo com condições propícias à vida do capoeiro nela vivendo do que o barro e poucos cais.

Serão talvez interessante analisar aqueles abutreiros a que se adaptam julgando-se mais apropriados às condições locais.

Não avancei ainda o ponto de práticas conservatórias de pesca.

50 - Embora se verifiquem casos de ataque de processionalária em algumas pinheiras, burgo nos anelares, esbrilho nos eucaliptos é, nem devia alguma a de muito longo, a Limoniia, a praga que mais mausulhos causa nos portões do candalho.

São já quase crónicas os grandes ataques da Limoniia nos portões da berlinda de Palma Sorda só intercalado outros focos; durante alguns meses milhares de cobralhas, cobrindo milhares de hectares numa vasta área, fundo Palma, Vale da Turça e Albergaria por exemplo, ficam completamente desfolhados, oferecendo um aspecto funerário.

Estes ataques, que se verificam de vez em vez e cada vez com grande intensidade, têm graves consequências: redução no crescimento e vigor das árvores, perda da frutificação, diminuição na produção e na qualidade das culturas e consulhamento generalizado.

Têm sido feitos alguns tratamentos com o fim de combater a praga, mas por serem dispersos e esporádicos, não se têm conseguido resultados animadores.

Julgamos que o problema em questão terá de ser encarado com a suficiente energia, talvez com a intervenção efectiva do Estado, através dos seus serviços competentes e com obrigatoriedade da parte do subericultor na execução das medidas julgadas mais convenientes.

Os tratamentos mais usados até aqui têm sido vários.

Há cerca de duas dezenas de anos foi ensaiado na herdade do Pinheiro, especialmente na parte confinante com Palma, o combate à limantria pela luta biológica, sendo então usado para esse efeito o himenóptero Schedius huwanee How importado de Marrocos mas de origem japonesa, depradador dos ovos, parece que com resultados satisfatórios.

Depois de serem ensaiadas outras formas de combate como destruição de posturas por vários métodos, ultimamente tem-se recorrido em grande escala às pulverizações oleosas de insecticidas à base de D.D.T.

39 - Nunca existiram, ao que parece, no concelho espécies de valor nacional como carvalhos, castanheiros e nogueiras em quantidade que permitisse grandes devastações.

40 - Não se pratica resinagem no concelho.

41 - Assunto tratado já no nº. 11.

42 - Acerca do modo como o descortiçamento é conduzido na região podemos dizer que, sob certos aspectos, êle é bem orientado sendo porém mal conduzido noutras.

Normalmente a época mais activa dos trabalhos de descortiçamento no concelho vai desde princípios de Junho até meados ou fins de Agosto; este período corresponde a uma grande actividade celular das assentadas geradoras, o que favorece a extração da cortiça.

Quanto ao descortiçamento propriamente dito começemos pela desbóia dos chaparros. Neste aspecto vêm-se, em muitos casos, verdadeiras barbaridades, nem sempre talvez por ignorância do proprietário, mas sem deixarem, por isso, de estar em contravenção com as leis de protecção ao arvoredo, a cada passo desrespeitadas supomos que por excessivo abrandamento e deficiências de fiscalizaçāo.

Com efeito, depara-se a miude com chaparros desboiados a perímetros inferiores aos que a lei impõe, alguns até com perímetros sobre a cortiça de 0,40 m. e menos, levando-se por isso em muitos casos a despela a alturas muito exageradas.

Tais práticas não podem, em caso algum, deixar dúvidas quanto aos seus resultados, pois é sabido que nas idades novas, tais desmandos têm as mais funestas consequências no crescimento e no

futuro da árvore e na qualidade e quantidade das futuras produções suberosas.

Fazendo humorismo sobre o caso ouvimos dizer a um ilustre e consciencioso subericultor que a desbóia, em casos como estes, se tornava excessivamente onerosa em virtude de serem necessários três homens para a executarem; um para extraír a cortiça e mais dois para ampararem o chaparro.

Na extracção de cortiças pretas, a par de descortiçamentos em que a intensidade está dentro dos limites que se podem considerar razoáveis, vêem-se outros que pecam por uma excessiva superfície despelada.

Julgamos que no concelho se segue mais o processo de tirada a pau batido do que a tirada por "meças", e tanto no primeiro como no segundo caso praticam-se exageros condenáveis.

As consequências destas práticas revelam-se a cada passo por formas diversas tais como: diminuição do crescimento, morte de porções maiores ou menores do entrecasco, enfraquecimento geral com predisposição às pragas e doenças, menores e qualitativamente mais fracas produções suberosas.

Entendemos que para o caso da desbóia, uma fiscalização conveniente poderá ser eficaz na repressão dos desmandos que se praticam.

Para o caso da extracção de cortiças pretas, supomos ser

T E R C E I R A P A R T E

O S P R O B L E M A S D O C O N C E L H O

Outro encontro, de ordem geral e comum a grande parte do País, podemos considerar, como fundamental para o concelho, os três seguintes problemas:

- I - melhor aproveitamento dos recursos aquáticos
- II - racionalidade da colonização
- III - arborização

I - ÁGUAS

O concelho da Alcácer do Sal é, em superfície, o menor do País e embora a sua área rural seja muito extensa é ainda suscetível de aproveitável aumento.

A água para riego provém das barragens do Vale do Cule e do Peço do Altar e de outras particulares, e ainda de variações de cursos aquáticos. Existem possibilidades de se construir novas albufeiras e algumas já foram enunciadas no fazer-se o estudo de urbanizações do concelho.

Afigura-se-nos, portanto, que todas as possibilidades aquáticas do concelho tornam-se necessárias aproveita-las convenientemente e considerar, neste modo, para maior extensificação e intensificação cultural.

Com a água, ainda por sinalizar, podem e devem submeter-se ao repacto mais alguma milhão de hectáreas, que são juntas quase igualável àquelas a que dedicamos apenas à cultura do

azres, de harmonia com as condições naturais, pois considera mos se maior interesse que elas sejam aproveitadas, fundamentalmente, em culturas forragíneas por permitirem aumento substancial dos efeitos produtivos existentes.

A horticultura e a fruticultura, com características intrínsecas, deviam ser expressão importante do aproveitamento da natureza superfície regada.

III - COLONIZAÇÃO

Outro problema é o da mão de obra, em parte importa de um período de maior escassez visto o concelho possuir baixa densidade populacional e a sua vasta superfície exibir numerosos lagos. Defendemos, por isso, a opinião de que pelo menos parte, do pessoal assalariado proveniente da vecindade migratória se fixasse por meio da colonização. O concelho tem largas áreas susceptíveis de poderem ser exploradas por tal sistema, mas qual é possível o estabelecimento de casas agrícolas e de gibeas - subsídio de salário - que não absorvessem sendo parte da mão de obra dos seus proprietários, o que permitiria fixar número mais elevado de trabalhadores, ao mesmo tempo que deixaria livre mão de obra, para ser assalariada.

III - ARBORIZAÇÃO

Grandes extensões de terras, da ordem dos milhões de

hectares, espécies com apetido silvícola, encontram-se por revestir horizontalmente tornando-se pronta a sua arborização sobre todo o material seme do pliocénico, por isso dos pinheiros bravo e magro e do sobreiro. Paralelamente, consideramos conveniente estudo e adaptação de algumas espécies de rápido crescimento, principalmente taníferas.

Em resumo e para terminar as considerações feitas: o trabalho de Aldeão da Serra tem possibilidades de aumentar a área de terradão e de varrer coberturas de floresta milhares de hectares. A par desse aumento de riqueza, couviria melhorar um tipo de exploração, abrangendo também algumas milhares de hectares e condensar as espaldas propriedades rurais abandonadas, ao seu próprio benefício e da colectividade, e estarem mais em contacto com a terra que em geral é trocada pelos grandes centros e afastada, assim, das suas principais atenções.